

REVISTA DA SEMANA

Nº 15



CR \$ 2,00 em todo o Brasil

12-4-47





UM NOVO FAVORI- TO DO PUBLICO

PELA primeira vez, um ator inglês, aparecendo em filmes ingleses, conquista popularidade igual ou maior do que a de muitos ídolos de Hollywood. Esse ator se chama James Mason e foi intérprete de "O Sétimo Veu" e de outras películas. Sua fama é tão grande que o produtor norte-americano H. E. Wallis o convidou a interpretar a figura de Tchaikowsky, num filme em technicolor, sobre a vida do famoso compositor russo. Em cima, vemos James Mason, como apareceu em "O Sétimo Veu" e com Margaret Lockwood, em "Malvada". Em baixo, o ator inglês, em cenas de "Eram Irmãos", com Phyllis Calvert, à esquerda, e com Dulcie Gray e dois atores infantis, na segunda.





MORREU o rei Jorge II, da Grécia, após brevíssimo reinado, em seguida à restauração do trono. Se estivesse no exílio, talvez tivesse durado mais alguns anos. Rei morto, rei posto, — diz a locução popular. E, por isso mesmo, subiu ao trono o príncipe Paulo, que é, agora, o novo rei... E rei cujo trono se assenta sobre um paiol de pólvora, mantido pelas baionetas inglesas, premido pelos guerrilheiros e, ainda, com relações estremitas com a Rússia, nação que está pondo um olho deste tamanho, — o olho de Moscou. — nos Dardanelos e nos Balcãs... Por falar em realza, não impressionou bem aos monarquistas a decisão do ditador espanhol Francisco Franco, restaurando a monarquia por um decreto, mas apenas pro-forma... Com isso, visa o caudilho duas coisas: perpetuar-se no poder, enquanto for vivo, e desarticular a frente única que está sendo articulada entre os republicanos e os monarquistas de índole democrática (os que querem o rei governando com um parlamento e com eleições livres, em lugar de uma tirania nazi-fascista). O candidato ao trono da Espanha, o príncipe D. Juan de Bourbon, ao que se diz, exigirá que todos os monarquistas renunciem aos postos que ocupam no governo espanhol, isto em razão de só estar prevista a ascensão do descendente de Afonso XIII ao trono por morte ou invalidez definitiva... Foi muito lamentada nos meios teatrais a morte do cenógrafo Hipólito Collomb, que, vindo de Portugal há vinte e cinco anos, logo se radicou ao nosso meio artístico. Hipólito Collomb fez muitos cenários para Dulcina e seu último trabalho, do gênero, foi o cenário da peça "Mocinha", de Joracy Camargo, o nosso mais reputado autor dramático. Hipólito Collomb colaborou, também, na confecção de prêmios carnavalescos de vários clubes. Seriadamente enfermo, Jayme Costa, ator de real talento e trabalhador infatigável, viu-se obrigado a se afastar por alguns dias do palco do Glória, onde foi substituído pelo ator Palmeirim Silva. Figura muito popular e estimada, Jayme Costa recebeu inúmeras visitas e votos de pronto restabelecimento. Com referência, ainda, ao teatro: desde a apresentação de "Chuva", por Dulcina de Moraes, São Paulo não conhecia êxito artístico tão extraordinário quanto o de "Desejo", a grande peça de Eugene O'Neill, apresentada no Teatro Municipal da capital bandeirante por Olga Navarro, Sandro Polônio e Z. Ziembski. O sucesso foi de tal sorte que "Os Comediantes" não conseguirão dar nenhuma outra peça na sua temporada de São Paulo. O representante da França na Comissão de Energia Atômica, professor Frédéric Joliot-Curie, fez uma proposta, dizendo que "a fabricação de bombas atômicas devia ser suspensa durante as negociações sobre o controle da energia atômica, afim de acalmar a opinião pública e facilitar os debates". Trezentos mil mineiros das minas de carvão do Ruhr, no território alemão (ainda há dias "REVISTA DA SEMANA" publicou interessante reportagem sobre as mesmas) promoveram uma greve em sinal de protesto contra a má alimentação. É o primeiro ato de rebeldia de graves consequências tentado na Alemanha depois da derrota que lhe infligiram, as nações aliadas. O deputado trabalhista Ugo Borghi fez um discurso, no qual demonstrou, por A mais B, que o Partido Trabalhista não é partido, mas um feudo do Sr. Getúlio Vargas, e que seus ex-correligionários o sabotaram, por todos os meios e modos. No calor da discussão, o Sr. Ugo Borghi deu apartes vivacíssimos e achatantes, saindo vitorioso sobre os que se meteram a interromper o seu discurso. Veio, depois, a resposta do Sr. Baeta Neves. Resposta muito fraquinha, muito sem colorido, só serviu mesmo para acentuar a vitória do Sr. Ugo Borghi. E, enquanto isso, a cisão do P. T. B. continua a se alastrar. Parece definitiva a vitória do Sr. Barbosa Lima Sobrinho sobre o Sr. Neto Campelo, nas eleições de Pernambuco, cuja lenta apuração e cuja chuva de recursos já estão começando a enervar os pernambucanos... Os rebeldes do Paraguai continuam a fazer frente contra a ditadura do fagannudo general Higinio Morinigo. A marcha sobre Assunção progredia, quando encerramos esta edição. O internamento do chefe revolucionário paraguaio, major Cesar Aguirre, foi defendida na Câmara dos Deputados pelo deputado Luis Viana. Mas na Câmara Municipal, um protesto contra esse ato do governo, inculcado como tendo favorecido a ditadura paraguaia, foi aprovado por unanimidade, — e, acreditem ou não, até com o voto do vereador integralista, Sr. Jayme Ferreira da Silva! Foi brilhante e alcançou grande repercussão nos círculos militares a conferência que o nosso colaborador, major Umberto Peregrino, realizou sobre a vida e a obra do general Dionísio Cerqueira, no Club Militar, sob a presidência do general Canrobert Pereira da Costa, ministro da Guerra. Os ministros militares fizeram declarações desfavoráveis à organização de um movimento intitulado "Juventude Comunista". Ao mesmo tempo, os jornais a anunciar, mais uma vez, para muito breve, o julgamento do ruidoso processo contra o Partido Comunista, — contra cujo fechamento se pronunciaram figuras como Otávio Mangabeira, José Américo e outros. O "Correio da Manhã" diz que a papelada já anda em dezenove volumes. Na Câmara dos Deputados, o Sr. Plínio Barreto deu parecer sobre o projeto de extinção da enfiteuse. E na Guanabara foram pescados os cadáveres de cinco vítimas da catástrofe da lancha "Cubana", — embora a Frota Carioca S. A., em publicação paga nos jornais, dissesse que o desastre "não assumira as proporções divulgadas no primeiro instante"... Por hoje, é só. Até outro dia...

Estômago Sujo

As vezes, sem saber porque, sente-se de repente grande abatimento geral, aborrecimento, moleza, indisposição profunda, mal-estar em todo o corpo, preguiça para fazer qualquer esforço, até dores e peso no estômago, na cabeça e no ventre; em fim não se tem vontade nem coragem nenhuma de trabalhar!



Sempre que estas perturbações aparecem assim de repente, deve-se ter a certeza de que o estômago e intestinos estão muito sujos e cheios de matérias fermentadas e tóxicas, e neste mesmo dia convém usar **Ventre-Livre**, afim de prevenir complicações e moléstias mais graves.

Um Conselho

Evite as medicações violentas e debilitantes!

Para tratar racionalmente a prisão de ventre, use **Ventre-Livre**, remédio brando e suave, que alivia, limpa e tonifica o estômago e intestinos e exerce uma ação muito salutar sobre as funções do fígado.

Todas estas qualidades é que fazem com que **Ventre-Livre** seja largamente usado em tão numerosos e importantes países.

Use **Ventre-Livre**

OS NOSSOS CONCURSOS LITERÁRIOS

CONCURSO DE CONTOS — São estas as bases do nosso concurso permanente de contos: 1º — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade; 2º — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos; 3º — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana na publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem; 4º — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas; 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração no envelope: "Concurso Permanente de Contos da REVISTA DA SEMANA"; 6º — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

* * *

CONCURSO DE TEATRO — A comissão julgadora ainda não nos entregou o seu parecer.

* * *

CONCURSO DE ROMANÇOS — Foram recebidos os seguintes originais: "Eterno castigo", de Raul Vital; "Alvaro Gonçalves", de Paulo Licio Rizzo; "O destino é que nos leva", de Graciema P. Gennire; "Angustiado estou por ti", de Henrique Consort Junior; "Heróis e pecadores", de Jary Gomes; "Vereda luminosa", de Leda S. de Andrade; "Paixão e sensualismo", de Antonio Tibiriçá; e "Alvorada", de Betina Diniz, além de um romance sem nome de autor e sem título, que começa com a frase: "Eram sete horas menos dois minutos". Ao autor desse trabalho, rogamos a gentileza de se identificar. "Atlântida soterrada", do Sr. Mário (pseudônimo); "Um cachorro e outras pessoas", de Alberto Leal; "Tempestade", de Adelino Volfar (pseudônimo) e "Vila São Jorge", de Eduardo Grotto Carretero.

Todos os originais já foram por nós distribuídos à comissão julgadora, constituída pelos escritores João Luso e Bertio Neves.

O PINCE-NEZ DE OURO

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORÇONS

R. CARIOCA N.º 23

Featheria

LUIZ R. RICART

TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELOGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



A loja de um antiquário é um museu em miniatura. Existem ali quadros, gravuras, cerâmica, tapetes e mil outros objetos dos mais distantes países da terra e de várias épocas. As mulheres não gostam de vender antiguidades, mas em compensação adoram gastar nelas o seu dinheiro! Os novos-ricos fizeram a prosperidade desse comércio; quando desaparecerem os antiquários fecharão... Na página ao lado: uma senhora interessada em adquirir objetos decorativos para enfeitar o seu apartamento...

MANIA DE ANTIGUIDADES...

Surge e se alastra no Rio de Janeiro um novo comércio — Quando os "nouveaux-riches" são os melhores fregueses — "É de viúva? Ótimo!" — O guarda-civil amante das belas artes — Do palácio imperial da China para a praia de Copacabana — Inflação nos preços da porcelana chinesa — Um brasileiro que discorre fluentemente sobre os imperadores Sung, Ming e Ching — De um nada se faz uma fortuna... — A questão é ter paciência...

Reportagem de Ney Machado

Fotos de Newton Viana



A GUERRA trouxe dois novos comércios para Copacabana: o do "pif-paf" clandestino, em salas que tiram o "barato" muito caro, e o dos antiquários. Enquanto este último atravessa uma crise tremenda, aquele jogo de cartas atinge agora o seu apogeu, beneficiado como foi pelo fechamento dos casinos. Um comerciante oportunista a quem visitamos confessou-nos, reservadamente, que estava decidido a fechar sua casa de arte antiga e se dedicar a outro comércio, mas lucrativo, abrindo um apartamento para bancar "pif-paf". A crise dos antiquários é aguda. Morrerá, realmente, o comércio de antiguidades no Rio de Janeiro?

Antes de mais nada é bom que distingamos o que é "comércio de antiguidades", pois dê-se nome usaram e abusaram lojistas que realmente não se enquadram dentro dessa especialidade. Antiquários verdadeiramente dignos desse nome existem bem poucos na cidade. Talvez cinco ou seis, no máximo. Não vamos, é claro, dar nome e endereços porque esta reportagem não tem essa finalidade. Os outros são negociantes de arte em geral, leiloeiros, donos de "bric-a-brac", casas mistas, onde às vezes se encontra uma peça de porcelana da dinastia Ching ao lado de uma moderníssima cerâmica de S. Paulo ou de uma falsificação de um quadro clássico.

Entre os antiquários e mesmo incluindo-se os pseudo-antiquários, são raros os brasileiros. Quase todos são re-

A esquerda: D. Odete depõe: "Quando veio a moda da arte antiga, os grântinos compraram tudo que era velharia pensando que estavam adquirindo antiguidades". A direita: Um console de jacaranda adquirido para o palácio de São Cristóvão, quando D. Pedro I se casou pela segunda vez







O antiquário Lemos explica ao repórter como se distingue das Índias. O azul plumbeo característico, "azul como o gundo definição dos entendidos chineses, não pôde até hoje perder-se

uma peça de porcelana chinesa fabricada pela Companhia Ceu visto por entre as nuvens depois da chuva", ser imitado por qualquer país. O segredo dessa coloração na China.

fugiados da Alemanha, da Polónia e da França. Um italiano, filho de uma terra por excelência artística e que por isso mesmo deveria ter jeito para o negócio, abriu uma dessas casas em Copacabana, quasi na esquina da rua Oto Simon, e faliu. Também como exceção existe uma casa de portugueses em Copacabana. O antiquário brasileiro da rua Chile não faz má figura entre os seus poucos colegas de profissão, passa mesmo por ser o mais perfeito "connoisseur", sendo no assunto autoridade reconhecida pelo nosso governo, que já o nomeou perito em avaliações de peças históricas. Além disso, é membro do Instituto Histórico e Geográfico. Escolhemos o representante nacional da classe para iniciarmos a reportagem. Se fôssemos taquígrafar a sua palestra poderíamos encher um livro, pois o Sr. Marques dos Santos dá a vida para discutir e explicar as particularidades e a história de cada uma das peças antigas.

O MAIS ANTIGO DOS ANTIQUÁRIOS

Marques Santos abriu sua loja de antiguidades, talvez a primeira do Brasil — numa época ingrata, quando os móveis chamados hoje "fim do imperio" tinham apenas trinta e oito anos de idade e existiam aos montes, em tudo quanto era casa velha do Rio de Janeiro. Na época em que iniciou o seu comércio, os móveis, pratarias, imagens e outros objetos do primeiro ou segundo Reinado tinham valor diminuto, não só porque não estava em moda adornar as residências com aquelas velharias, como também pela abundância com que esses objetos eram encontrados em todos os solares do Rio. Era, portanto, uma temeridade negociar com essas peças desvalorizadas. Em 1927 e 1928 houve mesmo um surto de modernismo na decoração dos interiores e exteriores dos prédios. A pintura imitava arabescos surrealistas e os "bibelots" só eram apreciados quando com desenhos futuristas.

— Boa época — diz-nos, na loja, um velho colecionador — Boa época para se fazer "stock", comprando na baixa peças que mais tarde iriam custar uma fortuna.

QUANDO O BRASIL ERA UM VASTO CAPINZAL

O lojista em meio à conversa faz uma comparação interessante, a respeito do que era o interesse artístico da nossa população há vinte anos atrás.

— O Barão de Santo Angelo disse uma vez, em 1840, que o Brasil daquela época não passava de um vasto capinzal. Oitenta anos depois eu poderia repetir a mesma frase, quanto ao nosso ambiente, ausência de conhecimento e falta de gosto pela arte, em geral. Hoje em dia, por cabotismo ou por ilustração, a situação é melhor.

— Quando o comércio de arte antiga tomou incremento entre nós?

Marques dos Santos precisa-nos a ocasião, depois confirmada por vários outros colegas:

— De 1928 a 1933 o progresso foi lento. Vendíamos apenas para os poucos colecionadores de arte que possuíamos. Desta última data até 1942 o progresso foi mais rápido e de 1943 a 1945 veio o tempo das vacas gordas. As lojas com o título de "antiguidades" brotaram na cidade como cogumelos...

— E a que se deveu essa epidemia?

— Aos abençoados "nouveaux-riche". Os lucros fáceis, ganhos no período agudo da guerra, na maré montante da ditadura, eles os empregavam a torto e direito.

OS COMPRADORES DE REBOTALHO

O nosso interlocutor tem, por vezes, uma cáustica malícia, não se importando em ironizar os seus próprios fregueses. Assim, ele continua:

— Que excelentes compradores, os novos-ricos! Levam sempre as coisas de mau gosto, aquilo que nos parece impossível vender, fazendo uma limpeza dos rebotalhos. Se não fôssemos esses abnegados eu teria de queimar de tempos em tempos uma porção de cacarecos sem valor. Mas aí é que aparecem os "entendidos de última hora" e fazem uma limpeza em regra. Parece-me que atualmente eles

não ganham o dinheiro com a mesma facilidade e, por isso, suas visitas são mais raras. Em consequência, o comércio entrou em crise. Ah! que saudades dos novos-ricos!...

Entre uma observação e outra, vai-nos mostrando preciosidades da casa.

— Este consolo, folheado de jacarandá, com aplicações de "papier-marché", procede do Palácio de São Cristóvão e fôra adquirido pela família real para o segundo casamento de D. Pedro I. É de fabricação fluminense, provavelmente de Julio Legér. Adquiri-o há 15 anos, no leilão da viúva do comendador Catramby, senhora que faleceu em Copacabana com noventa e dois anos de idade. Tenho o consolo como mascote da casa. Já me ofereceram por ele dez vezes o seu custo, mas não desejo vendê-lo.

CADA FREGUÊS COM SUA MANIA...

Enquanto passávamos de um oratório fabricado no Pará em 1830 para uma jarra de opalina que pertencera ao visconde de Meriti, o antiquário contou-nos casos pitorescos sobre a mania de seus fregueses:

— Enquanto os que têm dinheiro em excesso, possuem, em geral, insuficiência de senso artístico, surgem, às vezes, os casos opostos. Durante muitos anos frequentou a minha loja um modesto guarda-civil, cujas visitas tinham apenas a intenção de admirar os quadros, móveis e porcelanas. Da primeira vez que tentei puxar conversa, ele cabulou e saiu. Depois, fez-se entre nós maior intimidade e durante a conversa eu me admirava de suas observações criteriosas sobre o que existe realmente de arte aqui dentro. O guarda-civil tinha um senso estético extraordinariamente apurado. Nunca me comprou um só objeto...

"É DE VIUVA? ÓTIMO!..."

Enquanto conversávamos, durante quase uma hora, não fomos interrompidos por fregueses. O entrevistado explicou-nos que isso era coisa comum nesse comércio. Acontece, às vezes, passar três ou quatro dias sem que realize uma única venda. Conta-nos, depois, a mania de outro freguês, este ainda assíduo na casa.

— Um velho cliente meu tem uma singular mania. Só adquire um objeto quando o mesmo não pertence à loja, tendo sido deixado em consignação por uma viúva ou alguém em aperto. Ele chega aqui com seu passo miúdo, olhar vivo e vai levantando as pequenas peças. — "Oh! Santos, isto é seu? E isto? E este? Este, não? Pertence a uma viúva? Ótimo! Telefone para ela". Completo, então, uma ligação telefônica hipotética, obtenho o preço da "viúva" e o freguês adquire contente a preciosidade...

Despedimo-nos, depois desse caso. Parece-nos que o entrevistado é um fenômeno de sinceridade. É um homem corajoso. Não tem medo de perder seus fregueses.

DO PALÁCIO IMPERIAL DA CHINA

Aquele enorme vaso de bronze esmaltado que o repórter admira no antiquário português da Avenida N. S. de Copacabana tem uma história antiga e curiosa. Há quase cem anos atrás, — segundo o que ele informa, — em 1858, tropas do imperador francês Napoleão III realizaram a primeira das suas duas expedições no Extremo Oriente, visando principalmente a China. Nessa primeira expedição conseguiram invadir o Palácio Imperial dos Filhos do Céu roubando entre outras coisas os dois gigantescos vasos que vieram parar, um século depois, na ensolarada praia de Copacabana, local antípoda daquele para qual tinham sido destinados. Até o dia de hoje viram muita coisa. Seguiram da China para as Tulherias, onde estiveram longos anos, sendo depois presenteados a um nobre francês. Este fidalgo, numa das suas aperturas financeiras, não teve dúvida em desfazer-se dos vasos, vendendo-os ao gran-

"Danúbio Azul", figuras em porcelana de Saxe do século XVIII. A porcelana de Saxe dessa época é atualmente tão valiosa quanto sua rival chinesa, pela beleza e principalmente pela raridade.



de colecionador português conde de Burnay. Em 1916, segundo as mesmas informações, fez-se em Portugal um leilão das coleções de arte do gentilhomen luso, sendo os dois vasos adquiridos pelo proprietário do "Antiquarium", de Lisboa. Daí, vieram para o Brasil e, agora, em troca de duzentos mil cruzeiros, irão ornamentar qualquer apartamento, possivelmente de algum "tubarão" de lucros extraordinários...

ESTADOS UNIDOS, CAMPEÃO DOS COMPRADORES

O Sr. Lemos, proprietário da loja em que estamos, pertence a uma família que há duas gerações se dedica ao comércio de antiguidades em Portugal. Essa família abriu a casa no Brasil quando os lucros trazidos pela guerra, de que nos falou o Sr. Santos, deram impulso a esse ramo de negócio. Enquanto nos mostra uma terrina de porcelana da China, fabricada pela Companhia das Índias para D. Bernardo José Maria de Lorena, 5.º conde de Sarzedas, ele nos conta um pouco da "história da valorização da porcelana da China":

— Um serviço completo de porcelana da Cia. das Índias, da China, custa hoje, em média, duzentos mil cruzeiros. É claro que existem alguns que valem até cinco vezes mais. Essa valorização de porcelanas antigas e objetos raros em geral deve-se exclusivamente à febre dos compradores ianques, que de 1927 para cá iniciaram uma grande ofensiva sobre o mercado artístico mundial, comprando tudo o que representasse valor como antiguidade — porcelanas, móveis, quadros, etc. O "stock" de preciosidades dos séculos passados, com isso, foi sendo transferido para a América do Norte, que hoje em dia é o país possuidor do maior e talvez do melhor patrimônio artístico antigo. A Inglaterra perdeu longe para os Estados Unidos, embora os melhores conhecedores de arte antiga ainda se encontrem entre os ingleses...

— A América do Norte inflacionou o mercado..

— Exatamente. Senão, veja: até 1926 o preço médio de um serviço de porcelana chinesa era apenas de doze mil cruzeiros. Os Estados Unidos elevaram-no, como já lhe disse, para duzentos mil cruzeiros, atualmente.

O antiquário queixa-se, depois, da crise. A seu ver, ela vai em ritmo crescente para o seu comércio e não vê perspectivas de melhora. Passa uma semana sem vender coisa alguma e a manutenção da casa, empregados, etc., é extremamente dispendiosa. Só os aluguéis...

AS MULHERES QUEREM É NOVIDADE

— Por que não emprega vendedoras? — perguntamos.

Ele nos faz uma declaração curiosa:

— As mulheres não sabem e não gostam de vender antiguidades. Para se vender uma peça rara, histórica, não é preciso falar muito e aereamente. A explicação deve ser culta, sintética e sincera. O senhor acha que as vendedoras possuiriam estas últimas qualidades?

Em todo o comércio de arte antiga não existe mesmo uma só vendedora. Estas aparecem nas casas mixtas, de arte antiga e moderna, sendo que mesmo nestes estabelecimentos, quando o cliente deseja saber a história de um prato de porcelana da Saxa ou da China, virá sempre atendê-lo o dono da loja ou um seu empregado.

UM CASO SINGULAR

O antiquário, conhecedor do que vende, antes de ser comerciante, é um crítico de arte e um homem de cultura. Testemunhamos vários exemplos no curso desta reportagem. Os empregados que trabalham no "metier" há alguns anos se tornam também profundos conhecedores". São homens que vivem com livros debaixo do braço e têm um ar de membros de academias de letras. Mas, no Rio, em uma casa de antiguidades de Copacabana, encontramos um tipo curioso. Mulato, cabelo pixaim, tipo que o exigente Hotel Serrador, com seu racismo, não receberia como hóspede, o visitante não pode reconhecer nele o "expert" de objetos de arte. Modesto, em mangas de camisa, não quis declinar o nome. Disse apenas que trabalha no ramo há quase dez anos. Conhece a história da porcelana chinesa como poucos e daria lições a muito colecionador. En-

Cálices em prata portuguesa, trabalho de século XVIII. O século que assistiu o fim do Renascimento foi fértil em objetos de arte. Graças aos móveis, prataria e porcelanas desse período os antiquários de hoje se enriquecem.





Este vaso de bronze esmaltado não custou nada a Napoleão III. Foi roubado pelas tropas do imperador francês do Palácio Imperial da China em 1858. Noventa anos depois está sendo vendido em Copacabana por cem mil cruzeiros. Em baixo: jogo de vasos de porcelana da China do século XVII, época de Kana-Shi. "Montures" em bronze adaptados por artistas da corte de Luís XV.

quanto nos mostra porcelanas de várias épocas, vai contando a reportagem, na sua voz arrastada:

— Dizem os historiadores chineses que se fabricou porcelana na China, pela primeira vez, duzentos anos antes de Cristo. Mas eu não acredito. Estou com os entendidos europeus que afirmam que a primeira peça fabricada naquele país data do século VII depois de Cristo.

ONDE APARECEM SONG, MING E CHING

O repórter vai de surpresa em surpresa diante da ilustração do vendedor. Espicaçamo-lo com uma pergunta:

— Qual a porcelana mais cara?

A resposta não demora:

— Naturalmente é a mais antiga e esta, ao que se sabe, é um jarro de porcelana da dinastia Song, do século X. Depois, por ordem de antiguidade, vêm as peças fabricadas na dinastia do imperador Ming, séculos XIV a XVII e, finalmente, as da dinastia Ching, no século XVIII. Dizem que a peça mais antiga fabricada na dinastia Song se encontra, desde séculos, com a tribo dos Dayaks, na Ilha de Bornéu. Os indígenas não se desfazem dela por coisa alguma, pois lhe atribuem poderes sobrenaturais.

Assim falou o vendedor modesto, em mangas de camisa. Ao sair, instintivamente, fizemos-lhe uma respeitosa reverência, como se estivessemos diante de um autêntico mandarim.

UMA EXCEÇÃO ENTRE AS MULHERES

Para justificar a regra estabelecida pelo Sr. Lemos de que as mulheres não se adaptam a esse gênero de comércio, encontramos na rua Xavier da Silveira uma exceção. Se bem que seja uma casa de arte em geral, a senhora que nos atendeu, por sinal que ainda bem jovem, explicou-nos ela própria a história de cada peça artística que possuía. E ainda mais, discorreu com desembaraço durante a palestra sobre os problemas da arte em geral, sobre a falsidade de certos vendedores e outros assuntos. Quando lhe falamos a respeito da crise que ameaça os antiquários, retorquiu-nos:

— A crise não é apenas motivada pela falta de novos ricos. Existe também um fator que prejudica esse comércio e que foi criado por muitos dos nossos antiquários. As pessoas compravam, quase às cegas, quando veio a moda das antiguidades e, na maior parte das vezes, eram enganadas no que compravam, pois em geral adquiriam velharias sem valor. E há muita diferença entre velharia e antiguidade. Isso criou um clima de desconfiança. Hoje nota-se a preferência pelos móveis modernos, em imitações de diversos estilos. E por isso as casas de arte, em geral, não têm sentido tão fortemente essa crise.

D. Odete, — nome que depois soubemos ser o da amável proprietária, — vinha, sem saber, pôr os pontos nos ii das declarações do antiquário Marques dos Santos.

TAPETE DE 200 ANOS

Os primeiros estrangeiros que se estabeleceram no Rio com o comércio de antiguidades foi um casal de alemães, que vieram há doze anos, corridos de Berlim, quando as perseguições racistas começavam a se tornar violentas. Esse casal estabeleceu-se à Avenida Nossa Senhora de Copacabana, abrindo a casa com o mesmo nome da que possuíam em Berlim, em Budapest Strass, e que se chamava em alemão "Alte Kunst". Uma das raridades que encontramos nessa casa foi um tapete persa de Herath, fiado em lã e seda há mais de duzentos anos. O tapete foi adquirido num mercado da França há muito tempo e até hoje ninguém teve coragem de atapetar com cento e vinte mil cruzeiros alguns metros quadrados de apartamento.

Quanto teria custado, há dois séculos, no seu país de origem, esse precioso tapete? Uma bagatela, naturalmente. Mas o comércio de antiguidades é assim. De um pequeno nada faz-se uma verdadeira fortuna. A questão, apenas é a gente ter a paciência necessária para esperar duzentos anos...

Na página ao lado: Uma jovem de Copacabana, posa para o nosso fotógrafo envolvida por um legítimo tapete persa, fabricado em Herath há mais de duzentos anos. Preço do tapete: cento e vinte mil cruzeiros.





A TEMPORADA OFICIAL DE 1947 NO MUNICIPAL

Inaugurada com uma peça brasileira, reatando uma velha tradição interrompida há muitos anos.



Em cima, uma cena do segundo ato da peça triptica de Ernani Fornari, "Quando se vive outra vez", com Maria Sampaio, Rodolfo Mayer e Ribeiro Fortes; em baixo, à esquerda, — a estranha caracterização do ator Castro Viana, no papel de Morte, espécie de prólogo a cada um dos três atos e, à direita, Maria Sampaio e Rodolfo Mayer, no último ato da peça de Ernani Fornari.



QUANDO foi construído o Teatro Municipal, o teatro brasileiro teve nele um lugar de destaque. Fruto de uma campanha tenaz de Arthur Azevedo, a princípio houve até mesmo concursos de peças de autores brasileiros, para figurarem nos programas das temporadas oficiais. Foram ali representados vários dos nossos escritores, entre os quais Roberto Gomes Coelho Neto, Martins Fontes, Luis Edmundo, etc., alguns deles em francês. Mas, mais tarde, o Teatro Municipal foi se desviando da sua finalidade inicial, para se transformar num reduto do "snobismo", dedicado, tão somente, à ópera italiana, à comédia francesa e a concertos mais ou menos esporádicos. Embora no alto da sua fachada figurem os nomes de alguns autores nacionais, embora no seu saguão exista um busto de Arthur Azevedo, — um dos mestres da comédia nacional, — o teatro brasileiro foi, em definitivo, banido do Municipal, ali não figurando senão fugitivamente, em temporadas efêmeras como a que Jayme Costa deu, com peças de Henrique Pongetti, Benjamin Constatat e outras, e como a dos Comediantes, com "O Escravo", de Lúcio Cardoso e "Vestido de Noiva", de Nelson Rodrigues. Destinando-se a ser, segundo o critério que presidiu à sua fundação, uma espécie de Comédia Française nacional, o Teatro Municipal se tornou uma espécie de cidadela inacessível, de bastião inabordable.



Em cima: uma cena do primeiro ato, calcado na tragédia de **Romeu e Julieta**, com Maria Sampaio e Rodolfo Mayer; em baixo: uma cena do segundo ato, com Sarah Nobre e Oswaldo Louzada, que mereceu muitos elogios da crítica, pela sua excelente criação no papel do idiota Finot.



— até que agora a nova empresa concessionária do nosso grande teatro, a Sociedade Artística Brasileira resolveu reatar a tradição há tantos anos interrompida. A peça nacional que, restaurando essa tradição, que a todo custo deve ser mantida, inaugurou a temporada de 1947, no Teatro Municipal, foi "Quando se vive outra vez", de Ernani Fornari, encenada com luxo, pelo elenco liderado por Maria Sampaio e Rodolfo Mayer.

UM RETRATO Querido

O silêncio era completo. Não se ouvia nenhum barulho, apenas os vagos e indefinidos sons que formam a voz da noite. Todos pareciam dormir no sossego da casa. No seu quarto, fumando, no escuro, Paulo pelejava para dormir, mas não conseguia. Aquele já era o oitavo cigarro que acendia em pouco tempo. Virava de um lado para outro, remexia o travesseiro, tentava contar, mas tudo em vão. O sono não chegava. No outro dia embarcaria. Precisava amanhecer bem disposto, com as suas forças em ordem e, no entanto, estava vendo que aquela noite seria de completa insônia. Talvez por causa das preocupações. Estava se estranhando. Fora sempre calmo, não se deixava abater pelos fatos. Mas tudo estava saindo diferente daquela vez. Ouvia a respiração ritmada de seu irmão, na outra cama e aquilo o exasperava. "Quando voltarei? E será que voltarei mesmo? Não quero pensar nisto. Estou com medo. Estou me sentindo covarde. Mas acho que nesta hora todo o mundo é assim mesmo. Ainda me lembro quando vovô me contava o que se passou com ele, numa campanha em que tomou parte. Sempre tinha medo. Mas conseguia vencê-lo. E nesta vitória é que está a vantagem". Um ruído leve de passos, como se fossem de uma pessoa magra, chegou aos seus ouvidos

atentos. Cadenciados, sem pressa. Um sobressalto percorreu todo o seu corpo. Sob a tensão que estava, tudo lhe parecia estranho. Quasi não raciocinava. As pisadas iam se aproximando. Um pavor infantil, terrível, dominou-o inteiramente. De um salto levantou-se e acendeu a luz. A claridade banhou o rosto impassível do irmão e iluminou os objetos conhecidos do quarto. Viu, de relance, o seu próprio rosto refletido no espelho do guarda-roupa. Palido, cabelos desganhados, ele se impressionou com sua imagem. As suas mãos tremiam. Os passos silenciaram. Depois ouviu o baque de uma coisa caindo. Uma coisa leve como uma escova de roupa. Procurou escutar durante algum tempo. Silêncio. Apagou a luz e se deitou de novo. Mal se recostara na cama, os passos recomeçaram. Não se conteve mais. Acordou o irmão. Estremunhado, este lhe perguntou, entre dois bocejos longos, o que havia. Quando Paulo ia lhe explicando a porta se abriu e apareceu o rosto triste e comovido de sua Mãe. Viera vê-lo. Sem saber o motivo, sentira vontade de vê-lo. Parara na sala de jantar, para tomar um pouco d'água. Tudo estava bem, ela iria deitar de novo.

— Mas dorme, dorme meu filho, que o trem sai amanhã cedinho.

(Continua na pág. 53)

Conto de **EUCLIDES MARQUES DE ANDRADE**

Ilustração de A. Moura

Premiado no Concurso Permanente de
"REVISTA DA SEMANA"





URBANO LÓES começou sua carreira artística lendo textos sobre a excelência do gado zebu, ao microfone da emissora de Uberaba. Ali o foi buscar uma prima, avisando-o do concurso aberto pela Rádio Nacional, para preenchimento de quatro vagas de locutores. O atual exclusivo da PRE-3 reuniu o dinheiro que possuía, vestiu o melhor terno e tomou o avião, rumo ao Rio de Janeiro. Aqui chegando, seu primeiro cuidado foi inscrever-se no concurso, no qual veio a obter uma das melhores colocações, apesar de não conseguir o lugar almejado, porque outros tiveram melhor sorte. Sem desanimar, procurou em seguida a Rádio Mayrink Veiga, em virtude de estar até mesmo passando privações. Foi feliz no seu propósito, porque o sr. Edmar Machado o contratou para atuar nos programas diurnos, inclusive nos de Sagramor de Scuvero. Tanto bastou para que fosse mostrando suas qualidades de excelente "announcer", além de revelar pendores para o teatro cego. Coube a Berliet Junior lançá-lo nos espetáculos de rádio-teatro, tendo feito os papéis do Corcunda Picot, de "Porthos" e outros personagens de real destaque em novelas seriadas. Escreveu a letra do "Hino da PRA-9" e criou vários tipos humorísticos, todos bem curiosos. Em 1945, contratado por treze mil cruzeiros mensais, ingressou no cast da Rádio Globo, lançando o programa "Rádio Espetáculos Urbano Lóes" e tomando parte em dezenas de novelas. No ano seguinte, contraiu matrimônio com a jovem e brilhante artista Lídia Matos. Na PRE-3, é ele o velho da "Conversa em Família".

BABI DE OLIVEIRA é uma das mais completas artistas de nosso rádio. Explorando o rádio-teatro, nem por isso ela deixa de ser uma boa pianista, nem tampouco seu valor se deprecia como compositora. Tendo feito o seu "debut" radiofônico na Rádio Guanabara; foi organizadora de programas na Transmissora, pianista na Tamoio, radio-atriz na Nacional e hoje figura no elenco da Tupi, onde Paulo Gracindo a aproveita nas novelas. Realizou vários recitais na PRA-2, acompanhando Jorge Fernandes que, por sinal, interpretou várias das suas composições. Deu algumas audições na "Hora do Brasil", executando melodias populares e eruditas. Exibiu-se na principal estação da Bahia, terra de onde, aliás, é filha. Realizou diversos concertos populares no Estado do Rio. Com Belinha Silva, interprete de valsas e canções, formou uma dupla de sucesso, apresentando-se ao microfone da PRE-3, em um programa de melodias brasileiras. Babi de Oliveira é autora de várias composições, destacando-se pela sua originalidade e aceitação "O Jasminero", a qual foi gravada com absoluto êxito de verdade. Ainda de sua autoria é "Festa no terreiro", que foi incluído no repertório de Margarida Lecuona. No rádio, entre outros, ela criou o "Programa Seresta" nascido ao microfone da Guanabara e que marcou época. Atualmente, a nossa biografia é exclusiva da PRG-3, trabalhando ao lado de Paulo Porto, Maria do Carmo e outros artistas de igual cartaz.

GENTE DE RADIO DE QUATRO Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA EM QUATRO Por ARMANDO MIGUEIS

MAX NUNES é um nome conhecido de todos os que escutam "Radio Sequências G-3", em que escreve o gosadíssimo "Bôa tarde do amigo urso". Filho de um consagrado humorista Lauro Nunes, conhecido por Terra de Senna, herdou da vela paterna o predomínio de fazer rir os outros, explorando sua verve em programas que a Rádio Tupi irradia diariamente. Estreando no microfone como componente de um conjunto musical, cedo descobriu que sua especialidade não era aquela, juntando-se a Aloisio Silva Araújo, para quem começou a produzir os "sketches" do programa "Folia na Tabacaria". Mais tarde, idealizou outros cartazes, com os quais viu seu nome crescer de popularidade. Isto, depois de ter colaborado com Barbosa Junlor, nas célebres "Barbosadas", escrevendo cortinas cômicas e fazendo paródias. Com a saída de Aloisio Silva Araújo da PRG-3, Max Nunes recebeu vantajosa proposta para acompanhá-lo, sem contudo aceitá-la. É que o seu cartaz estava alto na "emissora associada", não sendo prudente uma brusca mudança de prefixo. Além de "radio-man", estudante de medicina, pouco faltando para usar o anel de grau. Está praticando presentemente numa das enfermarias da Santa Casa, onde também diverte os enfermos com seus trocadilhos espontâneos. Embora ainda muito jovem, Max Nunes mantém destacada posição no rádio e na Faculdade de Medicina, pois é o primeiro aluno da turma. Nas horas vagas, dedica-se a escrever sonetos humorísticos, pretendendo reuni-los em volume.

OS que se habituaram a sintonizar os espetáculos de rádio teatro da Mayrink Veiga, por certo, conhecem de sobra o talento artístico de Sarah Nobre. Mãe de duas conhecidas figuras de nosso "broadcasting", Olga e Nelson Nobre e prima de Antonio Nobre, ela há quatro anos que se vem dedicando ao rádio, depois de uma carreira brilhante no palco, onde conseguiu chegar ao estrelato. Nascida em Portugal, seu primeiro cuidado foi naturalizar-se brasileira, como prova de amor à terra que tantas recordações boas lhe tem proporcionado. Iniciando sua carreira artística no Teatro Amazonense, como integrante da companhia Antonio Sousa, sua primeira peça foi "O Grande Industrial". No Pará, fez o primeiro papel da "Menina do Chocolate", merecendo os aplausos da critica. Nessa companhia, manteve-se durante os quatorze anos em que a mesma existiu. Vindo para o Rio, trabalhou no antigo São Pedro. Tempos depois, apareceu no elenco do Teatro Recreio, tomando parte na famosa "Canção Brasileira", em que Apolo Corrêa veio a se revelar. Daí, passou a trabalhar com Dulcina, em cuja companhia se manteve pelo espaço de cinco anos. Agora, está tomando parte no elenco de Maria Sampaio, com quem trabalhou na peça "Quando se vive outra vez". No cinema, apareceu em "Pureza", "Moleque Tião", "Direito de Pecar" e "Cidade Mulher". No rádio, estreou através do Programa Casé, tomando parte numa peça da série "Defensores da Lei".



BOM HUMOR

CASAMENTO DO JOGADOR

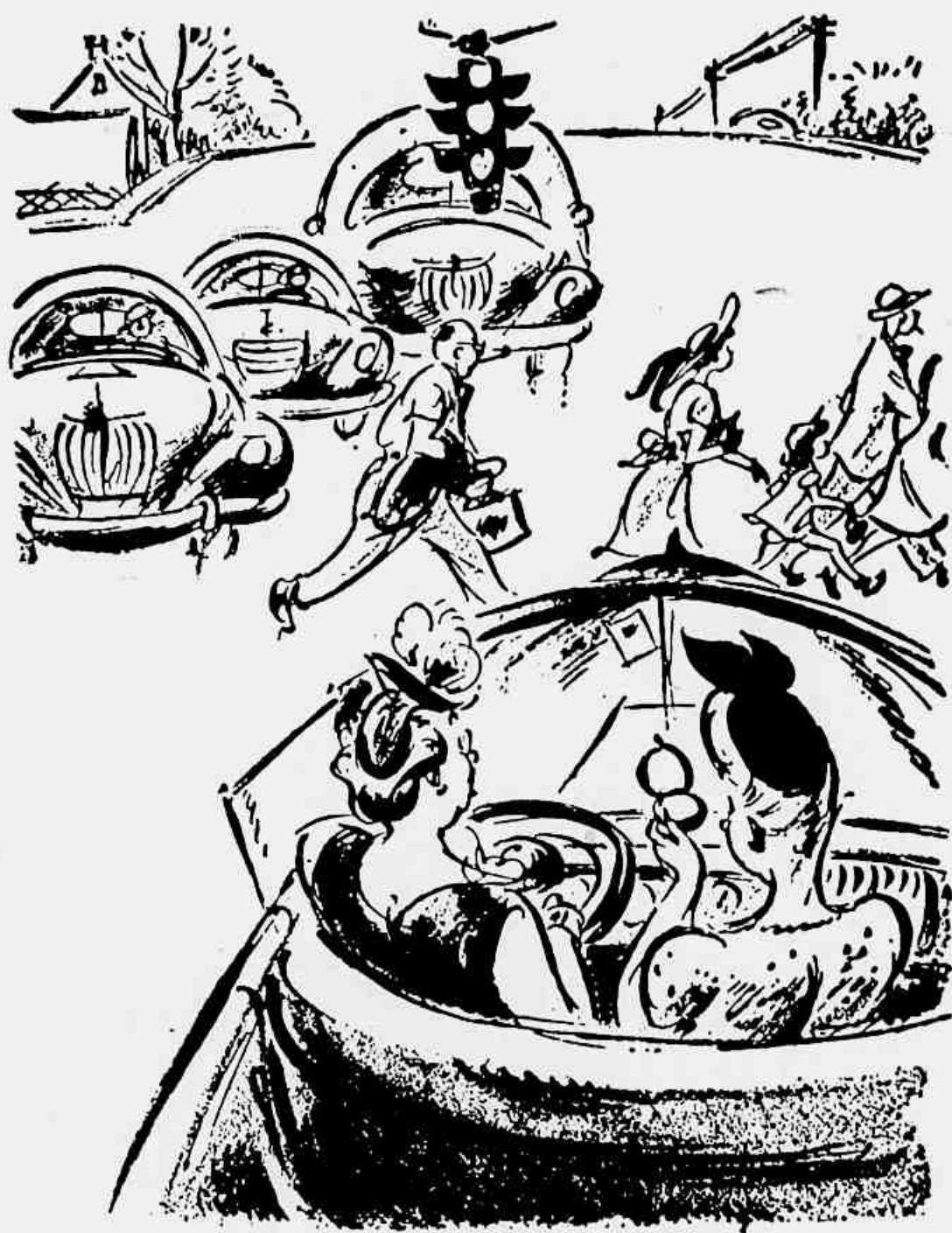
— Não digo que sim, nem que não... Vou atirar uma moeda... Se for cara, o senhor ganha e eu caso... Se for coroa, eu ganho e dou o fora...



PROTEÍAS PARA 1947

— E agora vai aparecer na sua vida um cavalheiro barbadinho...
que lhe fará algumas propostas muito interessantes...

JEAN
BELLUS



DONA COCOTA, AUTOMOBILISTA...

— Com todas as maravilhas de engenharia que a última guerra produziu e esses estúpidos da Inspetoria de Veículos ainda usam luzes no tráfego...



O ÚLTIMO ARGUMENTO...

— Escute, meu filho... Já mudei de idéia... Não me importa que a flita seja imprópria para menores... Toma êstes dez cruzeiros e vá!



O VERDADEIRO HEROISMO

— Falaram muito no heroísmo dos pilotos-suicidas do Japão... Mas eu queria era ver um deles metido na minha pele, obrigado a dizer à Maricota que perdeu no pifepafé o que tinha e o que não tinha...



A CULPA É DÉLES...

— Não compreendo como o nosso filho foi outra vez reprovado nos exames... Enfim, veja a que chegou o ensino! Esses professores do hoje...

CORCUNDA

Eu chegara há pouco do interior e cursava o primeiro da Faculdade. Morava numa pensão sórdida, na Lapa, e a vida se arrastava pensativamente num sacrifício diário. Os sonhos de rapaz esperançoso que vem para a Capital ansioso para viver as emoções novas de um mundo brilhante e inesperado, achavam-se atolados naquela podridão de baixeiras que me rodeava. Que diferença entre a vida que eu imaginara e aquela vida real, monótona, suja, que me empestava os dias!

E no entanto eu viera alegre e confiante. Ainda durante a viagem, recordava-me com uma satisfação orgulhosa da partida solene, assistida pelos parentes e amigos, enquanto o comboio corria célere, cortando os campos e se aproximando da civilização, eu me repetia a todo momento as palavras que meu pai me dissera na véspera:

— As dificuldades serão grandes, meu filho, mas você é de vencê-las. Tenho certeza. Nunca se esqueça daquilo que eu e sua mãe sempre lhe ensinamos e lembre-se de que o homem deve ser digno e honrado. Vá com Deus.

E eu tinha mesmo a sensação de que Deus me acompanhava; a sensação de que era o mais importante dos homens e, portanto, merecia, sem restrições alguma, todo o auxílio de qualquer Deus.

Desembarquei altivo e importante. Parecia que todos me olhavam e me apontavam. Olhei a cidade e o movimento e tive certeza de que venceria. Para nós, os do campo, o Rio de Janeiro é como uma promessa, entrevisto por entre as fantasias dos corações sóbrios. Na realidade de todos os sonhos, todas as adversidades podem ser vencidas, todos os sacrifícios são suportáveis. O importante, o verdadeiro é, apenas, tentar a mudança de vida. Sair daquele mirrião de lugares esquecidos e vir para a cidade tumultuosa, plena de prazeres e onde a Glória e a Fortuna podem ser alcançadas.

Para nós, o Rio é uma esperança, e estudar aqui é o meio de todos aqueles que como eu, procuram fazer da existência alguma coisa de elevada, de digna e de útil.

Mas depois, começou a nova vida; a vida real. E logo as dificuldades foram surgindo, asseverantes, uma após outra, enfraquecendo minha vontade e meus ideais. Meu pai era pobre e como acontece sempre nesses casos, meus estudos superiores custavam-lhe inúmeros sacrifícios. Naturalmente a mesada era magra e mal dava para a comida e o bonde. Minha situação financeira forçava-me a tomar as mesmas pensões ordinárias que abundam no Rio. Aquela vida chocava minha sensibilidade habituada aos cuidados e à limpeza de minha casa. Comecei logo a frequentar as aulas e nova existência levou-me de roldão, num crescendo de desilusões e amarguras. Onde aquela vida brilhante com que eu sonhara? Onde os encantos tão famosos da suposta Cidade Maravilhosa? Nada disso! Meus dias eram apenas um desenrolar contínuo e monótono, meco, objeto. Pela manhã, as aulas e depois, nada. Ainda não fizera amigos verdadeiros e com o meu gênio de rolo acanhado levaria ainda muito tempo antes que pudesse contar com algum. E sem dinheiro, todos os meus desejos ficavam apenas em pensamento.

A pensão para onde a inexperiência me fizera conduzir era suja, velha, frequentada por homens e mulheres sórdidos. Indivíduos sem moral, sem respeito, desregrados. E aquilo me chocava, contrastando profundamente com a vida que eu imaginara. O ambiente me era odioso, enervante e a desilusão começou lentamente a amargar minhas esperanças. Os dias se sucediam sempre os mesmos, sem variedade, desinteressantes.

Mas o pior é que eu sentia que pouco a pouco começava a me habituar àquela existência. Já não me importava com as cenas que presenciava de noite, na Lapa, e no princípio tanto me enojavam. Com a vontade sobrecarregada, o desejo insatisfeito e a moral indiferente comecei, aos poucos, a tomar parte naquele viver lamacento. Conheci mulheres objetas que se vendiam indiferentes, estúpidas como a miséria que as poluía. Passei a frequentar os bistrôs e os dancings de sobrado, antros de vício e perdição. Já ria dessas anedotas forçadas, porcas, que se contavam em redor de uma mesa de café. Esqueci as palavras de meus pais e tudo aquilo que me ensinaram sobre honra e dignidade. Sentia-me corrompido, irritado, desiludido. Mas no fundo odiava a vida de abandono e fraqueza que ruía minha vontade. O vocabulário tornou-se amargo e pronto sempre a descarregar a cólera e a impotência que eu sentia contra tudo e contra todos. Às vezes queria que era preciso uma reação, um último arranco

para vencer aqueles hábitos que já me corrompiam; e aí, mas, pois do contrário, seria uma derrota total, irremediável. Mas sentia-me sem forças para tanto, e a consciência de minha impotência originou-me um ódio incontido contra mim e contra todos. Culpei a sociedade e os costumes. Revoltei-me contra os homens. Implicava com certas pessoas e certas coisas. Verdadeiras obsessões que me punham num estado de lúer desesperado.

Já estávamos em Outubro e eu me tornara tempestuoso, relaxado, alimentado apenas por uma sensação muito íntima de esperança num remoto futuro que me traria felicidade. Foi quando me sobreveio mais um daqueles ódios incontidos, uma daquelas obsessões que me sensibilizavam os pensamentos, fazendo-me sentir toda a imundície e falsidade daquela vida desregrada.

Jantava todas as noites na pensão e em torno de mim sentavam-se aqueles homens ruidosos, aquelas mulheres acabadas, fazendo todos ressoar pela sala um palavreado chulo, cheio de pragas e de gracejos grotescos; um palavreado de gente amarga, que não chega, às vezes, a ter ao menos consciência de que sofre e de que guarda no íntimo uma revolta surda contra tudo. E por isso eles riem; fazem-se de espirituosos e ridículos. Pois bem, o objeto de meu ódio, sentava-se justamente à minha frente: era um corcunda asqueroso. Vestia sempre um paletó surradíssimo de casimira clara, sujo, manchado de gordura e deixando entrever o punho da camisa, roto e também imundo. Comia com os cotovelos afastados, abrutalhadamente, debruçado sobre a mesa e de tal maneira que eu via sua saliência nas costas, por baixo do paletó franzido, abaixar-se e levantar-se cada vez que ele levava o garfo à boca. Além disso, sua face era marcada por uma cicatriz larga que vinha quase horizontalmente desde a parte inferior da orelha esquerda, até o queixo, atravessando o lábio de baixo que ficava repuxado, deixando entrever os dentes; quando ele mastigava parecia um animal rosnando, com as presas de fora. Foi essa a comparação que eu fiz quando o vi pela primeira vez.

Não sei dizer como essa impressão inicial de asco foi

aos poucos se transformando no nojo e ódio intolerável que tomou conta de meus sentimentos. Quando eu entrava na sala meu olhar logo se dirigia para onde ele se sentava, na esperança de não o encontrar; mas o corcunda sempre já estava lá, emborcado no prato, calado, sem olhar para ninguém, engulindo às pressas. Eu sentia um bolo no estômago, uma revolta na consciência e me dirigia ao meu lugar.

No princípio ainda tentei lutar contra aquilo. Dizia-me que ele era um pobre coitado, um infeliz digno de piedade. Procurei, em vão, recordar os ensinamentos de bondade que tinham sido totalmente esquecidos. Mas foi tudo inútil! O ódio foi crescendo e, por fim, eu me entreguei a ele totalmente, violentamente.

Passei a culpar o odioso corcunda de todos os males que me afligiam. O pobre diabo assumiu a meus olhos a própria encarnação de toda aquela sociedade podre na qual eu estava mergulhado e que me ia absorvendo aos poucos. Cheguei a desejar-lhe a morte; e a desejar-lhe ardentemente. Parecia-me que se ele morresse, tudo que me afligia e me empestava a vida, sairia de meu caminho. Poderia então, readquirir minha personalidade perdida, minha força de caráter e vontade; poderia sacudir a lama de cima de mim e continuar o meu caminho reto na procura do Bem.

Invariavelmente, todas as noites, eu chegava, afastava minha cadeira, sentava-me, olhava-o e dizia, entredentes: — Ainda estás vivo? Então morre amanhã, peste do inferno!

E um belo dia, quando vinha pela rua, dirigindo-me à pensão deparei com uma ambulância parada em frente ao pardieiro, cercada de curiosos. Quando me aproximei, ela partia, deixando toda aquela gente a murmurar e a comentar. Tive um pressentimento e uma ponta de esperança despertou no meu íntimo. Dirigi-me à proprietária, uma velha gorda, e um pouco ansioso perguntei-lhe:

— Que foi que houve aqui?

(Continua na pág. 52)

PREMIADO NO CONCURSO PERMANENTE DA "REVISTA DA SEMANA"



Conto de
OTAVIO SOARES

LEITE

Ilustração
de

ABELARDO
SALVAR



DOIS DISCURSOS ACADÊMICOS

ESCRAGNOLLE DORIA



A 11 de Agosto de 1849, em S. Paulo, no decurso da sessão magna comemorativa da fundação dos Cursos Jurídicos no Brasil. Sob a tribuna um 2.º anista de Direito — Chamase Manoel Antonio Alvares de Azevedo, bacharelado em letras pelo Imperial Collegio de Pedro Segundo, a principiar pelo nome cabeça do ensino secundário no Império.

Bem moço, tem 18 anos, não — de admirar que o orador novel exalte a juventude, assinalando-lhe missão precípua no progresso nacional, mormente no tocante às letras.

Em torno de tal convicção, o orador verdadeiramente académico por sua condição de estudante desenvolve as considerações de vária ordem do seu discurso cuja peroração se afoita a aconselhar.

Siga a mocidade — diz o orador — "o impulso do livro fadado a fazer época na história literária do Brasil, livro creador os *Primeiros Cantos* de Gonçalves Dias. Vinha a obra regenerar à rica poesia nacional de Basílio da Gama e Santa Rita Durão, tal poesia marcada pela melancolia de Nenia de género brasileiro, o de Firmino Rodrigues Silva pranteando Bernardino Ribeiro, dez anos antes o poeta sentado nos bancos da Academia de S. Paulo.

Em final de peroração, exclama Alvares de Azevedo: Bem haja essa mocidade que nos tem dado as suas inspirações de poeta, que ali se ensaia na intimidade das Sociedades Literárias para os debates de tribuna e apoderando-se da alavanca da imprensa começa a abrir as portas do Teatro Brasileiro".

A proposito deste entendia Alvares de Azevedo caber a Domingos de Magalhães o título de fundador do teatro nacional. Não ficassem porém esquecidos Macedo e Martins Penna, "O mancebo rico de esperanças e genio que se fôra morrer na terra estrangeira". Salvo esta última circunstância a sorte de Penna seria a do orador de 1849, ao deixar a vida na ora em que ela mais floresce.

O discurso da sessão magna de 11 de Agosto de 1849, exaltando a mocidade indicava-lhe posto de honra, o da vanguarda do progresso literário. Não se deslembresse a juventude da influência da Universidade de Coimbra quanto à poesia, em curso de oração evocando o discursador figuras caras a S. Paulo. "Uma era a daquelle que ano antes levava à cena um fato da historia colonial Paulistana". A referencia aludia ao sr. Paulo Antonio do Valle e ao seu drama *Caelaninho*.

Ainda veladamente o orador de 1849 mostrava como figura grata a S. Paulo "a daquelle que" ideador de um sonho ainda mais belo, dos mal-queridos afetos de um poeta, sentava-se então nos bancos da Academia".

No *Parnaso Academico*, a denominação cabe a Paulo do Valle, avantajavam-se em 1849 José Bonifácio o Moço Aureliano Lessa e Bernardo Guimarães. Qual deles o poeta apontado pelo orador da sessão magna de 1849? Lembre-se que José Bonifácio, em poesia do seu livro *Rosas e Golvos*, dedicava muitos versos a M. A. A. A., iniciais correspondentes ao nome inteiro de Manoel Antonio Alvares Azevedo.

As poesias deste, sob o título "*As Três Liras*" pretendiam Bernardo Guimarães e Aureliano juntar suas produções poéticas.

Desfez-se o intento amigo. Alvares de Azevedo seria o autor único da *Lyra dos Vinte Anos*, de edição postuma. Próximo de seu fim ao menos Casimiro de Abreu pode ter em mão o volume de *As Primaveras*.

No discurso de 11 de Agosto de 1849, encomiára Alvares de Azevedo as sociedades literárias académicas preparadoras da juventude para os debates da tribuna.

Pouco depois constituia-se Alvares de Azevedo um dos fundadores de associação do género, o *Ensaio Philosophico Paulistano*, gremio literário logo de prestígio, animado pelo encorajamento de alguns lentes menos severos do Curso Jurídico.

Instalou-se o *Ensaio* a 9 de Maio de 1850, teve orador official, no orador da sessão de Onze de Agosto do ano anterior.

Em segundo discurso tornou o 3.º anista Alvares dos temas da primeira oração sua e o fez inflamado.

Profligou desculdos dos governos a pedagogia do tempo, a escassez da instrução primaria em desfavor das classes baixas. Disse da falta de vontade de dar caça nos obstáculos pecuniarios a vedarem as portas das academias, vinte anos depois da existência livre da nação brasileira, os governos não tendo dado realidade à promessa da Constituição do Imperio com a criação de uma Universidade no Brasil.

O discurso de 1850 leva a refletir e põe talvez a sorrir em 1947, na necessidade de comparar épocas, dando simpatia às ilusões do joven orador de 1850.

Ele proprio, a proposito da festa de Onze de Agosto de 1848, na qual discursára, dissera que tal festa, seguida de baile académica parecia idéia singular de estudantes a festejarem o dia da instituição dos Cursos Jurídicos com as bandejas de doces nas salas e o champagne do boqueteim".

Disse-o Alvares de Azevedo em carta à mãe adorada. Mercê do amor materno a guardar a correspondência fidal, mercê do zelo de conserva-la uma irmã do poeta, D. Maria Francisca Alvares de Azevedo Amaral, muita correspondência do autor da *Lyra dos Vinte Anos* se salvou para que, em 1931, a divulgasse, estudando-a, Luis Felipe Vieira Souto, em conferencias no Instituto Histórico Brasileiro.

Pena não completar o elucidativo cartear de filho para mãe a correspondência do filho para com o pai. Existiu e nem poderia deixar de existir. Resta a prova em incompleta missiva do pai ao filho, a proposito do discurso de 1850 não do agrado do dr. Ignacio Manoel Alvares de Azevedo, conforme o seguinte tópico de missiva endereçada expressivamente a "Pai e Amigo", a este declarando o filho:

"A proposito do manuscrito do discurso (o de 1850) duas palavras!

Não é intenção nenhuma politica a minha nele — Esse discurso não é mais que o desenvolvimento da idéia esboçada no dia 11 de Agosto. Falei aí na missão das academias — faço nesse na influencia politica dessa missão. Até aí não mais do que uma dedução de idéas. Quanto ao que falei sobre instrução pública, sobre o desleixo dos governos de todos os credos no Brasil, bem se vê que nisso não há idéia nenhuma de liberalismo exagerado, e muito menos de republicanismo. As minhas idéas

sobre politica resumem-se em querer menos palavras e mais convicções — menos alarido de liberalismo e mais instituições asselados nele. Não digo se a Constituição é boa ou má — ninguém até hoje pôde dar opinião sobre isso: a Constituição tem sido alterada por todos, em todos os tempos de todos os lados, desde que tem servido para instrumento dos partidos — e isso não só foi feito pela lei de 3 de Dezembro (a lei de 3 de Dezembro de 1841 reguladora de judicatura, policia e materia processual).

O que lamento, acentuava o orador de 1850, é que a Constituição garanta a instrução primaria, e que ela não se dê — que garanta Universidades, e que ninguém culde de realizar a maxima fundamental. Creio portanto que não há esperar aquilo que sonhou o imperial constituinte e que não pôde objetivar — o espargimento de luz científica pelas massas o que as fizesse erguer como as estátuas de Prometheu — da parte ao menos dos governos — e por isso o único elemento donde eu possa esperar alguma coisa a este respeito são as academias — Teoria essa, que repito, nada tem de revulsiva."

Alvares de Azevedo, tem sido e será estudado como poeta e prosador, aquele superando este. Nem por isso o prosador perde meritos, realçados pela precocidade do talento e da cultura.

Os discursos académicos de 1848 e 1849 memorando mais um Onze de Agosto e a instalação do *Ensaio Philosophico Paulistano*, cbrem ensejo a considerar um Alvares de Azevedo observador do momento politico social de sua época. Nesta se extinguiu o período fraticida das lutas civis do Imperio com o seu sequito de odios, crueldades e danos nacionais.

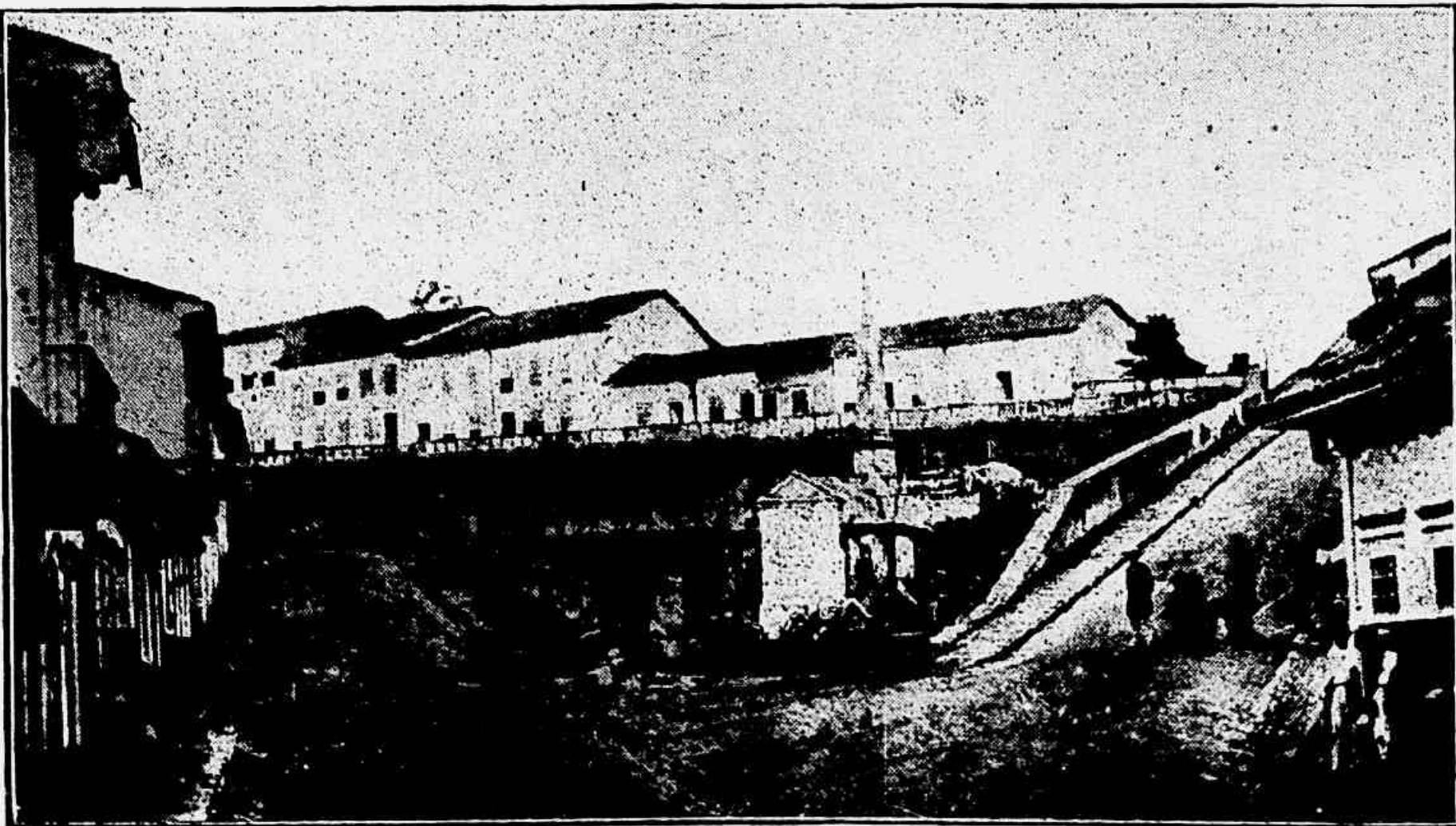
Em 1849 e 1850, dados das orações académicas de Alvares de Azevedo, o Brasil pela Maioridade ia entrando em fase de pacificação geral e prosperidade a acompanhar os progressos da civilização.

A carta fragmentaria ao dr. Ignacio Manoel, trazendo a data de 3 de julho de 1850, constitue auto defesa de quem se preparava para servir do Direito.

Domingos Jacy Monteiro, primo amigo e biografi de Alvares de Azevedo alude "a autos respondidos, a pareceres dados pelo parente a advogados peritos que o enviar com todo o apreço".

Mostra a informação Alvares de Azevedo ensalando-se para a advocacia, militante, a que exercia o dr. Ignacio Manoel Alvares de Azevedo, de escritorio e frequentação de fóro para atender a bastante clientela.

A sorte não permitiu ao filho ajudar ou talvez suceder ao pai no exercicio da mesma profissão, só concedidos vinte anos de existência a Manoel Antonio Alvares de Azevedo. Quantos decretos cruéis o destino executa no seu incognoscível.



Um aspecto de S. Paulo do tempo de Alvares de Azevedo. Largo do Pique.



Vincent Price, o famoso homem mau dos filmes de Hollywood, foi entrevistado por Luís Serrano, no estúdio da Universal, onde filma atualmente "Jeopardy", com Ella Raines, Edmond O'Brien e William Bendix. E foi um verdadeiro "gentleman", um encantador e simpático, que é encontrado, em vez do frio assassino dos filmes de terror e emoção...

AQUELE HOMEM MÁU É UM RAPAZ TÃO SIMPÁTICO!

ENTREVISTANDO, EM HOLLYWOOD, O FAÇANHUDO ATOR VINCENT PRICE, DE "O SOLAR DE DRAGONWYCK" E DE "CHOQUE" — ESTÁ NA UNIVERSAL, FILMANDO "JEOPARDY"

Por LUÍS SERRANO

(Correspondente especial da REVISTA DA SEMANA)

HOLLYWOOD — abril — Vincent Price é um artista que começou no cinema fazendo papéis de homem mau. E com as suas vilanias conseguiu firmar o seu nome no cenário artístico de Hollywood. Mas apesar de ser um malfeitor profissional, é um dos rapazes mais simpáticos que temos conhecido. Vincent Price começou a ser mau foi no teatro, quando apresentou a peça "Luz de gás" — peça que já teve uma versão cinematográfica interpretada por Charles Boyer e Ingrid Bergman. Nessa peça Vincent fazia o papel de um cruel assassino, de um sinistro estrangulador!

Se observarmos os filmes em que trabalhou na capital do cinema notamos a evolução de sua carreira artística. Em "O solar de Dragonwyck" ele se apresentou como perverso assassino, que atentou contra a vida de suas próprias esposas; e nos filmes seguintes entre os quais "Choque".



e seus papéis foram os mais sinistros. Ora, diante disso era natural que quem o fosse entrevistar esperasse encontrar um espírito rebelde, um sujeito grosseirão. Mas, para o nosso espanto, encontramos um perfeito "gentleman", polido e gentilíssimo. Foi então que o artista me explicou que abominava os gestos grosseiros, a maldade humana, embora se apresentasse dessa maneira em seus filmes. Afinal de contas, a sua vida real nada tem a ver com a sua carreira artística.

Vincent Price me contou que trabalhava na Broadway na peça "Rainha da Vitória", ao lado de Helen Hays, quando a atriz Constance Bennett chamou a atenção dos produtores de Hollywood para o seu trabalho. E Constance fez mais ainda por Vincent Price. Quando num estúdio da capital do cinema os produtores escolhiam o elenco de um filme seu ela bateu com o pé no chão e disse que só aceitava como seu galã esse ator da Broadway. Foi essa a primeira oportunidade do brilhante artista. Dizer se esse filme foi bom ou não é matéria que não deve ser discutida aqui. O que importa dizer é que Vincent Price ficou no cinema permanentemente. Não lhe foi difícil firmar o seu nome, dado o seu talento e a experiência que havia adquirido no palco.

Entre outros papéis os "fans" ainda se devem lembrar "As Chaves do Reino", "O Solar de Dragonwyck", "Choque", dos que ele fez em "A canção de Bernadette. Ultimamente foi escolhido para fazer um importante papel do filme "Entre o amor e o pecado" (Forever Amber). Seu filme mais recente, porém, está sendo rodado agora no estúdio da Universal e se chama "Jeopardy". Nele Vincent Price será o galã de Ella Raines, trabalhando ainda ao lado de William Bendix e Edmond O'Brien.

Falando sobre sua carreira artística e o gênero em que se "especializou" na tela, declarou-me o grande artista:

— Durante três anos a fio fiz na Broadway o papel de um assassino. E assassino de uma mulher. Na mesma peça, tentei estrangular outra, que era a minha própria esposa! A atriz que contracenava comigo era talentosa. Chamava-se Judith Evelyn e passou a me odiar. Odiar-me, pessoalmente, e não, ao personagem que eu incarnava. Quando recebi o primeiro papel dessa natureza achei que não desempenharia bem, pois odiava o crime. Mas hoje eu já me habituei ao crime cinematográfico, que é muito diferente do crime na vida real. Comprei até mesmo o famoso livro de Krafft-Ebbing sobre assassinios célebres. Li talvez umas trinta páginas e guardo o livro, horrorizado. Isso porque os criminosos cuja história era contada naquelas páginas eram na vida real indivíduos gentis e aparentemente serenos, como eu...

Dotado de uma boa aparência, Vincent Price bem que podia ser um galã como poucos. Mas prefere fazer papéis de vilão. Levando uma vida muito pacata fora da tela, seu passatempo predileto é colecionar obras de arte. Seus quadros de pintores célebres — entre os quais Goya, Durer e outros — são o orgulho do artista. Mostrando-os aos amigos e visitantes, nota-se na fisionomia de Vincent Price a sua íntima satisfação. Seu interesse pela pintura é tão grande que ele se associou com outro artista e durante quatro anos foram os donos de uma caléria de arte, na qual era apresentados trabalhos de artistas novos dos Estados Unidos. Foi ele próprio quem adquiriu muitos dos quadros expostos pela primeira vez na referida galeria. Como se vê, a intenção do artista era auxiliar aos amantes da pintura ou verdadeiras vocações artísticas. Depois, não me explicou ele porque abandonou a galeria. Disse-me, contudo, que pretende reabri-la oportunamente.

Depois de amigável aperto-de-mão, deixei Vincent Price no "set" de "Jeopardy", no estúdio da Universal e, tendo visto a filmagem de algumas sequências dessa película, sob a direção de Michael Gordon, posso afirmar que esse novo filme vai agradar a seus "fans". A história da película deverá prender sua intensidade dramática. E, além disso, é um filme com Vincent Price... Querem mais?



Em cima: Vincent Price com Lynn Bari, em uma cena de seu recente filme "Choque". Em baixo: Vincent Price e Gene Tierney, em uma cena de "O Solar de Dragonwyck".



Em cima: Vincent Price falando a Luis Serrano e vendo um número recente da **REVISTA DA SEMANA**, que, aliás, trouxe na capa o retrato de Ella Raines, a "estrela" de seu novo filme, "Jeopardy". Em baixo — Vincent Price, agora cotadíssimo em Hollywood, estudando com Ella Raines uma cena de "Jeopardy", que Michael Gordon está dirigindo, com William Bendix e Edmond O'Brien no elenco.



— CERTAMENTE não! o senhor não saberia escolher com bastante cuidado a pessoa com que se deve casar, — disse Brisher, enquanto os seus dedos, grossos como chouriços, acariciavam meditativamente a barba que disfarçava a ausência do queixo.

— E' por esta razão que eu... — ousei dizer.

— Com efeito! — aprovou Brisher, balançando significativamente a cabeça e dando aos olhos de um cinzento azulado e de pálpebras remelosas, uma expressão solene; e continuou, chegando-se para muito perto e falando-me ao ouvido, de forma que pude sentir-lhe o hálito empestado de álcool. — Há muitas mulheres aqui nesta cidade, que eu poderia nomear, as quais têm procurado conquistar-me por meio de artifícios... mas nenhuma conseguiu, nenhuma!

Eu lancei um rápido olhar a Brisher e, observando as suas faces rubicundas, a avantajada rotundidade do seu corpo, a majestosa negligência do seu modo de trajar, soltei um suspiro lembrando-me que, devido à indignidade das mulheres, ele estava condenado a ser o último da sua raça.

— No tempo da minha mocidade, eu era um patusco de força, — continuou ele. — A minha vida não correu sempre sem dificuldades, porém tomei as coisas a sério e consegui pôr-me a prumo...

Dizendo isto, apoiou os cotovelos sobre a mesa do restaurante e parecia perguntar a si próprio se a minha discreção se acharia acaso na altura das suas confidências.

Senti um grande alívio quando ele tomou de novo a palavra.

— Fui noivo uma vez, — disse ele, observando minuciosamente as numerosas manchas existentes no mármore da mesa.

— Chegou a este ponto? — comentei, laconicamente.

Ele levantou os olhos.

— Cheguei a este ponto! O fato é que... Tendo primeiro se certificado de que ninguém o podia escutar, aproximou o rosto do meu, fez um gesto com a mão imunda, fingindo repelir pessoas hostis, e repetiu, em um tom de voz mais baixo:

— O fato é que, se ela não está morta, nem casada com outro, eu continuo a ser noivo...

E confirmou estas palavras com movimentos de cabeça e contorsões faciais, depois interrompeu bruscamente esta pantomima e pôs-se a rir da surpresa em que me viu ficar.

— Ainda noivo! Sim, eu... Porém fugi, — dignou-se explicar-me, franzindo as sobrancelhas.

— Fugi... voltei para minha casa... E isto ainda não é tudo, — acrescentou, — o senhor não me há de dar crédito, achei um tesouro, sim, um verdadeiro tesouro.

Eu julguei que ele estivesse caçoando e não recebi com suficiente espanto, como era de esperar, esta reiterada afirmativa.

— Sim, — repetiu ele, — achei um tesouro e fugi... Eu bem dizia que havia de pasmá-lo contando-lhe todas as aventuras que me têm acontecido.

Durante alguns minutos ele contentou-se em repetir que tinha achado um tesouro e fugido em seguida. Eu, abster-me de inquirir sobre o resto da história, porém testemunhei-lhe uma solicitude atenciosa, enchendo-lhe de novo o copo, e reconduzi bem depressa a conversação ao assunto da noiva abandonada.

— Era uma linda moça, — disse ele, e pareceu-me perceber na sua voz uma certa melancolia, — uma linda moça, e perfeitamente honesta.

Dizendo isto, arregalou os olhos e mordeu os lábios, para dar idéia de uma perfeita honestidade, como nós, pessoas de pouca idade, jamais poderíamos compreender.

— Isso deu-se longe daqui... perto de Colchester. Nessa ocasião, achava-me em Londres. Eu era um rapagão de força, nesse tempo, asseguro-lhe. Esbelto, elegante, enroupado como nenhum... com um chapéu, um chapéu alto... — E Brisher estendeu a mão acima da cabeça, para o infinito, a fim de indicar a altura do chapéu, de uma elevação jamais vista. — E um guarda-chuva sublime, com cabo de chifre... e economias, uma caderneta da caixa econômica... Tomava a vida pelo lado sério.

Ficou alguns instantes pensativo, rememorando, como todos, mais cedo ou mais tarde, o fazemos, os passados esplendores da sua mocidade. Mas, por uma prudente reserva, estando nós em uma casa de bebidas, ele absteve-se de tirar a evidente moral do caso.

— Fiz conhecimento com a minha futura prometida por intermédio do noivo da irmã dela, que era um dos meus camaradas. Ela morava em casa de uma tia que tinha loja de salchichas... e que não admitia a bagatela. A tia era rigorosa e nimiamente suscetível... aliás, eram todos assim na família... e não queria que a que era noiva do meu camarada saísse só com ele... exigia que a irmã, a que eu requestava, os acompanhasse para toda parte. Por esta

razão o camarada me levava com ele sempre, para evitar os estorvos que lhe poderia causar essa companhia. Nos domingos de tarde, passeávamos no parque de Battersea, cada um com a sua dama, e elas no seu trinta e um. Não havia muitas pessoas no parque e, portanto, poucas que nos surpreendessem.

... Ela era o que se costuma chamar uma beleza, porém jamais encontrei outra que se lhe comparasse em graça e singeleza. Desde a primeira vez em que a vi, senti-me atraído por ela e... bem sei que isto não devia ser dito por mim... ela apaixonou-se loucamente pela minha pessoa. O senhor bem sabe o que é isto, não é verdade?

Eu fiz um gesto vago como quem, efetivamente, pretendia sabê-lo.

Quando o meu companheiro casou, como éramos muito amigos, ele convidava-me a ir visitá-lo em Colchester, perto do lugar onde ela voltara a morar. Fui naturalmente apresentado aos pais dela e asseguro-lhe, por minha vida, que pouco tempo depois éramos noivos...

E repetiu: "noivos".

— Ela voltara para junto dos pais, e lá vivia, como uma senhora, numa casinha lindíssima, com um jardim... Eram honestíssimos todos e pode-se mesmo dizer que eram ricos. Viviam em casa própria... Tinham-na adquirido por meio da Sociedade das Casas a Preço Móxico e ficára-lhes por um real, em razão do último proprietário ter sido preso por crime de furto. Possuíam, outrossim, algumas terras e alguns cochicholos... e dinheiro a juros... Enfim, tinham sabido arranjar-se, de uma maneira ou de outra... E isto é que quadrava!... e tanto, e quanto!... Tinham ainda mobílias, alfaias... e mesmo um piano! Jane... assim se chamava a minha noiva... Jane tocava aos domingos, e não se saía mal de todo... tocava bem direitinho. Sabia todas as árias do livro dos canticos e tocava-as com perfeição. Passávamos tardes inteiras a entoar canticos; eu, ela e toda a família. O pai era afamado na igreja como cantor, e brilhava, aos domingos, entoando os hinos. Se o senhor ouvisse como ele os cantava! Usava óculos de ouro, bem me recordo, e, quando cantava os louvores ao Senhor, olhava por cima deles, inclinando um pouco a cabeça; e quando principiava a cantar com vigor, a assembléia toda o acompanhava, tentando nitá-lo na voz e força com que cantava os canticos. Ah! era um homem temível. Quando eu ca-

minhava atrás dele, observando o seu belo terno de casemira preta e o chapéu mole, sentia-me orgulhoso de ser noivo, só pelo fato de possuir semelhante sogro... Durante o verão eu ia sempre passar uns quinze dias com eles... Entretanto havia um ponto difícil no negócio. Eu e Jane desejávamos casar e instalar-nos logo na nossa casa, porém o sogro dizia que, em primeiro lugar, era preciso que eu tivesse uma posição segura. Aí é que estava o **busilis**. Por consequência, quando cheguei, para passar com eles os quinze dias, meteu-se-me na cabeça mostrarlhes que eu não era um imprudente e que sabia perfeitamente fazer uso das minhas mãos, compreende o senhor?

Eu emiti um grunhido de aprovação.

No fundo do jardim existia uma espécie de parque abandonado. Um dia disse a meu sogro: "Porque não manda o senhor construir aqui uns rochedos? Ficaria bem bonito!" — "Sim, mas isto vai me sair muito caro", disse ele. "Não gastará nem um vintém. Entendo um pouco destas coisas e vou fazê-los eu mesmo." Bem entendido, eu ajudara, em tempos, a um meu irmão quando ele construira alguns rochedos no jardim que ficava ao fundo do seu albergue. "Vou fazer este trabalho", disse a meu sogro, "estou em férias, é verdade, porém, como vê, tenho horror de estar inativo. Vou construir aqui uma rocha assombrosa!" Finalmente, para terminar, digo-lhe que ele consentiu na minha proposta e eis como vim a descobrir o tesouro.

— Mas que tesouro? — perguntei.

— Que tesouro?... — exclamou Brisher, — o tesouro de que já lhe falei e que foi o motivo pelo qual não cheguei a realizar o casamento.

— Deveras?... Um tesouro?... Na terra?...

— Sim, uma fortuna, um tesouro enterrado, como todos os tesouros, os verdadeiros tesouros, oh! sim!

E Brisher lançou-me um olhar singularmente desrespeitoso.

— Continue, — disse-lhe, — eu não tinha compreendido.

— Ah! bom, bom; tão depressa toquei na caixa, vi logo que era um tesouro; dizia-m'o uma espécie de instinto. Sentia uma coisa, dentro de mim, que gritava: "A sorte te é favorável... Sê prudente! Cala-te!" Felizmente conheço muito bem as leis que costumam ser seguidas quando se descobre um tesouro, do contrário ter-me-ia posto a gritar como um insensato. O senhor sabe, não é verdade, que...

— Sim, é o fisco que embolsa,

O TESOURO DE MISTER BRISHER



— concluí. — Continue. Que fez o senhor então ?

— Tirei a tampa da caixa. Não se achava ninguém no jardim nem nos arredores. Jane estava naturalmente ajudando a mãe nos serviços da casa. Eu achava-me em um estado... só lhe digo isto ! Como não podia forçar a fechadura, fiz força sobre os gonzos... e a tampa saltou ! Cheia, a abarrotar, de moedas de prata ! E brilhantes ! Eu tremia ao contemplá-las. Justamente nesse momento apareceu o lixeiro que ia apanhar o lixo no

(Continua na página 50)

MINAS E SEU NOVO DESTINO

ADALBERTO MENDES

UMA das mais belas vitórias democráticas conseguidas no pleito de 19 de Janeiro, alcançou-a o povo mineiro através de uma jornada cívica impressionante, dando ao Brasil uma vigorosa demonstração de independência política. Libertou-se Minas altaneira do humilhante estado de coisas a que a reduziu uma ditadura nefasta, cujo mal maior foi justamente o de procurar abater o nosso animo, tornando o nosso povo apático e indiferente, incapaz de reagir. Os homens, porém, enganaram-se nos seus juízos e falham nos seus propósitos quando estes não se norteiam no sentido do bem comum. Precisamente nas unidades da Federação mais impregnadas do narcotizante poder pessoal, fez-se sentir a vontade impetuosa, livre, arrebatadora do povo, afirmando nos comícios eleitorais o seu poder de auto-determinação.

Conduzida pelos seus líderes, a gente mineira escreveu uma página que ficará impecível na história das suas lutas contra o erro e a opressão. Desligada de um passado já agora distante, Minas Gerais empreende a trajetória de seu novo destino, entregue à guarda dos mandatários que escolheu, depositários das suas esperanças e intérpretes dos seus anseios de melhores dias, por isso mesmo marcados por uma tremenda responsabilidade perante o povo que os conduziu tão galhardamente à vitória.

Ao alto — A massa popular que enchia a Praça da Liberdade, durante a cerimônia da posse do governador Milton Soares Campos. Em baixo — REVISTA DA SEMANA fixou os atos de posse de alguns auxiliares do novo governo mineiro, entre os quais figuram pela ordem, o da esquerda para a direita, os srs. Americo René Glanetti, da Agricultura, José Magalhães Pinto, das Finanças, João Franzen de Lima, da Prefeitura da Capital, Fausto Alvim, da Imprensa-Oficial, José Rodrigues Seabra, da Viação e José Carlos Campos Cristo, da Chefia de Polícia. Deixa de ser reproduzida aqui, por circunstâncias alheias à nossa vontade, a do sr. Pedro Aleixo, da Secretaria do Interior. A posse do secretário da Educação, sr. Mario Brant, ainda não se realizou.



Minha Santa Mãe

CONTO DE OSMAR SILVA ★ ILUSTRAÇÃO DE ARMANDO PACHECO
PREMIADO NO CONCURSO PERMANENTE DA "REVISTA DA SEMANA"

AQUELA manhã fria de agosto, apresentava-se particularmente sombria para nós. Éramos sete pessoas — mamãe, eu e cinco irmãos, (quatro rapazes e duas meninas), — habitando aquela casinha triste numa rua grande e movimentada. Papai falecera, quando ainda morávamos no interior, deixando-nos, praticamente, sem nada. Mamãe, uma mulher corajosa, de grandes olhos meigos e compreensivos, espírito combativo e perseverante, decidira mudar-se para a capital. Seria melhor para nós, meus filhos, — costumava ela dizer. Arranjaremos trabalho e vocês poderão frequentar o colégio. E ali nos encontramos há dois anos, superlotando com as nossas pessoas e os nossos trastes, aquela casinha triste da rua grande e movimentada.

Éramos sete, mas tínhamos para nosso tormento, uma hóspede indesejável — que ali se plantara desde o primeiro dia. Era a fome! Sua presença invisível fazia-se sentir nas olheiras fundas que punham círculos arroxeados nos belos olhos de minha mãe, como um estranho e grotesco par de óculos, desenhado na própria face.

Dos meus irmãos, Oldemar, o mais novinho, com apenas três anos, era o que mais sofria. Privado de uma alimentação adequada, arrastava o seu pequenino esqueleto pelos quatro cantos da casa, choramingando sem cessar. Era confrangedor ver impresso em sua boquinha, feita para sorrir, o rictus doloroso da amargura. Seu olhar implorativo, doía como uma punhalada. A fome punha neles, como em todos nós, o brilho de um desejo nunca satisfeito. O desejo de comer como os outros mortais: café pela manhã, almoço ao meio-dia e jantar à tarde. Fazíamos, geralmente, uma refeição e assim mesmo minguada. As vezes conseguíamos um jantar regular, mas comíamos com medo, e não raro nossas lágrimas regavam a refeição. Lágrimas de dor e desespero, por saber que no dia seguinte iríamos passar fome, aquela espécie de fome que nos mata a alegria e nos rouba o sono. O sofrimento de minha mãe era terrível. Suas esperanças se haviam desfeito, após meses e meses de inútil procura e incontáveis humilhações. Sempre a recusa sistematizada, com promessas que nunca se realizavam ou a negativa breve, seca e revoltante, como uma bofetada. Apenas minha irmã Norma com 14 anos, conseguira se empregar como caixa de uma casa comercial. Seu magro ordenado garantia a casa e a luz. E, com a miserável sobra, minha mãe operava milagres. Jesus multiplicou os pães. Minha mãe multiplicava tudo e dividia o produto entre nós. Para ela reservava sempre o resto, coisa que raramente acontecia. Resistia, estoicamente, à todas as privações e vicissitudes. Havíamos interrompido os estudos.

Minha mãe dizia que era um esforço demasiado penoso para nós, irmos para escola com o estômago vazio. O que mais a afligia, porém, era a ardua e permanente da

fome. Uma vez por semana, ela vestia um de nós, penteava cuidadosamente, e recomendava: "Meu filho, vá à casa do tio Artur. Se o convidarem para jantar, aceite, mas não peça nada". Tio Artur era um simples comerciante, mas aos nossos olhos apresentava-se fabulosamente rico. Morava num lindo bungalow no outro extremo da cidade. Era irmão de papai e ignorava, concientemente, a existência dos sobrinhos. Aceitava a nossa companhia com frieza e desinteresse. Nunca se permitia uma palavra de carinho, nem tão pouco perguntava por mamãe. Chegávamos e ficávamos a um canto, sem ânimo de brincar, cômicos da própria fraqueza e inutilidade. Magros, pálidos e modestamente vestidos, formávamos um chocante com os nossos primos. Fortes, sadios e bem trajados, esbanjavam perdulariamente a saúde e traduziam nos risos e folguedos, a sua alegria de viver.

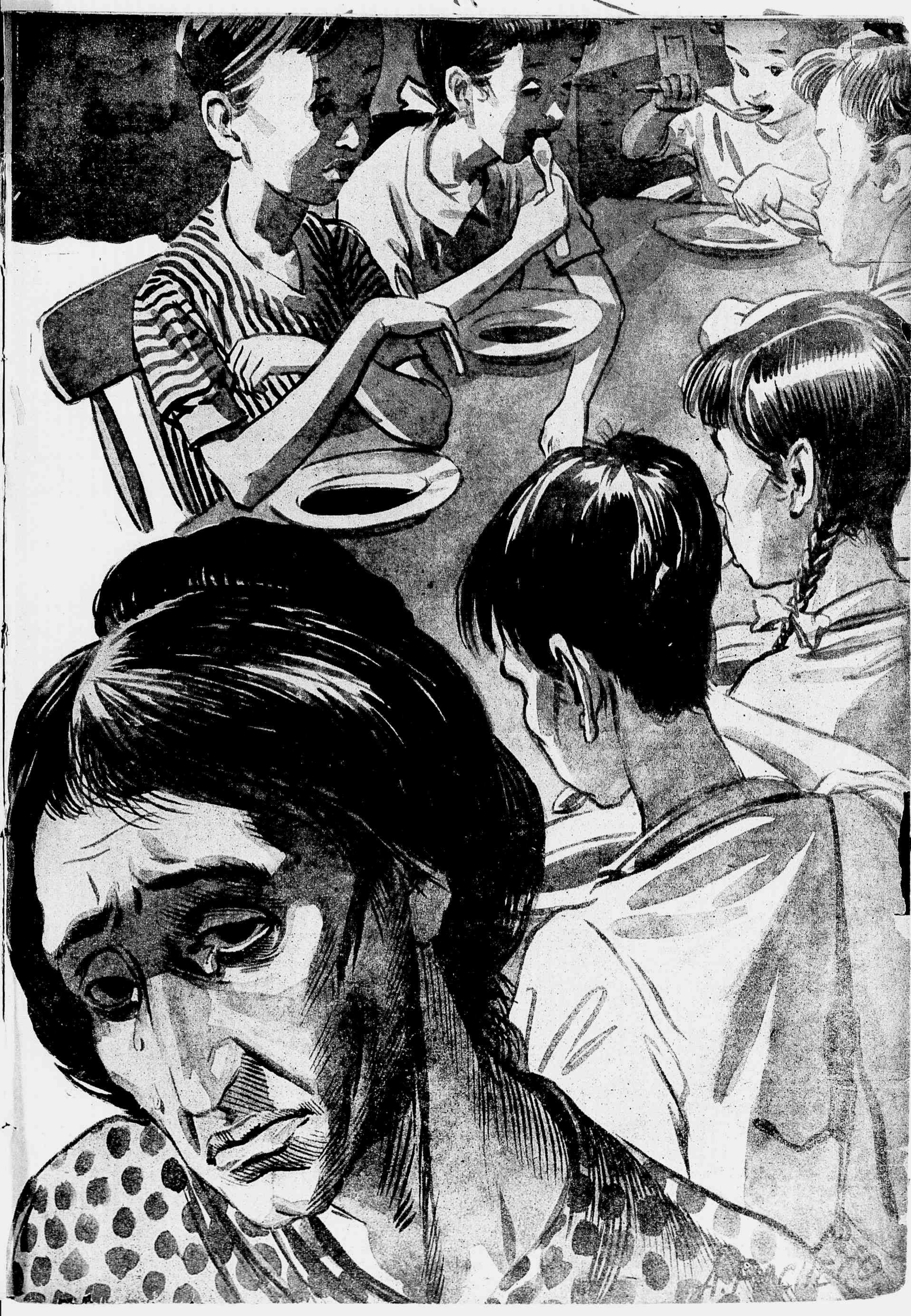
Estranhos mundos, o da pobreza e o da riqueza!! Misturem-nos, agitem-nos e deixem, depois, que volte o repouso. Observem-nos, então. Como a água e o azeite, eles estarão eternamente separados. Na casa do tio Artur, a fartura nos fazia mal.

Sentíamos tremuras pelo corpo e dores lancinantes na cabeça. A sala de jantar era o nosso encanto e o nosso suplício. As laranjas, maçãs, bananas e outras frutas que a enfeitavam, magnetizavam a nossa atenção. Com os olhos e com o pensamento, saboreávamos, gulosamente, aquelas delícias, enquanto deglutíamos uma fruta. Nossos primos possuíam uma infinidade de brinquedos. Eram barulhentos e inconsequentes. Raramente nos convidavam e quando o faziam, não aceitávamos. Sentíamos-nos desambientados. Aquele era um mundo incompreensível ao nosso raciocínio. Sofríamos a complexidade dos recalques. Tomávamos parte no jantar, mas a vergonha nos impedia de comer. À tardinha regressávamos, trazendo uns restos de pão e um outro naco de carne. Chegávamos em casa, mais tristes, mais desamparados, sentindo, como nunca, toda a amargura do nosso desconforto. A nossa rua era, também, alegre e barulhenta. A nossa casa era vazia e silenciosa. O mundo exterior fazia limites no pequeno e desgracioso portão da frente. Lá fora a vida estuante, o canto alegre dos carroceiros, o pregão dos vendedores e um sol radioso que punha tonalidades irisdadas nas gotas de orvalho...

Em casa, a sombra, a tristeza, a incerteza e a fome. O mundo tenebroso da angústia e da miséria. Minha mãe aceitava, às vezes, restos de almoço ou de jantar e isso era para ela um penoso sacrifício. Só um falso sentimento de orgulho e dignidade nos impedia de estender a mão à caridade pública. Aquela manhã fria e chuvosa (lembro-me agora que chovia torrencialmente) apresentava-se particularmente sombria para nós. Na véspera, havíamos passado o dia apenas com o café da manhã e novamente café à noite, com uns

biscoitos que Andréa trouxera da casa de tio Artur. Havíamos-nos deitado dolorosamente famintos. Naquela manhã acordáramos cedo, com o barulho surdo da chuva no telhado. A água invadira a cozinha, tirando-lhe aquele ar convidativo e acolhedor, tão do nosso agrado. Na varanda, infiltrara-se por uma fenda do fôrro, pingando no assoalho, gota a gota, como uma torneira lacrimejante em tempo de seca. Mamãe nos reunira na cozinha e assim se expressara: "Meus filhos, hoje vai ser um dia difícil para nós. Está chovendo muito, mamãe não pôde ir ao mercado (coitada, evitava confessar que não tinha dinheiro). Vamos tomar um cafezinho simples agora, e mamãe prepara, então, para o meio-dia, uma sopinha de batatas. Primeiro, vamos fazer uma prece a Jesus." Juntamos as mãos e a acompanhamos em cântico, enquanto Oldemar chorava, pedindo pão: "Jesus, tende piedade de nós, miséras criaturas. Vós que sois o amigo das criancinhas, vinde em nosso socorro. Confiamos, Jesus, na vossa Divina Providência. Protegei-nos, Jesus." Enquanto rezávamos a chuva acompanhava em surdina e um ou outro trovão nos obrigava a elevar a voz. Tínhamos receio que Jesus não ouvisse. Bebe-mos, em seguida, o café e mamãe pedira que fôssemos nos distrair.

Andréa pegara uma costura e se sentara a um canto. André e Odorico arranjaram uma revista velha e eu fui espiar a chuva, pela vidraça. Tudo deserto. As casas fechadas. A chuva lavava a rua e o casario com a mesma uniformidade e violência. Um gato trepara no muro, outro se lhe juntara e juntos iniciaram um estranho concerto. Um homem surgira, tentando subir a rua, escorregando, perigosamente, no barro vermelho. Trazia capa e guarda-chuva que eram impotentes para resguardá-lo. A chuva batia-lhe de flanco, castigando-o duramente. A enxurrada descia roncando, abrindo sulcos profundos na rua barrenta. Os morros distantes se apresentavam acinzentados, como se lhes tivessem corrido espessas cortinas de fumaça. Um tímido raio de sol espreitava melancolicamente por entre as núvens. Ali fiquei horas esquecidas, embalado pela cantilena monótona da chuva na vidraça. Chuva e desolação. Chuva... lama... muita chuva e muita fome. O relógio anunciara as doze horas. Silêncio em casa. Dirigi-me à cozinha. Meus irmãos já estavam quietinhos, sentados à mesa. Tomei o meu lugar. Mamãe, de costas para nós, remexia na panela. Eu sabia que ela estava fingindo. A panela só continha água. Olhei seus ombros magros e ligeiramente curvados. As privações minavam-lhe o organismo. Eu advinhei, mas do que senti, o movimento dos seus lábios. Sabia que ela estava rezando, apegando-se, desesperadamente, a um milagre de última hora. Insensivelmente, pús-me a rezar baixinho. Oldemar soluçava, pedindo comida. E, então, o milagre aconteceu. Duas pancadas fortes na parede que comunicava com a casa vizinha, avisaram mamãe que D. Clara queria falar com ela. Mamãe correu ao quintal e voltara





"A sereia" um dos quadros de Foujita.

FOUJITA NÃO MORREU!

"FOUJITA foi morto em Nagasaki pela bomba atômica!" — anunciou-se. E logo os jornais de Paris e de outras partes consagraram ao artista japonês longos artigos de necrológico.

No antigo subúrbio de Tóquio, hoje englobado na metrópole estacelada a casa onde Foujita mora faz lembrar a "vila" de um pequeno aposentado da Europa. Os braços de uma parreira virgem abandonada lançam sobre ela as suas vides. O sol desliza discretamente nos vidros do atelier, tão discretamente que se diria grandes olhos glaucos. Contra a barreira baixa, um nome duas vezes repetido: em caracteres chineses e depois, sobre um cartão, em amarelo e azul: FOUJITA.

É ele mesmo quem abre a porta. Casaco de quarto azul, calças escuras, cabelo de um belo prateado de tom azul, o olhar tranquilo; é sempre o mesmo homem, com sua distinção e seu "chame" silencioso.

A história da bomba diverte-o e lisonjeia-o: a bomba atômica... qualquer coisa de grande... Foujita!

Com a mão aponta as paredes do pequeno salão europeu onde estamos sentados sobre almofadas brancas à volta de um grande braseiro japonês: "nus" de Rodin, um pequeno "crayon" de Cézanne, uma paisagem minúscula de Renoir, dois croquis de Puvis. Nas outras salas, um Modigliani, um Picasso, um Raphael Collin.

Tendo evacuado a tempo o seu atelier de Tóquio, Foujita não perdeu os seus tesouros nem suas próprias obras.

Evocamos juntos todas as épocas da sua vida. Bastam algumas datas, assinaladas neste mapa do mundo que se desenha na nossa imaginação. As cenas que vivemos reaquecem-nos o espírito.

"E o baile da Noite de Shangai? Você estava fantasiado de selvagem de Formosa de tronco nu, com cabeças decapadas suspensas em volta da cintura. Gritaram "Fou-

jita." E treparam para cima das mesas. Eu... eu estava envolto num "sari". Um "manteau" japonês transformara o meu noivo em Estrangeiro.

Foujita irradiava essa noite sob as aclamações. Ele evoca ainda um jantar, êsse bem grave, no Instituto de Cooperação Intelectual, onde, vendo-o a compor os suspensórios em público, lhe disse: "Aqui não! Vamos, Foujita".

Ele exemplifica a cena, e Madame Foujita olha com ar admirado. Jovem, muito bonita parece alta no seu costume de tempo de guerra, um "macacão" de seda escura, com um lenço azul e branco ao pescoço. Veio juntar-se a nós, trazendo o café.

Teria dito a verdade: aquele grande comerciante que há 20 anos em Paris, predissera que Foujita acabaria junto de um braseiro japonês com uma japonesa? "Amei" — confiou-me um dia o artista. "É naturalmente, uma japonesa...".

Todos os três nos pusemos a recapitular: Tóquio, a Escola das Belas Artes, seção japonesa, depois Paris em 1913 a 1929. Durante a guerra de 1914 Foujita deixou de receber dinheiro do Japão. Comia couve crua.

Os primeiros sucessos vieram-lhe com as pinturas que ele mesmo chama de "primitivas". São cenas religiosas. Seu caminho encontrou-o nos desenhos de nus e nesses quadros de mulheres de uma feitura muito dele branca e mate como uma casca de ovo. Era na época em que a pintura morava em Montparnasse. Junto dele, uma sólida figura de mulher — Fernanda.

A fama seguiu então os passos e a figura de Foujita.

Foujita, fotografado na sua "vila", em Tóquio, junto a um dos seus quadros.



O FAMOSO PINTOR MODERNISTA ESTÁ VIVO E SÃO, HABI- TANDO UMA "VILA" DE TOQUIO



PRETENDE VOLTAR A PARIS



De KIKOU YAMATA

(Da "France Presse" — Exclusividade
de REVISTA DA SEMANA, no Brasil)



Fougita, numa fotografia tirada em 1947, sob as cerejeiras em flor do triste Japão derrotado...

Ele diverte-se, passa uma argola de ouro numa orelha, um anel tatuado no dedo. Vi, nessa época, uma cabeça de mulher bastante perieita: o retrato de Suzanne Berillon pintada em seda como uma pintura buclista.

Depois foi morar num apartamento burguês em Passy.

Foi a época dourada. A bela Yuki, loura e branca flamenga estava junto dele. Ele representou-a em todos os seus quadros, principalmente nesse grande "Netge" onde o corpo onduia num horizonte de sombra. Em 1925 recebe a Legião de Honra. Em casa de Bernheim expôs grandes "panneaux" decorativos, com figuras sobre uma ponte de navio. Um de seus confrades, nipônicos terá dito: "Fougita expôs dez metros quadrados de pinturas". Decorou a Casa do Japão na Cidade Universitária. Renunciando ao modelo feminino, ele deseja fazer maior, mais viril, e com a mesma técnica traça lutadores.

Mais tarde foi morar em Montsouris, bairro da Paris, com seu cosinheiro japonês e sua cosinheira francesa. Na rua, Fougita parou comigo diante de uma vitrine, e olhando uma gravura romântica, um ramalhoto, disse-me: "Nem tu sabes como isto é belo".

Depois foi a fuga, para a América, onde esteve três meses, e para o Japão, onde eu o precedi. Estávamos em 1929. O pai de Fougita, inquieto pela longa ausência do filho, perguntou-me: "se ele continuara japonês".

Quando lhe perguntei que retratos havia feito na América citou o da Grã-Duquesa Maria, mas negouse a dar outros nomes. Não desejava passar por pintor mundano.

No seu regresso ao Japão, o casal Fougita Yuki desligou-se. Ele escreveu-lhe: "Fui feito para o trabalho e para a pobreza".

Quando voltou a partir, foi com Madeleine, de belos



embelos ardentes, cujas canções alegravam a embaixada da França. No caminho, parou no México, na Argentina e no Brasil. No México permaneceu dois anos, pintando, em 1931 e 1932, indígenas e crianças.

Em 1939 regressou a Paris. Perdera Madeleine, morta em Tóquio. A esposa japonesa que o acompanhou iria descobrir em Paris que nem sequer suspeitara pois era de clássica formação japonesa. Moraram em Montmartre até 1940. E Foujita, de sua janela, pintava Paris.

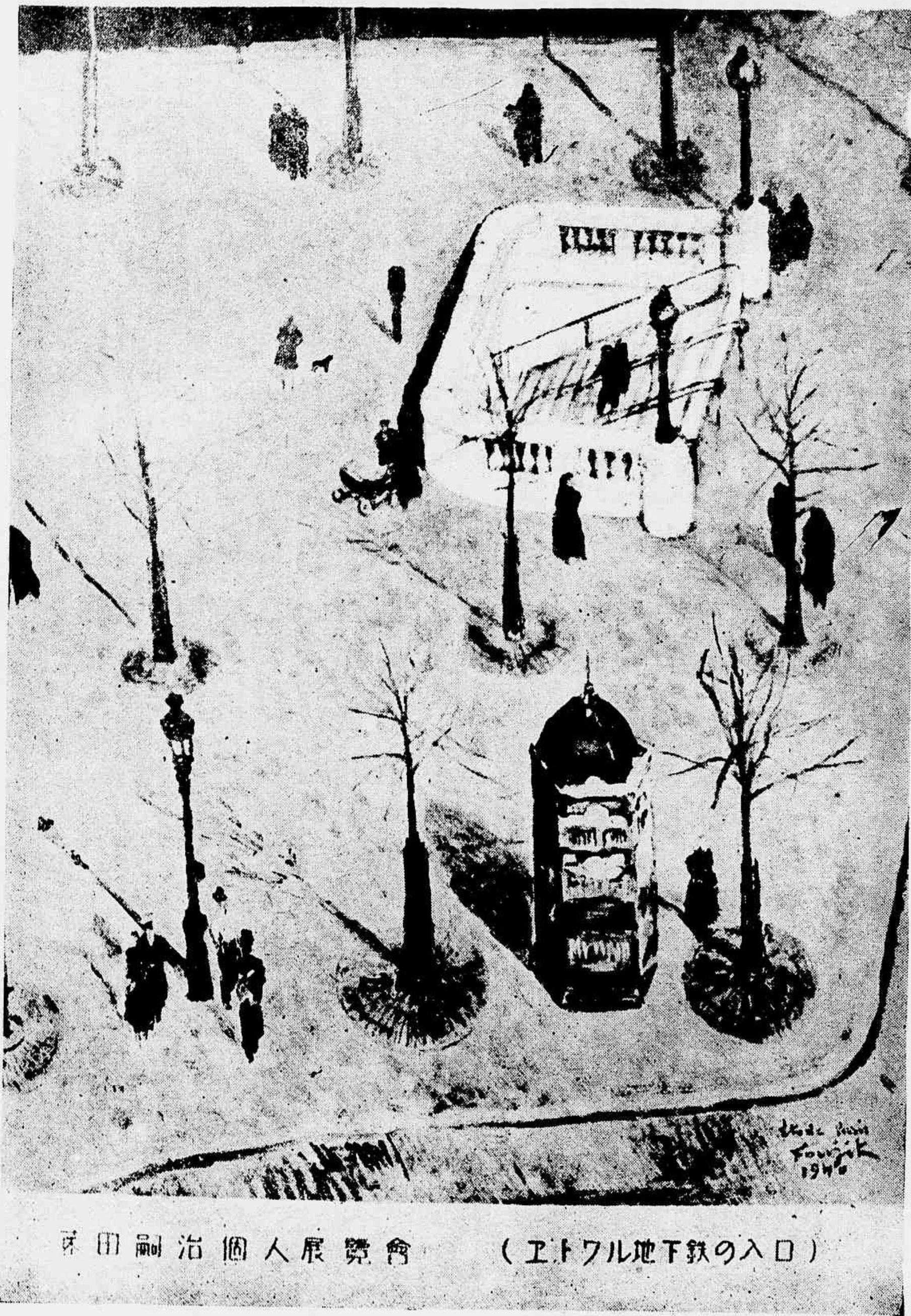
Pintor parisiense, Foujita não havia ainda conquistado renome semelhante ao seu próprio país. Olhavam-no até com desconfiança. Mas em 1941, finalmente ele conquistou o Japão: foi nomeado membro da Academia Imperial.

Foi um ano antes da guerra. Quando a Sociedade Cultural enviou a Indochina uma exposição dos pintores japoneses modernos, foi Foujita o escolhido para a apresentar. Nessa ocasião pronunciou ele uma conferência em francês.

Estourou a guerra. Foujita é então todo japonês e "todo ao serviço do Ministério da Guerra". Recusa-se a repelir a sua conferência sobre arte na Casa Franco-Japonesa. Até à data como ele declara, nada fez. Sua arte data de "agora". Representa os combates de Nomohan ou o último ataque à ilha Attu. Esta última tela, de grandes dimensões, oferece em tons sombrios e betuminosos, cenas de corpo a corpo. Como eu o censurasse de nada ver ali ele respondeu-me: "Os combates tinham geralmente lugar à noite".

Durante a guerra, esta obra guerreira foi reproduzida na América sob o título: "O que sucede num país onde falta a ciência". Foi transportada ao Palácio Imperial para que Sua Majestade a visse. Eu encontrava-me então na prisão, e os inspetores me deram essa notícia insistindo no contraste de nossas situações respectivas a fim de que isso me servisse de lição.

Foujita evacuara o seu atelier para Fujina, perto de um rio, com um grupo de amigos de Paris, a cantora Yoshiko, Sato, Inokuma e Ogura. Não foram bombardeados. "Pintava? — Não, respondeu ele, as idéias baralhavam-se-me na cabeça, não podia pintar".



田副治個人展覧會 (エトワール地下鉄の入口)

"O "metro" da Etoile, em Paris, segundo um quadro de Foujita.

Em 1945, após a capitulação, Foujita publicou nos jornais um manifesto. Declarava aí que um pintor podia fazer obra de guerra por patriotismo, mas não porque o desejasse.

Entretanto, nessa época de depuração oficial, conservado um pouco de parte, Foujita ilustra por vezes revistas femininas. Acaba de fazer vários desenhos para o romance americano. Não se reconhece o Foujita de Paris nesses desenhos onde um insípido GI enlaça uma vaga estrela de cinema nipônica.

Não participará dos Salões antes de um ano diz ele. Seu atelier está em perfeita ordem. Nada ali se arrasta. Não vi obra em curso senão uma grande tela onde, numa paisagem sem luz, três mulheres nuas e róseas se olham em silêncio, separadas por um lírio e uma dormideira tristes. A glória dos museus onde o tempo recompensa o artista e

"Chaminés de Paris", quadro de Foujita, o célebre pintor modernista do Japão. Ao contrário do que constou, Foujita nada sofreu com a explosão da bomba atômica.

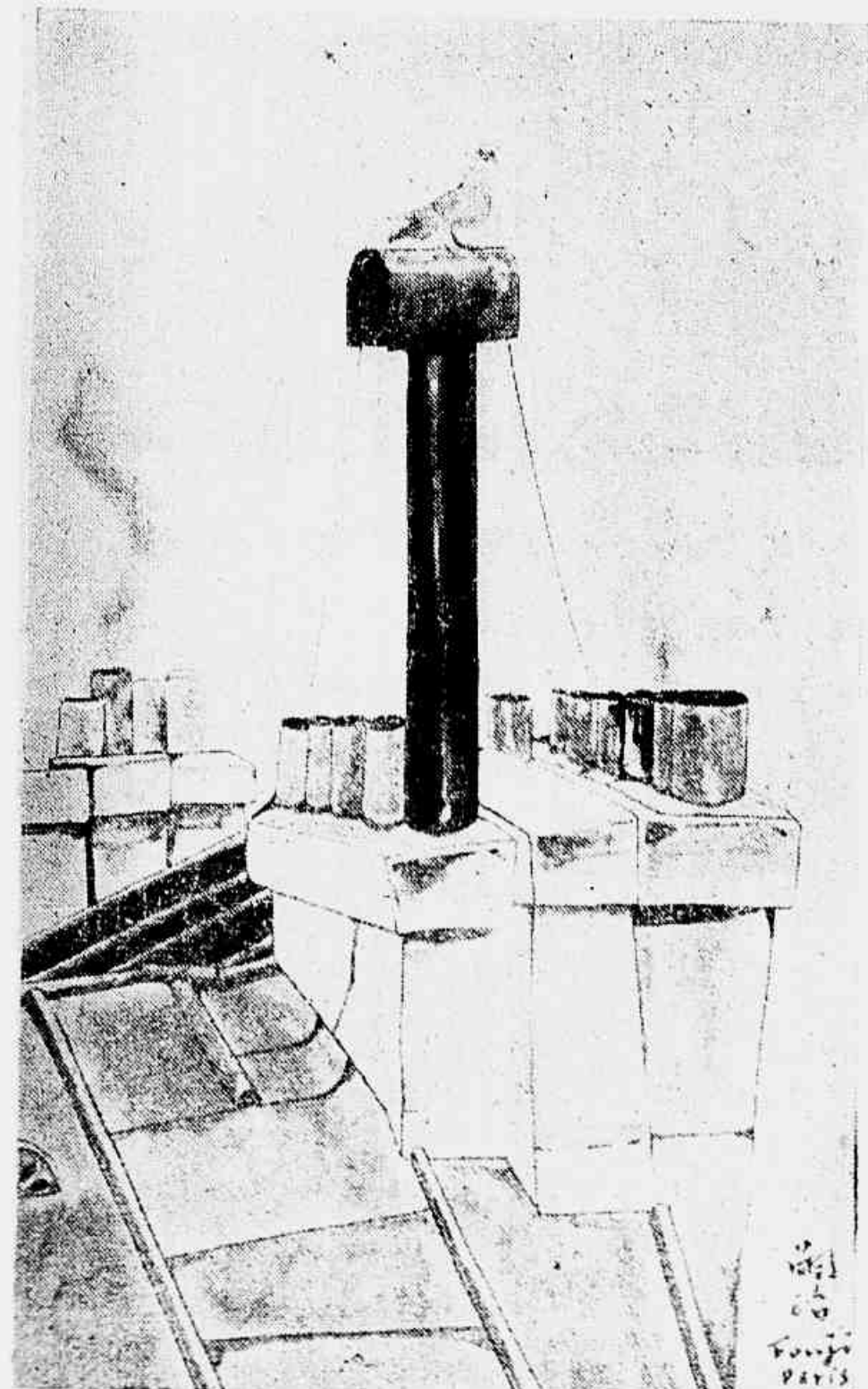
coloca a sua obra ao abrigo das vicissitudes do mundo, abeira-se de Foujita.

— Voltará a Paris? — perguntei. — "Certamente" — respondeu ele.

E voltará aos nús. aquela pasta branca, aquela arte linear e decorativa que lhe valeram a reputação.

Remexe nas suas fotografias mas não me dá nenhum de seus trabalhos de guerra. Prefere mostrar-me uma "maquette" de sala de campo onde uma colcha vermelha adorna o leito. "E" um "joujou", diz ele, farei ainda todos os acessórios". Sua bicicleta lá está, como para o ajudar a alcançar a primeira estação. "Não se esqueça de falar da minha bicicleta", acrescenta ele.

Um arco-íris brinca no seu rosto, através da janela ensolarada, como uma carícia dessa glória que ele tanto amou como um reflexo da paleta. "Au revoir, chérie", me disse ele ainda. E estas duas palavras, "joujou" e "chérie", em francês na sua boca, tem um acento íntimo, mas nostálgico à beira daquele caminho campestre. Desejo que ele regressasse a Paris.



NA igreja de Nossa Senhora de Kazan, uma menina alemã, de apenas dezesseis anos de idade, está a casar-se com um imbecil de vinte e um anos. É um dos casamentos mais importantes da época, pois vai unir a princesa de Anhalt-Zerbst a Pedro Feodorovitch, grão-duque de Holstein, sobrinho dileto da imperatriz Isabel e herdeiro do trono de todas as Rússias. Que importa que a pequena e delicada princesa sinta doer a cabeça com o peso da coroa que oprime a testa há sete horas, desde o início da brilhante cerimônia? Que importa que ela esteja triste por ter sido arrancada ao seu modesto lar da Alemanha, ao bondoso pai com o seu livro de orações, aos irmãos e irmãs, à mãe paciente, à aprazível lareira? Que importa que ela tenha sido constrangida a converter-se e a jejuar durante três dias na capela abafada, enquanto se entoava uma série interminável de hinos e bênçãos, para expressar a sua abjuração do credo luterano e a adoção da religião grega ortodoxa? Em breve a cerimônia nupcial estará terminada, os seus aborrecimentos terão passado — e ela será uma grã-duquesa.

Quando se ajoelhou ao lado do noivo, este dirigiu-lhe um sorriso travesso. Uma dama de honor acabava de segredar-lhe qualquer coisa ao ouvido.

— Preciso tomar cuidado, minha noiva — disse ele baixando a voz, num tom malicioso. — Acabam de avisar-me que não devo mover a cabeça nem por um instante enquanto nos for administrado o sacramento. Porque, de acordo com uma superstição, aquele que se mover primeiro morrerá. E decerto ninguém deseja que tu vivas mais do que eu.

A menina corou a este gracejo de mau



muito ocupado com o seu regimento de Potsdam, que mandara vir da Prússia. Vivia engolfado numa adoração histórica por Frederico o Grande e pelas meretrizes da corte russa.

Catarina lia, sentava-se nos seus aposentos a bordar; olhava pela janela, esperando por alguma força que viesse libertá-la. Adquiriu o gosto de caçar, de cavalgar pela manhã o seu corcel negro através das silenciosas florestas, de oferecer à chuva o rosto inclinado para trás e despentear a cabeleira, deixando-a voar à volta das orelhas morenas. Nessas galopadas encontrava às vezes um jovem palaciano, formoso como Apolo e volúvel como o vento. Ele tinha o hábito de aparecer-lhe inesperadamente — como um panorama agradável que se nos apresenta de súbito a uma volta da estrada. Começou a acompanhá-la nas caçadas, murmurando-lhe ao ouvido doces palavras e protestos de afeição. Seria o seu mestre no amor, que ela ainda não conhecia.

— Querida Catarina — segredava-lhe, deixa que te ensine a significação de uma carícia, e as palavras dum homem que sabe adorar.

Catarina puxou as rédeas ao cavalo.

— Como te atreves a tomar essas liberdades, Sérgio! — Eu sou uma grã-duquesa!

— É's uma mulher, Catarina. — Abertava-lhe a mão. Instintivamente ela recuava.

— Meu marido...

— É' um bruto, de instintos baixos e vis, que só se sente a gôsto entre as prostitutas da corte.

— Algum dia ele será o teu tzar!

Os olhos de Sérgio estreitavam-se.

— Será um dia infausto, Catarina!

Seu olhar mantinha-a como enfeitiçada.

CATARINA A GRANDE

(1729-1796)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

gosto, mas não respondeu. Murmurava-se que o grão-duque era fraco de espírito e gostava de pregar peças e dizer coisas como aquela. Fechou os olhos com força, e mal ouviu as palavras que a faziam sua esposa.

Ergueram-se. Prorromperam os cantos na catedral. Mil velas espalhavam uma luz deslumbrante sobre a magnificência da nobreza, dos bispos mitrados, da multidão de diplomatas estrangeiros e da velha e robusta imperatriz que presidia às núpcias como uma gigantesca abelha-mestra zumbindo à volta da colmeia.

Finalmente, as luzes diminuem e os convidados vão-se. Findou-se o longo dia, com os seus aborrecimentos e provações. É' hora de ir para a cama — para a enorme cama, como seu dossel e as pesadas cobertas de veludo, sob as quais as aias metem a menina atordoada e a deixam sozinha, retirando-se com silenciosas reverências. Ela se encolhe debaixo do cobertor e comprime a face contra o travesseiro, lançando um olhar medroso ao espaço vazio a seu lado.

Mal conhece a diferença entre os sexos. Aos dezesseis anos, é de uma inocência completa. De súbito lhe vem o desejo de voltar à pátria. Mas isso significaria uma longa viagem de trenó por centenas e centenas de milhas de terra gelada, e mudanças de cavalos, e estalagens, antes de poder novamente reunir-se aos pais. Recordar-se das últimas palavras destes: "Sê boazinha, Sofia, não chores". E está decidida a não chorar, por amor a eles.

O marido desperta-a do seu devaneio. Entrou na camara nupcial com as suas botas militares. Tem o rosto afogueado pelo vinho e a respiração ofegante. Ela fita-o com olhos súptiles, arregalados de terror, mas procura fingir calma.

— Boa noite, Pedro.

Ele resmunga uma resposta incoerente. Estranho rapaz, meio demente, este Pedro da Rússia! Aos quatorze anos ainda não aprendera as primeiras lições de leitura e caligrafia que se costumam ministrar a uma criança de seis. O seu cérebro divagava. Tinha um olhar vazio. Haviam-no espancado pela sua estupidez, decididos a fazer dele um homem, mesmo contra a sua vontade. Ameaças e castigos só conseguiram minar-lhe ainda mais a débil constituição. Era um tipo franzino, e quase sempre se portava como uma crian-

ça magoada, aturdida e perversa.

— Boa noite, Pedro — repetiu ela.

Quando da sua chegada a Moscou, Pedro irrompera sofregamente na sala de recepção para ver a jovem que lhe destinavam. Mas durante o noivado a curiosidade fora substituída pela indiferença. Desprezou-a, voltando aos seus brinquedos militares. Ninguém dava muita atenção a ele, tão ocupados andavam a imperatriz e os cortesãos com os preparativos das bodas. Tinham-no deixado só com as suas birras.

Atirou-se sobre o leito sem descalçar as botas e sem dizer uma palavra à sua noiva.

— Eu te esperava. Por que demoraste? — disse ela em voz tímida.

Pedro olhou para o tecto e resmungou:

— Estava brincando com os meus soldados.

— Eram os seus soldadinhos de chumbo, a que tinha imoderada afeição.

— Não gostam que eu brinque com eles — continuou em voz surda.

— Não quero saber de ninguém, nem mesmo de ti.

— Falava sem a olhar, como se estivesse ensaiando sozinho uma cena.

— Nem mesmo de ti.

— Em pouco tempo estava profundamente adormecido, roncando.

E havia lágrimas nos olhos da noivinha.

II

No dia seguinte a tsarina mandou uma jovem dama de honor interrogar os recém-casados. A imperatriz estava ansiosa por um herdeiro.

— Majestade — informou a aia, — o grão-duque foi singularmente frio e indiferente. A noiva está desesperada; encontrei-a chorando.

— Ela precisa deixar de tolices — declarou Isabel. — Uma mulher que ama sinceramente a seu marido não pode ser encontrada chorando durante a lua-de-mel. Eu não a obriguei a casar com ele. A mãe disse que a rapariga consentia de bom grado. Pelo tzar Pedro, ela há de dar-lhe um filho, ou eu não sou a imperatriz da Rússia!

Decorreram vários meses, e nem sinal do futuro tzarevitch! Isabel manda chamá-la. Interrogou-a severamente. Estava ortando-se como devia portar-se uma esposa? Submetera-se a seu marido? Ou não, dar-lhe um herdeiro?

— Mãezinha, dai-me tempo — rogou a menina. Não contou à imperatriz que o grão-duque, noite após noite, se metia no leito com as botas enlameadas, se enroscava no seu lado da cama, e punha-se a roncar; que só lhe dirigia a palavra para ralar ou para gabar-se das mulheres que conquistava. Pedro tinha olhos para todas, menos para sua esposa.

Passaram-se os meses. A imperatriz nomeou confidente da sua sobrinha uma mulher cuja aptidão para gerar filhos era legendaria. A matrona andava eternamente em estado de prenhez — um exemplo para a jovem Sofia, ou Catarina, como se chamava agora, depois de sua conversão. Os meses se passaram, e depois os anos. E Catarina continuava sem conhecer o amor conjugal. Nunca recebia de Pedro um olhar, uma palavra amável. As lágrimas já não lhe acudiam aos olhos tão facilmente como nas primeiras semanas. Sua mágoa, entretanto, era mais profunda. Ao redor dela, os rapazes e as moças da corte respondiam ao chamado do amor. Os próprios instintos nunca tinham sido despertados. Acharam-se em letargo. Ela experimentava a mais atroz das angústias. Passou dos dezesseis anos aos vinte, dos vinte aos vinte e cinco. O duque subiu de posto — ao invés de brincar com soldadinhos de chumbo, exercitava agora soldados de carne e osso. Nunca o viam senão de uniforme. Continuava sempre reservado, brandia truculentamente a espada e dirigia em voz alta ordens e imprecizações a uma sala vazia. Bem diante dos seus olhos, os encantos da jovem esposa, ainda virgem, desabrochavam e floresciam em sensível maturidade. Passavam-lhe, porém, despercebidos. Andava

Seus lábios eram vermelhos e carnudos como morangos. Catarina sentia uma ferroadia no coração e tremia.

— Deixa que te leve a um reino maior que o do tzar: o reino da felicidade, Catarina.

Ela retrocedia, assustada, sacudia as rédeas do cavalo e retirava-se silenciosamente, embreando-se na floresta.

Mas não podia afugentar do espírito a imagem de Sérgio...

Certa manhã recebeu a ordem terminante de apresentar-se nos aposentos da Imperatriz.

— Catarina — disse Sua Majestade. — sabes que estás casada há nove anos?

— Sim, Majestade.

— E ainda não tiveste filhos. Dize-me, há alguma coisa com o grão-duque, ou é tua culpa?

Catarina corou.

— Não sou eu, mãezinha.

— Andam dizendo — prosseguiu a imperatriz — que Pedro não é bem normal, fisicamente. Que lástima! E pensar que um sobrinho meu pudesse ser tão pouco viril! Catarina — sua voz perdeu o tom autoritário e tornou-se mais branda, com um toque de afeição, — eu sei o que tu tens suportado, minha pobre filha. Entretanto, é preciso que eu tenha um herdeiro. Se Pedro não pode ser pai, tens de arranjar outro.

— Oh, mãezinha!

— Precisas tomar um amante. Não tiques tão escandalizada. Eu também tive os meus... Não esqueças: trata-se de perpetuar a nossa dinastia. O trono de todas as Rússias nunca deve estar vago.

— Sim, mãezinha — murmurou Catarina, ofegante.

— É' minha ordem expressa, entendes?

— Sim, mãezinha.

Naquela noite ela acenou a um cavaleiro alto, louro, de rosto bronzeado, que emergia das sombras para ir ao seu encontro. Acariciou-lhe a barba macia. A luz era um dilúvio de prata que os banhava numa luz mágica.

— Sou tua, Sérgio, — disse-lhe, baixinho.

III

Em pleno inverno, em Moscou, nove anos depois. O corpo da imperatriz Isabel está sendo levado, através das ruas cobertas de neve, à derradeira morada. Adiante do féretro vem um côro de can-



CATARINA, A GRANDE

tores — velhos barbudos, marchando com passos solenes, e rapazolas de faces rubicundas, que esfregam os dedos gelados e de quando em quando escapam das fileiras para fazer uma ou duas cabriolas até receberem vigorosos murros na cabeça. O antigo grão-duque Pedro vai à frente dos carpidores, sem olhar para lado nenhum. Tem no rosto uma expressão de completa idiotice. Os camponeses, postados de ambos os lados da rua, inclinam-se humildemente ante o novo czar e elevam uma silenciosa oração pela nova tsarina.

Celebram-se as cerimônias fúnebres. Está terminado o enterro. Catarina retira-se para os seus espaçosos aposentos do palácio. Olha a praça lá em baixo. Alguns operários regressam do trabalho apressados, algumas meretrizes começam a exercer o seu mistério. O futuro de Catarina, com um marido como Pedro, é tão negro quanto as sombras que palram sobre Moscou. Mesmo como simples grão-duque, ele lhe fizera a vida intolerável. Mas agora que, por morte da imperatriz Isabel, se tornou czar de todas as Rússias, agora que as suas palavras e ações insensatas podem ser convertidas em leis absolutas, o porvir tem para ela todos os horrores do inferno. Murmura-se que Pedro ameaçou encerrá-la num convento, como primeiro ato oficial. Catarina estremece e aconchega mais a capa aos ombros. Punhais de gelo pendem dos telhados, e a neve se amontoa contra os peitoris das janelas.

Um corpulento oficial da guarda em uniforme militar seguia arrogantemente pela rua. Catarina olhou-o e entreteceu os olhos. Aos últimos reflexos do crepúsculo via-lhe o rosto musculoso, as enormes mãos a balançar descuidadamente, cerrando com decisão os punhos que pareciam encerrar em si toda a sua audácia.

— Quem é aquele homem? Já o vi antes.

Estas palavras eram dirigidas à sua aia, que veio respeitosamente à janela e espiou para fora.

— Aquele, Real Alteza, é o ajudante de campo, Gregório Orlof — respondeu.

— Parece conhecê-lo.

— Sim, Real Alteza. Quase todas nós, as moças da corte, temos motivo para conhecê-lo bem... muito bem.

— Ah, Natachka — disse Catarina, sorrindo, — eu também gostaria de conhecê-lo... muito bem. Gosto do seu porte. Natachka tens que chamá-lo aos meus aposentos imediatamente, mas não deixes escapar uma palavra sobre quem te mandou. Ele não deve saber o meu nome, entendes?

— Sou discreta, Real Alteza. Visitarei as tavernas, que é onde ele poderá ser encontrado. Mandá-lo-ei para cá em seguida. Não direi uma palavra sobre quem me envia.

Catarina preparou-se para a entrevista. Anos atrás, no tempo em que conhecera Sérgio, aquilo seria para ela mais que um simples incidente. Mas tinha havido outros depois de Sérgio — inúmeras entrevistas como aquela. Enfiou o penteador, alisou as poltronas e o sofá de veludo, pediu o conhaque, preparou os cigarros. Instintivamente o seu espírito lembrou os meses de arrebatamento que passara com Estanislau, o jovem diplomata polaco. Convencia-se às vezes de que Estanislau era o único homem a quem dera todo o coração. Amara-o após a infeliz conclusão das suas relações com Sérgio.

Suspirou ao aproximar-se do espelho e deitou um olhar rápido à sua imagem, antes de cobrir o rosto com um véu.

O alto e robusto oficial foi conduzido à sua presença. Desprovido de curiosidade na satisfação dos seus desejos anímaes, aceitou sem uma pergunta a mulher desconhecida. Quando estava para ir-se, ela tirou lentamente o véu que lhe cobria os olhos.

— Possuiste uma imperatriz — disse.

Num instante, ele estava ajoelhado diante dela.

— Conta-me algo de ti. Tu me agradas muito. Tens irmãos?

— Somos três, Alteza: Feodor, Alexis e eu. Todos soldados da Guarda Real.

— Bebamos à saúde do teu real senhor, Gregório — de meu marido, o czar de todas as Rússias.

Encheu-lhe um copo de vodka, e beberam em silêncio. Ela lançou-lhe um olhar arguto.

— Que pensas de meu marido, o czar?

— Instintivamente Orlof recuou alguns passos. — Vamos lá. Que pensas dele?

— Alteza, ele é o meu czar.

Catarina riu, divertida com a resposta.

— E's bastante leal ao czar, mas não chegas a ter-lhe amor, hein?

Gregório ficou escarlate, mas não respondeu.

— E gostarias de amar a tsarina?

— Não sou digno dessa honra, Alteza!

— Exatamente. E's um simples cossaco, e nada mais. Procedes como um rústico, calndo de joelhos ao primeiro pretexto, sem o mínimo garbo. Entretanto, sinto estranha atração por ti. Os teus braços são fortes, Gregório.

— Não compreendo, Alteza.

— Os teus braços são fortes, Gregório.

E é um feliz acaso que tu e teus irmãos sejais membros da guarda do palácio.

Eles terão, também, braços vigorosos?

— Majestade!

— Braços vigorosos, Gregório; braços capazes de derrubar o czar!

— E' uma ordem, Majestade?

Ela inclinou a cabeça.

— Haverá uma revolução palaciana... O exército te seguirá como por encanto. Deves aprisionar o czar sem fazer bulha. Que não haja nenhum reboliço desnecessário.

Orlof ajoelhou-se de novo.

— Deus vos abençoe, Majestade.

— Na tua presença, Gregório, eu não sou Majestade. Chama-me de Catarina, simplesmente.

— Catarina — murmurou ele. — Catarina a Grande!

IV

Pedro, o louco, foi preso e estrangulado. Catarina coroou-se a si mesma imperatriz e fez Gregório Orlof conde, dando-lhe uma pensão e um posto importante no seu séquito. A princípio tencionava casar com ele, mas a nobreza opôs-se tão energicamente que a tsarina se viu obrigada a renunciar ao projeto. Ainda assim, deu-lhe três filhos, e toda a riqueza e as comodidades materiais de que dispunha. Sempre que ela dava uma recepção, podia ver-se o conde Orlof postado indolentemente a seu lado, com as suas botas grossas e enlameadas, a sua tagarelice inculta e incessante, proferindo pragas em voz alta e exsudando alho, cuspiendo nos pavimentos de mármore, e pronto para matar ou morrer a uma palavra da imperatriz.

— Então, Gregório, nós governamos o mundo, tu e eu!

Era uma rainha ambiciosa. — Vou redigir uma constituição para o povo, e farei que seja aprovada por todos os grandes juristas da nação. — Encerrava-se

num gabinete, com pergaminho e pena, e com as obras dos filósofos franceses Diderot e Voltaire. Convidou um milhar de representantes de todas as partes da Rússia a se reunirem no Kremlin para discutir o novo código de leis. Uma das disposições dizia respeito à emancipação de todos os servos da Rússia. Mas os nobres se opuseram, e a cláusula foi suprimida. Os camponeses russos continuaram a viver como animais do campo.

— Mãezinha, tens grandes idéias — observou Orlof, mascando uma cebola. — Macacos me mordam se eu as entendo; não dou para isso de leituras e escritas. — Prendia-a no seu abraço de urso. — Ah, mas eu sei entender os teus beijos, hein?

E Catarina, que adquirira a reputação de ser a mulher mais educada da Europa, sorria àquele formoso bárbaro e respondia ternamente: — Sim, Gregório!

Ela a seguia por toda parte com um olhar de adoração. Cevava-se nos seus encantos, e no entanto sentia-se farto com o excesso de doçura. As vezes, no segrêdo da noite, escapava para os seus sítios preferidos, a provar o manjar mais grosseiro das humildes irmãs da rainha — as mulheres das barracas e das ruas. Porque, embora repoltreando-se entre as riquezas da corte, era incapaz de esquecer a sua baixa extração.

Contudo, Catarina encorajava-lhe as inclinações vulgares. Consultava-o a respeito de seus projetos e cedia como uma escrava a todos os caprichos dele. Não ignorava que devia o trono àquele soldado barulhento e rude, que era o ídolo do exército russo. Era-lhe agora difícil mandá-lo embora, pois Gregório podia levar os soldados a se revoltarem contra ela, assim como os induzira à revolta contra Pedro. Com todos os momentos da sua vida devia agora pagar a Orlof o assassinio do czar demente. Que preço, para ser pago a um tal alarve!

Entretanto, o alarve tinha os seus arrancos de coragem, e até de nobreza. O temido flagelo da varíola irrompeu em Moscou. Pouco tempo antes, Catarina mandara vir um médico inglês que tinha introduzido em seu próprio país a prática da vacinação com grande êxito. A princípio os nobres da corte russa se opuseram a que o médico experimentasse neles uma invenção tão revolucionária. Eram supersticiosos e tinham a firme convicção de que todos os seres humanos deviam mais cedo ou mais tarde adoecer de bexigas, e que era perigoso contrariar a natureza. Não obstante, Catarina deixou-se vacinar. No dia seguinte Orlof também foi vacinado. Então a nobreza em massa se dirigiu ao médico e submeteu-se às suas inoculações. Mas os camponeses recusaram aceitar os "remédios do diabo". Limitavam-se a orar pedindo um milagre, e continuavam morrendo aos milhares. Catarina enviou-lhes alguns médicos munidos do soro salvador. Mas os camponeses se reuniram em multidão e juraram matar imediatamente a todo médico que ousasse aproximar-se deles. Foi nesta conjuntura que Catarina mandou Orlof à frente dos soldados, para forçar o povo a entrar nos hospitais que ela lhes preparara.



June Haver, uma das mais belas artistas da Twentieth Century Fox, ostentando um lindo modelo de vestido de noite, todo em rendas.

Não, minha amiga... Não... Você está enganada... Não é pelo fato de você estar se aproximando dos quarenta anos que se deva sentir cansada e abandonada... Não pense nunca que está ficando velha e, não pense nunca que já não deve se preparar com o mesmo cuidado com que costumava se preparar aos vinte anos... "Há tantas mocinhas bonitas", pensa você... "Não vale a pena querer competir com elas..."

Tire da sua cabeça essas idéias absurdas e pense, antes de mais nada, que você não está envelhecendo, mas amadurecendo, o que é bastante diferente. Esteja certa também, de que essas mesmas meninas que você inveja, vivem ansiosas para chegar a ser tão sugestivas, tão encantadoras como você... Não perca o tesouro que lhe dá a experiência, só porque um ruga já apareceu nos cantos dos seus olhos... Você pode, como nenhuma garota de vinte anos, se tornar atraente com a sua beleza serena e plácida, com a beleza tranquila de quem já conhece os segredos da vida. Saiba tirar partido dessa experiência, saiba manter a atitude digna e encantadora das mulheres que sabem ter atingido o ponto culminante de suas vidas... Não se abandone... Pelo contrário, cuide ainda mais da sua aparência, da sua figura... Faça realçar ainda mais todos os encantos que a vida lhe deu. Mas, cuidado! Não vá se tornar ridícula! Não vá se tornar ridícula, pretendendo embargar o tempo, pretendendo aparentar ainda ser uma juvenzinha ingênua e sonhadora...

Vista-se, não como uma mocinha, chela de franzidinhos, babadinhos e lacinhos, mas com a distinção de uma pessoa que conhece os seus "pontos fracos" e que sabe, portanto, o que deve esconder e o que deve realçar... Mentalmente, também, mantenha o mesmo ponto de vista. Não exponha idéias por demais ingênuas para a sua idade... Não procure mostrar que ainda tem muita coisa a conhecer...

Mantenha, ao contrário, uma atitude sincera e natural, sorria encantadoramente todas as vezes que não deseje emitir sua opinião, mas, por favor, não fale levemente sobre assuntos sérios, apenas para mostrar o quanto "engraçadinha" você é...

Lembre-se sempre de que você será muito mais interessante não pretendendo ser "engraçadinha", mas sim mantendo-se dentro da sua idade, da sua experiência, da sua dignidade.

Uma mulher de quarenta anos é, quando inteligente, uma mulher admirável sob todos os pontos de vista. Procure estar nesse caso. — KITTY.

NOS BASTIDORES FEMININOS



"Canotier" cinzento, muito "chic", com fita de gorgurão preta e vên preto também. Sugestão de Margaret Lindsay, da Columbia.

CHAPÉUS

Oferecemos, hoje, às nossas leitoras, uma nova coleção de chapéus, para o próximo inverno. Escolha livremente, pois qualquer um deles é mesmo "um amor".

"Turbant" bastante original, de cetim listrado preto e branco. Enfeites de franja preta. Usa-o Lucille Bremer.



Esse modelo de Donna Reed é um tanto audacioso, mas não resta dúvida de que é muito "chic". É executado em feltro branco.





Modelo de "faille" preto, com véu rosa claro caído até a cintura. Usa-o Barbara Britton da Columbia.



Joan Leslie, da Warner Bros, sugere este "tailleur" de lã cinzenta, sem gola, fechando todo na frente com botões também cinzentos. Bolsos sobressalentes com vizez cinza claro. Sobre o ombro direito seta embutida também cinza claro.

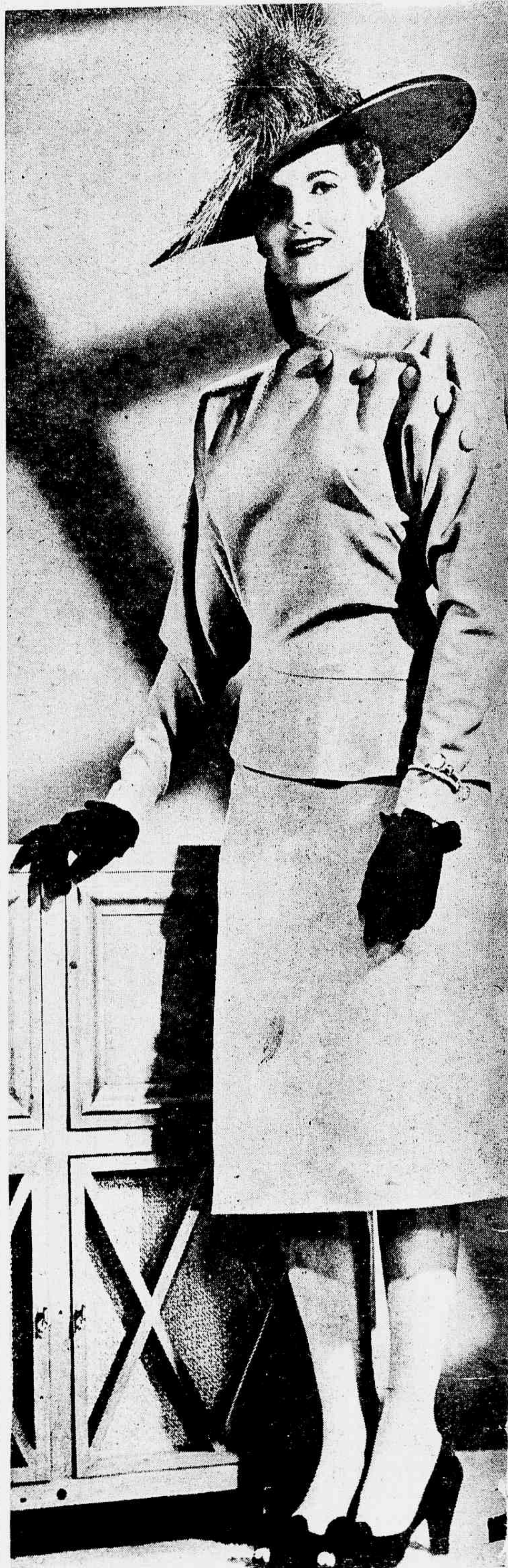
De muita elegância é este "tailleur" de Frances Gifford, da MGM. É executado em lã azul marinho, muito fina, com uma imitação de "ajour" no casaco, onde é enfiada fita branca. O casaco, sem gola, fecha com um só botão formando acentuado "V".

A VERSÁTILIDADE DO "TAILLEUR"

Não há, indiscutivelmente, peça do vestuário feminino tão versátil quanto o "tailleur". Clássico, esportivo, com gola, sem gola, enfim, os costureiros apresentam-nos nos mais diversos estilos. Uma demonstração disso é dada aqui por esta coleção de modelos que hoje apresentamos às nossas leitoras.



Esta é Cyd Charisse, da MGM, com um "tailleur" de lã amarelo claro, com gola, fechado ao alto, de lã azul marinho. Botões quadrados e dourados, formam um triângulo na frente do casaco. Bolsos embutidos em sentido vertical. Substituindo a blusa, "echarpe" também azul marinho.



Finalmente, "duas-pecas" de lã bege, o casaco, gênero blusão, é transpassado na altura do ombro, terminando de abotoar na manga. Pala "godet" na cintura. Sugestão de Peggy Stewart, da Republic



A ELEGÂNCIA NA MEIA-IDADE

Para as senhoras de meia idade, apresentamos hoje dois modelos de muita classe. O primeiro é um "duas-peças" de seda azul marinho, com pala sobre os ombros, saindo da mesma as mangas e a lapela. Fechado com um só botão. Saia ligeiramente "godet". O segundo é um vestido preto com frente bordada em "soutache". Decote em "V", dois grandes "clips" no lado direito.



Jane Greer, da RKO Radio, sugere às nossas leitoras, este gracioso conjunto para a intimidade. A calça e o bo'ero são de lã bege e a blusa de "chiffon" da mesma cor. Observem o novo corte da calça, mais original e mais feminino. As mangas da blusa aparecem sob o bolero.

UM LINDO CONJUNTO



Juvenil modelo em tecido amarelo claro. Aplicações em tecido escocês, predominando o havana.



Modelo em pesada lã azul marinho próprio para dias chuvosos.

Costume em lã cinza punhos e gola em interessante estilo. Botões do mesmo tecido no lado direito.

De estilo bastante original para dias frios, em lã verde escuro ou marron.

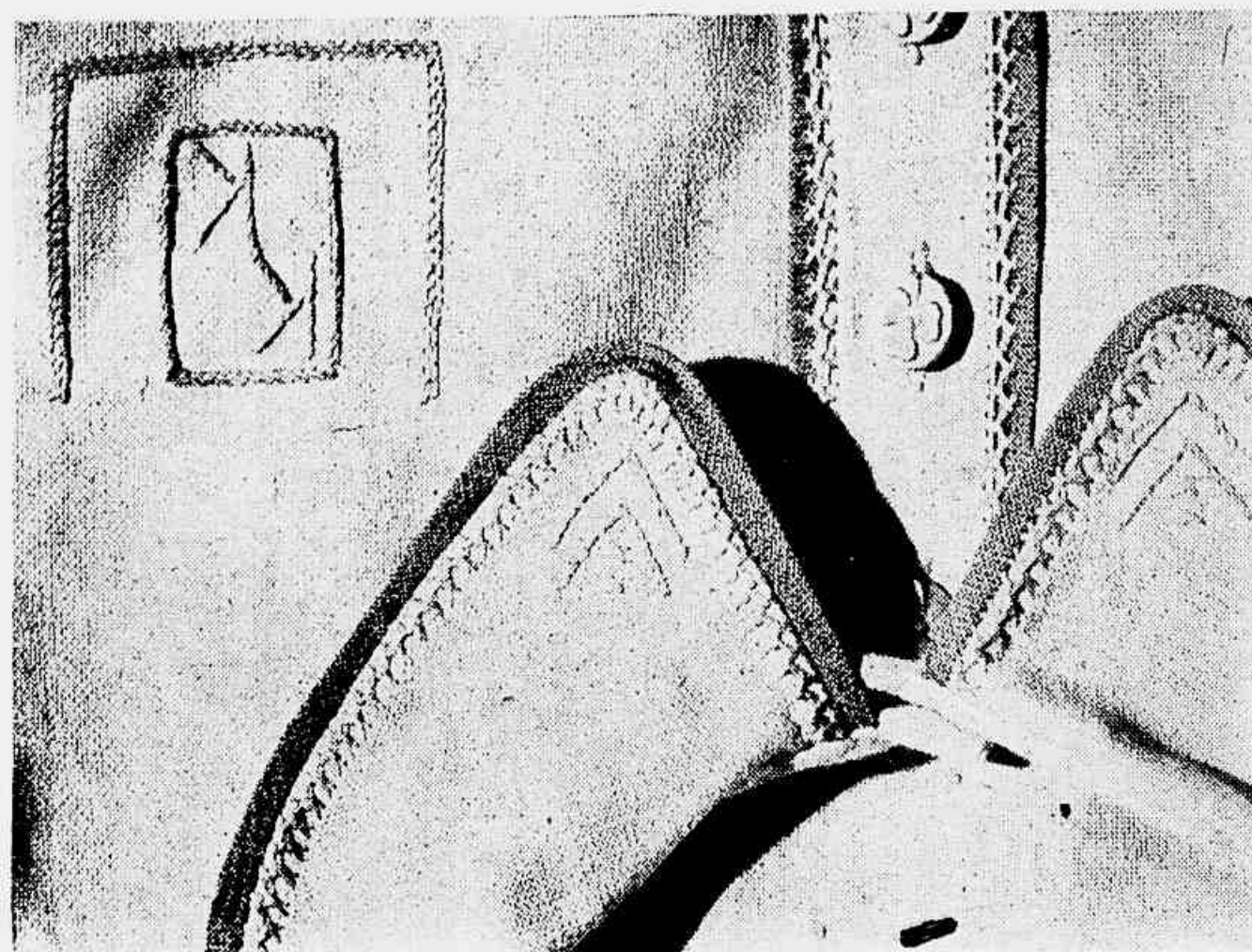


Em lã azul claro deve ser executado este originalissimo modelo.



Um lindo modelo em tecido escocês de grandes quadrados, sem gola, uma carreira de botões pequenos, e interessantes franzidos, na altura das cadeiras.





TRABALHOS MANUAIS

CALÇÃO PARA MENINO (2173)

Material necessário :

Linha Mouliné (Stranded Cotton) marca "Ancora".

1 meada de F382 (Papoula Vermelha) ou outra cor desejada.

(Usar dois fios de linha.)

1 calção para menino.

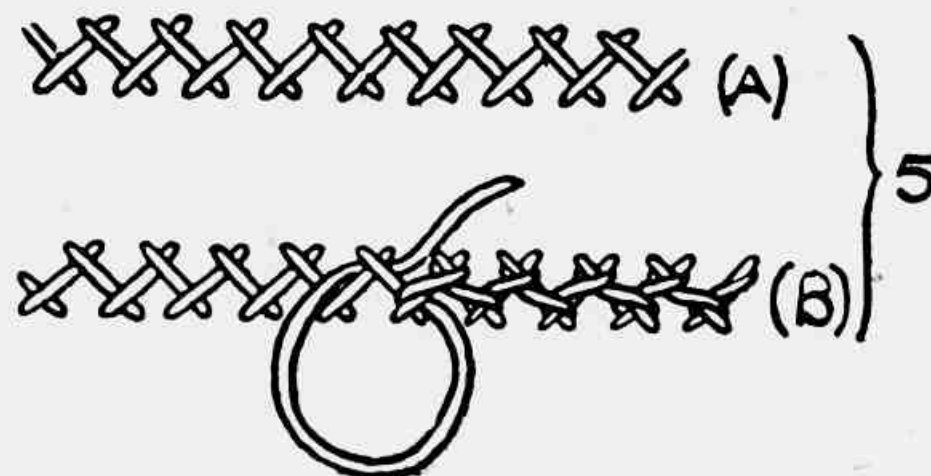
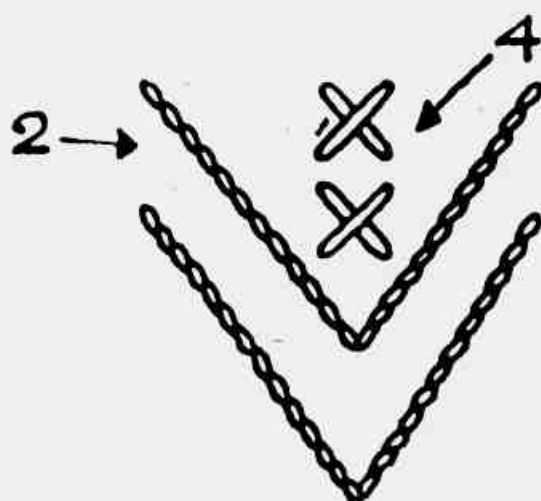
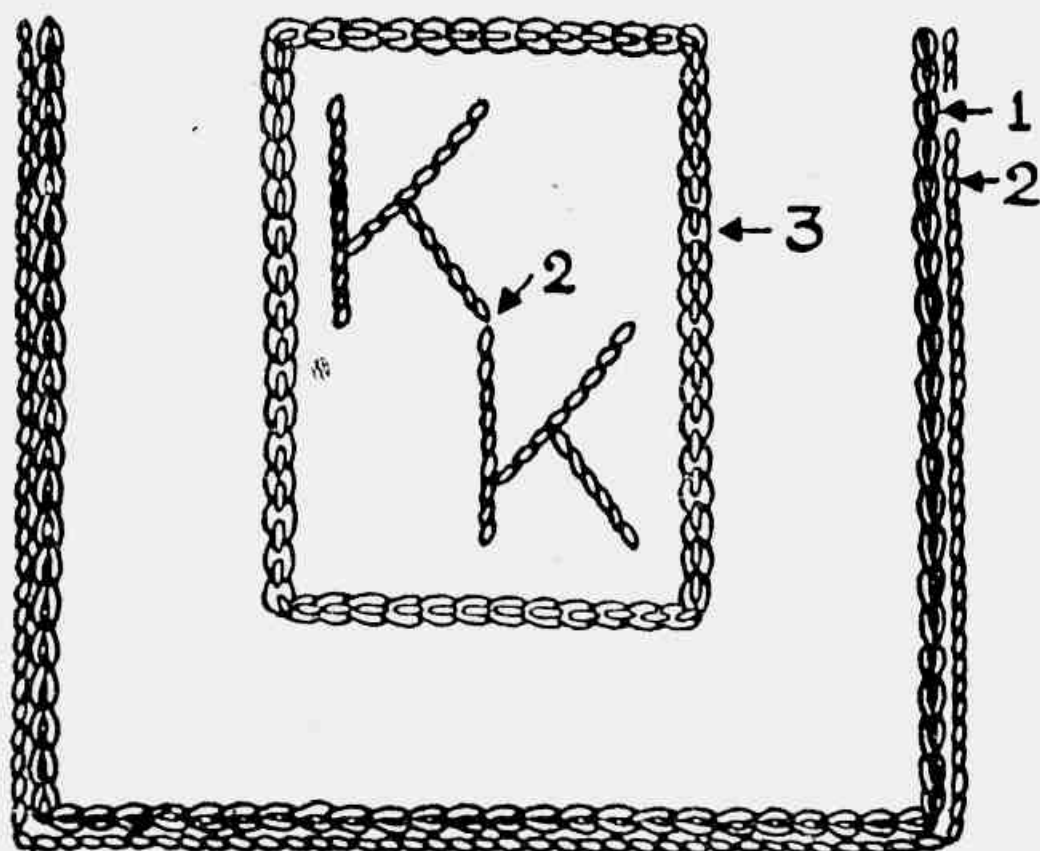
1 agulha Milward "Crewel" n.º 7.

A cor da linha deve combinar com a cor dos botões.

Traçar o monograma (usando as iniciais desejadas) no bolso e os desenhos pequenos nas pontas da gofa.

Seguir o diagrama para colocação dos pontos: o número 1 representa o ponto cadeia. 2 — ponto de haste. 3 — ponto atrás sobre ponto cadeia (fazer o ponto cadeia da maneira usual e então fazer o ponto atrás no meio do ponto cadeia). 4 — ponto de cruz, e 5 — ponto russo enlaçado (fazer o ponto russo em volta da gola, punhos e abertura da blusa de conformidade com a figura (A) no diagrama e então enlaçar o ponto russo como mostra a figura B.

Passar bem o bordado pelo lado do avesso.



O DRAMA DE DUAS
IRMÃS GÊMEAS...
IDÊNTICAS COMO
DUAS MOEDAS CUNHA-
DAS NO MESMO CADI-
NHO...

UMA NASCIDA PARA
AMAR...
A OUTRA - PARA
MATAR...

Uma de-
las era
um
ANJO...



a
outra-
DEMÔNIO!



Olivia de Havilland · Lew Ayres

na produção de
NUNNALLY JOHNSON



"ESPELHO D'ALMA"

("DARK MIRROR")

Direção de
ROBERT SIODMAK

com **THOMAS MITCHELL**

RICHARD LONG · CHARLES EVANS · GARY OWEN



Nem se pergunta*



Só uso Kolynos!
diz
Dana Andrews

Famoso astro de Samuel Goldwyn em "OS MELHORES ANOS DE NOSSA VIDA".

E tem razões para isso. O creme dental Kolynos deixa os dentes limpos, brilhantes, bonitos; sua abundante espuma penetra profundamente; seu sabor é uma delícia; seu frescor, uma sensação de bem estar em toda a boca. Kolynos é o preferido porque...

limpa mais... agrada mais... rende mais!



Para sorrir como artista,
mostrando dentes divinos.
não se esqueça do dentista,
nem se esqueça de Kolynos!



* Faça como eu:
Use Kolynos duas vezes por dia.



MODÊLO DE JANTAR



Virginia Mayo está elegantíssima no seu modelo para jantar executado em seda verde claro, com drapé na blusa apanhado por vistoso "clips" o "tasque "godet" sobre os quadrís. Saia também "godet".

47

UM LINDO "TAILLEUR"



De talhe clássico é este "tailleur" de Claudette Colbert, executado em casemira cinza. O recorte da gola acompanha os recortes do casaco e dos punhos.

D'PREMIER' DOS VINHOS
Linos



PRAZER E SAUDE

OS TRADICIONAIS

VINHOS
RAMOS-PINTO



SEMPRE PREFERIDOS



Cetrolina

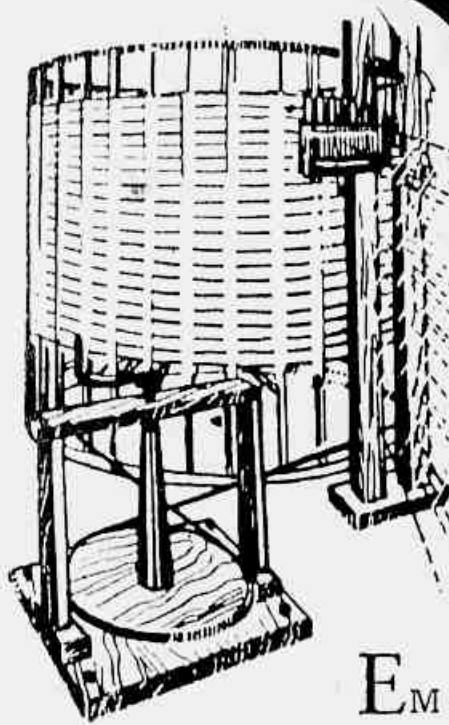
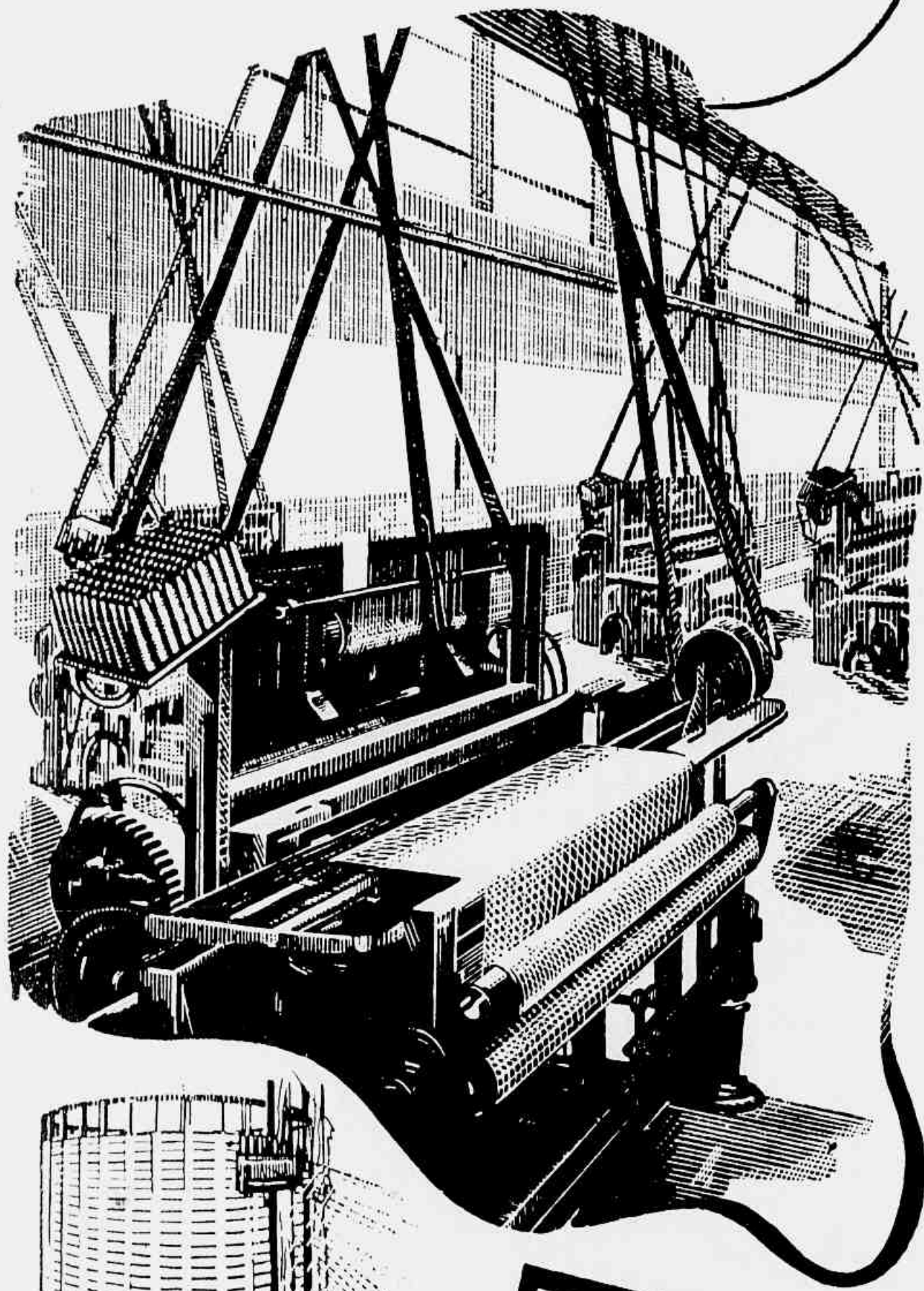


antisséptico.
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.



Teares Mágicos Tecem os Linhos Irlandeses



EM meio à febricitante atividade das tecelagens da Irlanda do Norte, milhares e milhares de lançadeiras, com o seu compassado vai e vem, urdem maravilhosas padronagens em damasco e fina cambráia, afim de atender às exigências, em número cada vez maior, do consumo mundial. O processo de conversão da indústria textil - do gigantesco esforço de guerra para a não menos difícil empresa da paz - está quase terminado e os navios cargueiros, com as máquinas a todo vapor, aguardam o instante de transportar seus preciosos carregamentos de linho irlandês para os impacientes mercados do mundo. Compradores ansiosos reclamam a espera, porém se esquecem de que mais de seis meses devem decorrer antes que a fibra do linho possa ser tratada, fiada, tecida e finalmente transformada na peça de fazenda de qualidade capaz de suportar os rigorosos testes do Irish Linen Guild. "Não comprometer a qualidade" tem sido sempre o lema do Guild, o que é a sua garantia de perfeição — e porque dizemos com toda sinceridade

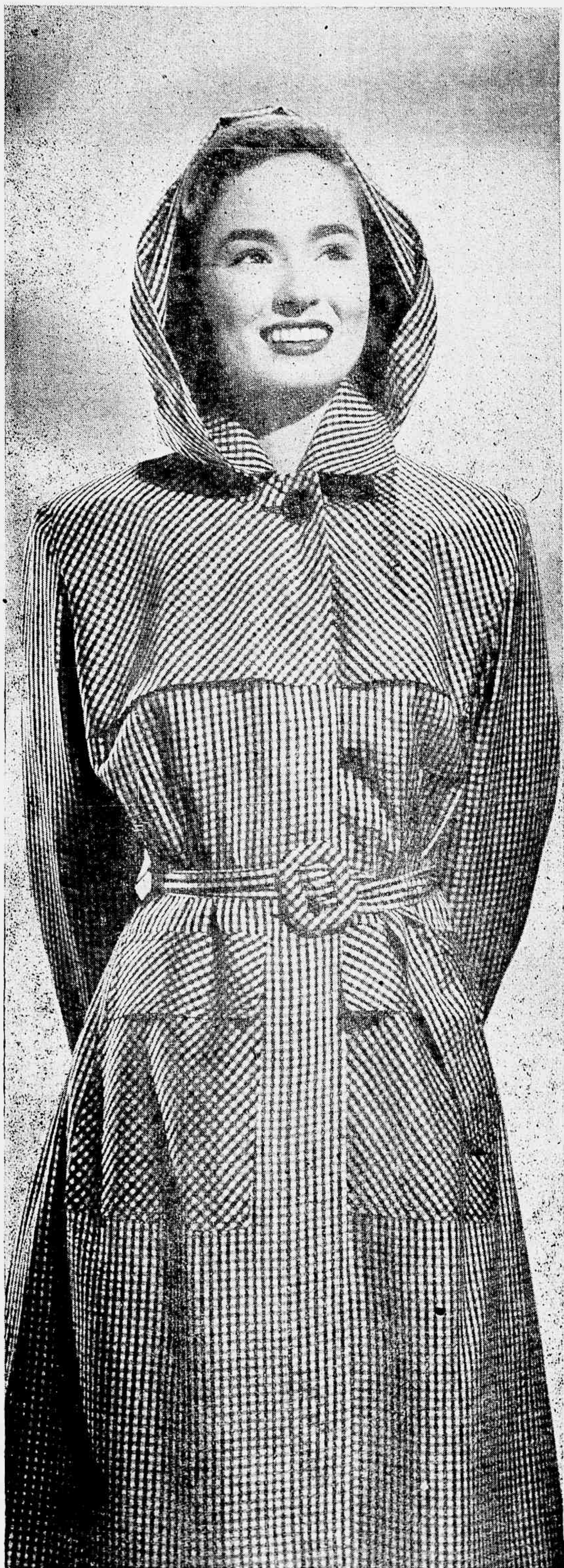


Exija Linho Irlandês!

The Irish Linen Guild
BELFAST



PARA A CHUVA E PARA O FRIO



Para os dias chuvosos e frios temos aqui dois interessantes modelos. À esquerda uma linda capa em tecido impermeável quadriculado em azul e branco com grandes bolsos e reforço nos ombros, apresentado pela linda Ann Blyth. E à direita amplo casaco em tecido escocês marrom e creme, capuz pregado e gola com echarpe. Modelo apresentado por Dorothy Malone.

PRÍNCIPE DE GALLES

QUE CHARUTO DE GOSTO BOM!

MAS... PARA PESSOAS DE BOM GOSTO!

Produto COSTA PENNA BAHIA-BRASIL

Contra dores

ASPIRINA

BAYER

O remédio de confiança

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!

PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL



ÁGUA INGLESA

GRANADO

TÔNICA E APERITIVA

NA ANEMIA CLOROSE E CONVALESCENÇAS

T. TÁRQUINO

PARA DEFENDER SUA SAUDE

oxija um refrigerador:



NEVE

QUE PROPORCIONA FRIO CONSTANTE GÊLO PURO HUMIDADE DO AR E... É ECONÔMICO

Exposição Permanente

Indústrias NEVE Ltda.

Rua Rosa e Silva, 74

(osq. Praça Marechal Deodoro)

Phones: 5-1311 e 5-1322

CREME DE TOILETTE

RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos

BRANQUELA E AVELUDA A PELE

A VENDA EM TODA PARTE

DEPURE O SEU SANGUE

Salsaparrilha de Bristol é uma excelente medicação auxiliar no tratamento da sífilis. Depurativo vegetal, sem contra-indicação, seu uso é de efeito benéfico a todo o organismo.

SALSAPARRILHA DE BRISTOL

(Medicação auxiliar no tratamento da Sífilis)

Catarina, a Grande

(Continuação da pág. 34)

Firme na crença da sua imunidade ao mal, Orlof dirigiu-se aos camponeses e, de espingarda em punho, constrangeu-os a submeter-se à vacina e aos enfermeiros adestrados. Tratou pessoalmente de muitos deles e fiscalizou a sua remoção para os hospitais. Conseguiu por fim dominar a epidemia, e voltou para junto da sua imperatriz transformado num verdadeiro herói.

Catarina erigiu-lhe um arco triunfal com a inscrição: "Aquele que salvou Moscou da peste". Cunhou uma medalha com a imagem dele, para comemorar-lhe a bravura. Orlof alcançara o apogeu da sua carreira.

E agora, coberto de medalhas e bêbedo de glória, partiu como general para a guerra contra os turcos. Uma noite, quando se achava só na tenda, pensando na sua boa fortuna, recebeu a notícia de que Catarina tomara outro amante em Moscou.

Violenta cólera apoderou-se dele. Deixou os seus soldados e lançou-se num galope desenfreado sobre as estepes russas, em demanda da corte. Quando chegou às portas da capital, a guarda recusou deixá-lo entrar. Levaram-no escotado para fora da cidade e encerraram-no debaixo de chave no seu próprio palácio de Gatchina.

A imperatriz falava em voz baixa à sua confidente.

— Que se faz com um vestido velho, quando as suas cores ficam desbotadas e gastas?

— Põe-se fora, Majestade.

A imperatriz inclinou a cabeça.

— Tens razão. Põe-se fora.

V

Uma noite, depois da ceia, Catarina foi ao salão jogar whist, seu passatempo favorito. Os jovens elegantes da corte, todos buscando conquistar-lhe as boas graças, aplaudiam-lhe os lances e enchiam-na de cumprimentos que faziam a corpulenta e suscetível imperatriz, agora com quase cinquenta anos, corar de prazer. Um insignificante oficial subalterno de maneiras delicadas conseguira abrir caminho até junto da imperatriz. Alexis Orlof, irmão de Gregório, carregou o sobrolho ao dar tento das liberdades que o novo cortesão tomava.

— Vai-te daqui — ordenou. — Volta para a sarjeta!

O subalterno olhou-o com desdém e curvou-se para murmurar ao ouvido da imperatriz:

— Hábil jogada, Majestade, e feita por uma linda mão.

Catarina levantou os olhos e sorriu da audácia do rapaz.

Alexis Orlof agarrou-o pelo cotovelo e empurrou-o para alguns passos dali, na direção duma mesa de bilhar que estava próxima.

— Larga-me, filho dum cão! — gritou o moço ao veterano. Sua voz atraiu a atenção de todos. Estava-se armando uma briga de primeira ordem, e os cortesões se juntaram avidamente à volta dos dois homens.

— Escória dos canos de esgôto — bradou Alexis, — não tens o direito de tratar a imperatriz com essa familiaridade!

— Eu hei de tratar Sua Majestade como agrada a ela, e não a ti — retrucou o subalterno.

Catarina olhava divertida o espetáculo dos dois palacianos discutindo por causa dela.

Alexis, incapaz de conter a cólera, lançou mão duma bola de bilhar e arremessou-a contra o presunçoso moço. Este tratou de desviar-se com um salto, mas era tarde demais. O projétil atingiu-lhe o olho, que vazou instantaneamente, lançando-lhe um jorro de sangue sobre o rosto. Alguns amigos acudiram, ligando-lhe a ferida. A dor era intensa, mas o jovem subalterno manteve-se firme, em silencioso desafio.

— Quem é aquele moço? — perguntou Catarina a um dos cortesões.

— É Gregório Potemkine, um homem sem importância — foi a resposta.

Sem importância! Aquela rixa foi o princípio da sua brilhante fortuna. Era um poeta com a audácia dum cavalheiro. "O amor reclama o que é seu a

cada coração, seja o coração duma rainha ou o dum plebeu", escrevia à Catarina. "No momento em que pus os olhos em vós conheci que tinha de abraçar a majestade da Rússia e ter em meus braços o mais lindo cetro do mundo".

O coração daquela imperatriz corpulenta, madura, mas ainda faceira, era incapaz de resistir a tão ousados galanteios. Estendeu os braços ao moço que sacrificara um olho pelo seu sorriso. Era um jovem poeta moreno, risonho e atrevido, cujos lábios pronunciavam palavras de fogo e mantinham conversações íntimas com as estrelas. Tinha a impulsividade duma criança e o gênio de um ator. Um dia, saía a vaguear pelas ruas de Moscou trajado como um mendigo, mascando alho e cuspidando nos transeúntes. No dia seguinte, vestido de veludo, ficava ociosamente a comer manjares delicados em pratos de ouro. As vezes passava dias metido indolentemente no seu roupão, compondo versos, ou roendo as unhas em completa ociosidade. Entretanto, quando lhe dava na cabeça, era capaz de envergar o uniforme de soldado e conduzir o exército ao combate com a energia e o gênio dum Alexandre Magno.

Mantinha a imperatriz como que fascinada com o seu encanto. Era tão inconstante como o vento de março, e tão ardente como o sol dos trópicos.

Um dia apresentou-se diante de Catarina pedindo-lhe licença para fazer os votos monásticos e entrar num convento. Conhecendo bem a intenção travessa com que aquele seu poeta sensual e bebedor lhe fizera o pedido, ela resolveu pregar-lhe uma peça.

— Por maior que seja o meu desgosto em perder-te, Potemkine, — respondeu, — compreendo que foste chamado por uma voz do alto, e devo permitir que te retires para a tua cela.

— Adeus, — disse Potemkine em voz fraca, espantado com a súbita feição que tomavam os acontecimentos, mas resolvido a representar o seu papel até o fim. Entrou no mosteiro; colheu as flores do jardim com os outros monjes e dormiu num duro leito de madeira... durante dois meses exatos. Então não pôde mais. Escapou-se e voltou de orelha murcha ao boudoir de Catarina.

Viveram juntos quinze anos, a "Mãezinha" e o "Senhorzinho". Quanto mais envelheciam, mais forte se tornava a afeição que os unia. Juntos planejavam cerimônias, festas, funções teatrais, caçadas, jogos, piqueniques e travessuras. Os negócios públicos estavam quase abandonados. Juntos, os dois amantes liam as Vidas de Plutarco e sonhavam com um império oriental semelhante ao de Alexandre Magno. Um dia Potemkine atirou o livro ao chão e ergueu-se de um salto, exclamando: "Se alguém me viesse dizer que nunca havia de realizar-se este sonho, eu daria um tiro na cabeça!" E com efeito, chegou o momento em que a imperatriz e o seu amado equiparam uma frota de vinte navios e desceram o Dnieper até a Criméia — território que os seus soldados acabavam de conquistar aos turcos. Foi um cortejo magnífico. Os navios iam apinhados de cortesões em busca de prazer, cobertos por dosséis de ouro e púrpura. Os camponeses postavam-se boquiabertos às margens do rio. As novas do cortejo tinham-se espalhado pelo mundo todo. Julgava-se que os russos não se deteriam na Criméia, e que haviam de varrer os turcos de Constantinopla. Alguns apostavam que, pela primeira vez depois de vários séculos, a aventureira imperatriz e o seu picareco herói iam tomar posse daquela esplêndida cidade.

Mas os temores da Europa e o sonho do romântico casal terminaram na Criméia. E aqui também terminou a brilhante carreira de Gregório Potemkine. Os turcos recommençaram a guerra contra o exército russo e, ajudados pelos franceses, puseram em perigo as tropas de Catarina. Esta partiu de volta para Moscou, enquanto Potemkine ficava com as tropas no sul. A imperatriz, como era seu costume, divertia-se com outros amantes na sua ausência, e por algum tempo Potemkine não só não se incomodou, como até a encorajou nessa prática, pois tinha a certeza de poder reconquistá-la quando regressasse à capital. Chegou mesmo a fazer-lhe de

alcoviteiro, divertindo-se em escolher rapazes para ela.

Mas aquele astuto, cortês e versátil poeta-soldado estava ficando velho e cínico. Subitamente sentiu ciúmes dos rivais, principalmente do último galã que Catarina admitira na sua intimidade. Vele precipitadamente a Moscou e exigiu a retirada do homem. Já fizera isso muitas vezes, e Catarina sempre lhe obedecera como um cordeiro. Mas agora recusou atendê-lo. Estava decidida a conservar o jovem Zubov. Era a primeira vez que tal coisa sucedia.

Gregório Potemkine compreendeu. Teve um ataque de febre, mas recusou ficar de cama. Ao invés, saiu de Moscou numa carruagem, para ir reunir-se ao seu exército. Queria morrer no campo de batalha. Mas o destino não permitiu que assim fôsse. A febre recrudescceu. Potemkine empanturrrou-se num último grande banquete, como lembrança dos muitos que saborara em melhores tempos. Devorou uma quantidade enorme de carne de porco salgada e picantes especiarias, juntamente com um ganso e um pato, tudo regado com o seu vinho favorito. Depois arrastou-se até a beira da estrada para morrer.

VI

A velhinha caminhava pelo parque real. Tinha agora sessenta anos, estava desdentada, mas ainda convidava moços de vinte anos ao seu boudoir. Tomou uma pitada de rapé da sua caixa e espirrou. Era no mais forte do inverno; o solo estava coberto de gelo. Ela segurava firmemente o seu bastão com as últimas forças que lhe restavam. Bem à vista dos seus olhos cansados estava o monumento que erigira a Gregório Orlof pela bravura que este demonstrara durante a peste. Perto dali se erguia um obelisco em comemoração a uma vitória alcançada pelo general Potemkine. E as sombras de outros monumentos se projetavam no solo gelado da memória da imperatriz.

— Ah, Natachka — disse, — se tu e eu tivéssemos quinze anos outra vez!

Um grupo de meninos passou correndo em perseguição dos seus cães, sem saudar a imperatriz nem prestar-lhe a mínima atenção. A ala gritou-lhes em tom de censura.

— Psiu! — sussurrou Catarina. — Não os incomodes. Ninguém se importa com mulheres velhas. E por que haviam de importar-se?

Achegou mais a capa aos ombros.

— Está muito frio. Vamos entrar para tomar chá.

A alguns passos da porta do palácio a imperatriz deteve-se e bateu pensativamente na crosta de gelo que cobria o chão.

— Em breve chegará a primavera. Natachka, e neste lugar a flor do galanteio abrirá as suas pétalas. Foi aqui que conheci Sérgio Saltiyof, meu primeiro amor. Eu tinha vinte anos. Encontrámo-nos à noite, na primavera... Treze amantes vieram e se foram, e os anos gelaram-me o coração. Um novo ano, uma nova primavera, um novo galanteio surgirá do chão gelado. E eu... eu já não posso curvar-me para lhe aspirar a fragância. A florzinha é mais digna de Deus do que eu, porque nunca perdeu a sua brancura virginal. Ah, Natachka, temo que Deus esteja enfadado comigo.

— Oh, Majestade, porque dizeis isso? Fôstes boa para o povo. Abristes hospitais para as crianças enjeitadas e as mães indigentes. Mandastes educar meninas nas escolas da Rússia. Fizestes muitas reformas afim de tornar a vida melhor e mais feliz para o povo. Sois verdadeiramente a nossa Mãezinha.

— Sim, mas sou uma pecadora, Natachka. Durante toda a minha vida, sempre joguei um jogo desleal. E um jogo infeliz. Comprei o amor de treze homens e não dei o meu amor a nenhum. E é esse, Natachka, o segredo do meu pecado — e do meu desassossêgo. Sempre passei dum homem a outro, procurando conhecer o único amor verdadeiro. Nunca o encontrei, nunca.

Ficou silenciosa por um momento.

— No entanto, dar-me-ão os pósteros o nome de Catarina a Grande?

— Sim, Majestade.

— Está muito frio, Natachka. Entremos, depressa.

Do livro "Vidas de estadistas famosos".

O tesouro de Mister...

(Continuação da página 25)

no quintal. Por um instante senti faltar-me a respiração e disse comigo mesmo que eu era um imbecil, deixando brilhar, à luz do dia, toda aquela prata. Pouco depois eis que chega o vizinho que estava também de férias e... vinha regar os seus feijões. Ah se ele tivesse olhado por cima da grade de pau que separava os dois quintais!

— Então que fez o senhor?

— Tornei a pôr, bem depressa, a tampa no seu lugar, escondi a caixa, lançando sobre ela algumas pás de terra e continuei a cavar um buraco a três passos de distância... Estava como louco e ria sósinho, sem querer, atirando a terra sobre a caixa. Garanto-lhe que estava espantado com a minha feliz sorte. Não tinha senão um pensamento que era: nada dizer a ninguém. "Um tesouro!" repetia baixinho, comigo mesmo, "um tesouro... Centenas de libras, centenas, centenas de libras!" E repetia constantemente a mim mesmo, baixinho, e continuava a cavar como um negro. Não podia deixar de estremecer à idéia de que podiam descobrir a caixa, oculta já sob a terra, e atirava sobre ela toda a que ia tirando do buraco, que ia preparando para alicerce das rochas. Só o senhor vendo como eu suava!... No mais belo deste trabalho, eis o meu sogro que aparece. Não me dirigiu a palavra; ficou atrás de mim, a olhar o que eu fazia, sem se mexer. Mas Jane contou-me depois que, ao entrar em casa ele dissera: "O teu valentão, Jane (ele chamava-me sempre desse modo) o teu valentão está com geito de quem entende do riscado." O buraco que eu fizera tinha-lhe certamente causado impressão.

— Quais eram as dimensões da caixa? — perguntei-lhe.

— As dimensões? — repetiu Brisher.

— Sim... em comprimento e largura?

— Oh! Mais ou menos assim... e deste tamanho... — disse ele, indicando, com o gesto, uma caixa de tamanho regular.

— Cheia?

— Cheia de moedas de prata... meias-corôas creio eu.

— Impossível! — exclamei.

— Ela continha então centenas de libras!

— Milhares! — retificou Brisher, com uma calma melancólica. — Calculei em milhares! — Mas como se achava ali tão grande fortuna?

— Só sei é que eu a achei! Eis como, na ocasião, eu expliquei o fato: o sujeito a quem pertencera a casa, antes de pertencer ao meu sogro, tinha o ofício de ladrão. Era, como se costuma dizer, um salteador de primo... tinha carro e cavalos.

Brisher meditou um instante sobre as dificuldades da arte

de narrar e enfiou subitamente em uma complicada digressão.

— Não sei se já lhe contei que a casa pertencera a um gatuno, antes de ser comprada pelo meu sogro... um gatuno que conseguira saquear um trem do correio, uma vez... disto estou bem certo... Parecia-me que...

— E' bem possível, — interrompi. — Mas que fez o senhor?

— Suava, — continuou Brisher, — a ponto de ficar molhado da cabeça aos pés. Durante toda a manhã não saí de lá, aparentemente trabalhando na rocha, mas, realmente, procurando. Um meio de arrumar a carga. Teria de boamente dito ao meu sogro, porém concebi algumas dúvidas a respeito da sua honestidade... Receiava que ele tomasse a caixa para remete-la às autoridades. De mais a mais, como eu ia brevemente fazer parte da família, achava que seria melhor entrar nela com aquele dinheiro... isto me daria mais importância, compreende o senhor? Enfim, eu tinha ainda três dias para estar ali... por conseguinte, excusava de estar a apressar-me. E continuei a cavar e a cobrir a caixa, torturando o cérebro para achar um meio de retirar a prata, sem conseguir descobri-lo.

Depois de uma pausa, que lhe deu tempo de engulir alguns copazios de vinho, continuou:

— Eu refletia, refletia e refletia... A tal ponto que, em um dado momento, surpreendi-me perguntando a mim mesmo se teria, realmente, visto a caixa, ou se teria sido antes vítima de uma alucinação. Então, voltei ao lugar onde a tinha achado, tornei a tirar toda terra e levantei a tampa, justamente no momento em que a mãe de Jane apareceu no quintal para estender a roupa. Calcule o senhor o meu susto!... Mais tarde, quando quiz de novo lançar uma vista d'olhos sobre ela, chegou Jane a correr, chamando-me para almoçar, que o almoço estava pronto: "O senhor deve estar bem cansado, depois de ter cavado semelhante buraco", me disse ela. Durante o almoço estive petrificado, pensando que o vizinho bem podia ter saltado a cerca para encher os bolsos; porém, à tarde, a minha inquietação passou. Calculei que a caixa devia estar enterrada lá há muito tempo e que bem podia, sem perigo, ficar por mais alguns dias. Tentei encaminhar a conversação sobre o tema da descoberta de tesouros, no intuito de arrancar o segredo ao meu sogro e saber a sua opinião a respeito desse assunto.

Aqui Brisher calou-se e fingiu estar muito divertido com aquela recordação.

— O velho era um tratante, — declarou, — um verdadeiro tratante!

— Heim?... o que? — exclamei. — Será possível que...?

— E' isto mesmo! — continuou Brisher, pondo amigavelmente

a mão no meu braço e soprando-me com força o rosto para me acalmar. — Para arrancar-lhe o segredo, contei a história de um pretenso companheiro, que achara uma moeda de ouro no bolso de um sobretudo que lhe tinham emprestado. Disse mais que ele guardara para si a moeda, e que eu não estava bem certo se praticara assim bem ou mal. Aí, o velho falou-me com arrogância. Ah! meu Deus, o que ele me disse! — e Brisher manifestou um tom divertido porém pouco sincero. — Ele bem sabia, o velhote, dizer quatro verdades na cara de qualquer um!... Era, verdadeiramente, o gênero de amigos que me convinha... Ele bem esperava essa conduta por parte do amigo de um valdevinos, que ia namorar as meninas a quem não lhe pertencia o direito de aspirar... E que alarido! Não posso repetir-lhe nem a metade do que ele vociferou.

Disse-me insolências ultrajantes e eu aturei tudo, na esperança de arrancar-lhe finalmente o segredo. "Então, disse-lhe, se o senhor encontrasse uma moeda de ouro na rua, não a guardaria?" — "Certamente não, respondeu-me ele, certamente não, eu não a guardaria." — "Mas, se o senhor a achasse sem saber a quem pertencia." — "Rapaz! há sobre este assunto uma opinião mais autorizada do que a minha: "Dai a Cezar..." Não sei o resto. Porém, ele a sabia de cor, o meu sogro! E bem sabia também atirar com frases da Bíblia, por dá cá aquela palha, na cara de um mortal. E era inesgotável! Acabou dizendo-me tantos disaforos que a mostarda me subiu ao nariz. Prometiera a Jane suportá-lo sempre com paciência, mas, desta vez, ele ia além das marcas. Eu respinguei e então...

Por meio de trejeitos enigmáticos, Brisher tentou fazer-me crer que ficara por cima, na discussão. A minha convicção, entretanto, era plena.

— Eu estava furioso e saí para o jardim, não sem me ter assegurado de que era necessário carregar sósinho o tesouro. O que me consolava era o pensamento de que, seguramente, fa-lo-ia mudar de idéia, quando eu estivesse senhor do dinheiro.

Um longo silêncio seguiu-se a estas palavras.

— Ah! sim, o senhor não me acreditará, se lhe disser que, durante os três dias seguintes, não pude, nem uma vez, pôr os olhos no meu querido tesouro. Havia sempre um impecilho... sempre... Causa espantosa, na qual ninguém pensa!... Achar um tesouro não é nada; a dificuldade está em empalmá-lo. Creio bem que não preguei olho durante essas três noites. Refletia sobre o meio de empalmar o tesouro, o que faria, depois, dele; e como explicaria a minha fortuna súbita. Estava, positivamente, doente. Durante o dia conservava-me tão distraído e estúpido

(Continua na pág. 54)

Realce seu Encanto embelezando seu Cabelo



Para realçar a beleza do seu rosto e aumentar seu encanto pessoal, proporcione aos cabelos a vitalidade e o brilho que lhes assegura o Tricófero de Barry. Famosa loção rejuvenescedora, Tricófero de Barry vem sendo usado, com pleno êxito, há mais de um século, por todos os que desejam eliminar a caspa, evitar a queda e o embranquecimento prematuro dos cabelos, e as afecções do couro cabeludo. Adote Tricófero de Barry — e verificará, por si mesma, o acerto da sua escolha.

Tricófero de Barry

EM USO DESDE 1801

A Beleza é Obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é fêto quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

E' um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas

AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
LIMPA E FECHA OS POROS
A VENDA EM TODA PARTE

A' venda em todo o Brasil e

ALMANAQUE EU SEI TUDO

para 1947

Minha Santa Mãe

(Continuação da pág. 29)



ANEL "ZODACO"

É uma dádiva inestimável e de duplo valor.

Registrado e garantido por Lei. Com Signo, Planeta e Pedra do mês de nascimento, de ouro maciço 18 quilates e platina com pedra fina ou brilhante desde Cr\$ 950,00. De prata com ouro de 18 quilates e pedra fina desde Cr\$ 115,00. Remetemos para o interior pela Recém-bolso Postal!

STANDARD
CR\$ 115,00

FEDERAL
CR\$ 165,00

INCA
CR\$ 285,00

AMERICA
CR\$ 155,00

CAPITAL
CR\$ 265,00

BRASIL
CR\$ 300,00

Peça o que quiser em Joias e Relógios de Lei, Dirigindo-se à Organização Comercial e Fabril de Joias "AZTECA".

Peçam catálogos: RUA REGENTE FELICIANO, 110.

SOFRE DO FIGADO?
TOME

BIO-HEPAX
produto do laboratório de GUARAPICIMA

AOS SRS. DISTRIBUIDORES E ASSINANTES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam.



Em São Paulo...

é sempre agradável uma visita aos Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira

Sucessora de Mappin Stores

Pr. Ramos de Azevedo, 131

com uma panela na mão. Havia alegria e reconhecimento nos seus belos olhos. "Meus filhos — disse-nos ela — Jesus ouviu a nossa prece! A vizinha fez sopa demais e guardou um pouco para nós. Antes, vamos rezar." Pela segunda vez, naquele dia, erguemos uma prece a Jesus. Lembro-me que rezamos muito depressa, sob o aguilhão da fome, espicaçada pelo agradável odor da comida. Mamãe, reparava, então, a sopa, equitativamente, como sempre fazia. Uma concha bem cheia para cada um. Seis conchas, exatamente, continha a panela. Creio mesmo que D. Clara medira antes. Com avidez, esperávamos que mamãe terminasse a divisão. Mal enchera os pratos e já nos encontrávamos saboreando, sofregamente, a deliciosa sopa de verduras. A fome sufoca qualquer sentimento bom e nós éramos apenas umas infelizes criancinhas. Só depois de acabarmos foi que nos lembramos de mamãe. André, rubro de vergonha, forcejando por conter as lágrimas, dissera de chofre: "Mamãe não ganhou sopa!". Olhamos-nos como se tivéssemos cometido um crime imperdoável. Silenciosamente nos levantamos e fomos procurar mamãe. Ela estava na sala, sentada a um canto. Chorava. Soluços sacudiam seus ombros emagrecidos. Aproximamos-nos de mansinho e a rodeamos como avezinhas em busca de proteção e agasalho e a uma voz, imploramos súplicas: "Perdão, mamãe, perdão!". Ela nos estreitou contra o coração. Juntos confundimos nossas lágrimas e ainda nos disse com um sorriso triste e resignado: "Meus filhos, mamãe se sente feliz, muito feliz, quando vocês ganham uma sopinha como a de hoje". Disse e desmaiou nos nossos braços. Meses e meses de privações de toda a espécie, haviam-lhe minado a resistência. O espetáculo de seis pratos de sopa fumegante, ultrapassara os limites da sua extraordinária energia. Minha santa mãe fora vencida pela fome! Chorei, nesse dia, lágrimas de dor e de revolta. Senti, em toda a sua intensidade, a derrota e a impotência dos meus 16 anos. E, quando mais tarde, mamãe sob os cuidados de D. Clara, recuperou os sentidos, fizemos-lhe sentir, com toda a nossa ternura e devoção, a nobreza e grandiosidade do seu sacrifício. Não permitimos que falasse. Ela poderia na sua extrema devoção, sentir-se envergonhada da sua "fraqueza". O tempo passou. Muito lutei e continuo lutando. Norma e André casaram. Mamãe vive hoje com Andréa. Cuida dos netos, mas goza de um relativo conforto. André e Oldemar, estão casados. Apenas Odorico se conserva solteiro. Eu também me casei. Os filhos enchem-me a casa de alegria e barulho. O fantasma da fome me perseguiu ainda duas ou três vezes. A nossa casinha pobre não mais existe e a grande rua ganhou mais vida, movimento e colorido. As recordações da minha juventude dormem o sono do esquecimento, mas nas longas noites de inverno, no acon-

LUTA PELA BELEZA

Na luta incessante pela sua beleza, pela sua boa aparência, pela sua estética, a mulher não poupa sacrifícios, nem os de ordem econômica, adquirindo e usando o mais variado sortimento de cremes, pomadas e todos os artigos de perfumaria e de farmácia, nem os de ordem física, submetendo-se paciente e corajosamente a toda sorte de regimes, massagens, ginásticas, etc. Censura nenhuma ela merece por isso, uma vez que lutando pela obtenção ou pela conservação de sua beleza ela nada mais faz que lutar pela sua própria vitória, isto é, pela sua própria felicidade. Não se pode, pois, censurá-la em relação ao objetivo de sua luta. Mas muitas observações nos sugerem os meios nem sempre eficazes e adequados de que ela lança mão para atingir esse objetivo. Quantas moças e senhoras tratam com especial cuidado de sua pele, de seus cabelos, de suas unhas, de suas sobrancelhas, de sua boa aparência, enfim, esquecendo-se do principal: de sua saúde íntima. Muita ginástica, muitas massagens, muitos cremes, tinturas, etc.! Mas nenhuma providência, nenhum tratamento, no sentido de regularizar o seu organismo, de afastar perturbações, que são geralmente a causa primeira dos defeitos da pele, da obesidade e de mil outros inimigos da boa aparência, da beleza! Ilusão perigosa e prejudicial! Sem saúde não há beleza! Antes de qualquer providência, antes de qualquer tratamento visando assegurar a sua beleza, garanta a regularidade de seu organismo, combata os males do seu sexo e os afaste definitivamente recorrendo ao remédio que é fabricado de acordo com a natureza delas: **REGULADOR XAVIER**. O Regulador Xavier N.º 1 se aplica nas regras abundantes, hemorragias e suas consequências. O Regulador Xavier N.º 2 se aplica na falta ou diminuição de regras e suas consequências. O Regulador Xavier — o N.º 1 ou o N.º 2, conforme o seu caso — lhe dará saúde, saúde permanente, saúde integral. E a saúde é a fonte única e inesgotável de sua beleza! Grave bem: **REGULADOR XA-VI-ER**.

chego do meu lar, quando faz frio e chove lá fora, eu sinto reviver, intensa e dolorosamente, o drama pungente daquele dia triste e chuvoso de agosto.

O CORCUNDA

(Continuação da pág. 18)

— O corcunda morreu.
— Morreu?! De que?
— Matou-se com uma corda. Credo, Que Deus o tenha.
— Suicidou-se? Ele? Mas por que? Por que?
— Então o senhor não sabe? Bem que ele teve razão. Deus me livre disso, mas acho que no lugar dele, eu fazia o mesmo. Pobre homem!
— Qual foi o motivo?
— Teve muitos! Ele foi muito desgraçado na vida. Eu o conhecia há muitos anos já; desde o tempo em que ele morava na Glória com a mulher e a filhinha. E sempre foi uma ótima criatura. Trabalhador, cumpridor dos seus deveres. E alegre. Sempre rindo, brincando com todo mundo. Depois do acidente é que o coitado mudou completamente. E não é para menos. Imagine o senhor que ele estava consertando uma cortina e caiu da escada de mão com tanto azar que além de quebrar a espinha ainda bateu com o resto na vidruga e recebeu aquele corte. Mas o que é triste mesmo, é que logo um ano depois de sair do hospital a peste da mulher parece que ficou enjoada e como não tinha coragem, fugiu com outro, levando a filhinha que ele tanto adorava. Eu nunca fui com a cara daquela deslavada; sempre disse que ela não era boa bisco. Agora veja o senhor que já é quase doutor e é moço de bons costumes: o pobre homem não tinha razão para se matar? A vida valia ainda alguma coisa para ele? Pois eu vou mandar rezar uma missa pela sua alma. E que Deus o tenha.
Quando a velha disse isto eu senti uma angústia na garganta, e disse apenas:
— É verdade. Ele teve toda razão.
E me afastei rapidamente.
Naquela noite, atravessei a sala de jantar, olhei o lugar vazio, arrastei a cadeira e me sentei. Estava um pouco trêmulo mas me sentia em paz comigo e com o mundo. Olhei novamente o lugar vazio e murmurei, entre dentes:
— Então morreste, meu velho? Perdô-me.

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 65 — 2.ª Loja

DIABETE - OBESIDADE - MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE e PRISÃO DE VENTRE. Aparelho digestivo e Nutrição (regimes) Glândulas da secreção interna METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Seção de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Consultório: Edif. Góes — R. Alvaro Alvim, 27 - 3º and., sala 33 — Cinelândia. Fones: 225110 ramal 33 e 25-4380 - Consultas: Das 13 às 18 horas

Um retrato querido

(Cont. da pág. 14)

— Sim, Mãe, nós estávamos conversando um pouco. Boa noite.

Os passos, os mesmos que ele ouvira antes, se afastaram com um barulho quasi imperceptível. Seu irmão lhe perguntava porque ele lhe acordara. Sentiu vergonha do medo infundado que tivera. Inventou uma desculpa, que era quasi uma verdade:

— Desculpe, Zé, eu estava pensando tanta coisa esquisita que chamei você, para uma conversazinha. Queria espantar os maus pensamentos. Mas agora já passou, vamos dormir, senão Mamãe fica nervosa.

Apagou a luz e caiu pesado no colchão macio e convidativo. Ecuridão de breu. Poucos minutos depois o irmão ressonava. Foi dominando-o uma sonolência perturbadora. Uma figura estava parada em sua frente. Passou as mãos em sua cabeça. Mãos de uma leveza de pena. Era Tereza, que lhe falava alguma coisa, mas ele não entendia. Agora era Osvaldo, seu companheiro de Academia, seu amigo e confidente. Fazia sinais para a moça. Os dois começaram a rodar de manso, como no jogo da ciranda. E ele foi adormecendo devagar, sonhando com pedaços de sua vida passada.

★

A despedida foi triste, igual a todas as despedidas em situações idênticas. Muitos abraços, conselhos de seu Pai, recomendações insistentes e repetidas de sua Mãe para ter cuidado, para rezar todas as noites e para usar sempre a medalhinha que ela lhe dera. Tereza foi à estação e lhe deu, também, uma medalha, fazendo-lhe a mesma advertência. Outros rapazes de sua idade, mais ou menos, estavam também se despedindo dos parentes e amigos. Eram alvo de todas as atenções. Fazendo força para não chorar (o que não conseguiu) ele deu um abraço muito apertado em seus Pais e entrou correndo no trem, que partiu indiferente, como se levasse veranistas para uma praia de banhos.

★

Não, não poderia ser verdade, aquela carta era mentirosa. Tinha que ser. Aquilo não poderia acontecer. Ou então ele não estava regulando bem. Estava entendendo o que não estava escrito. Leu-a outra vez e muitas outras ainda. Sempre a mesma coisa: "Tereza quando veio aqui...". Tereza. Quanto de sua vida naquele nome. Como se lembrava daquele dia. Parecia que fora ontem. Ela de saia azul de colegio e blusa branca. Ele ainda com o uniforme do ginásio. Aquela "bobagem" que fizera, que lhe parecera horrível na ocasião. Um beijo cheio de amor. Depois o namoro ficando serio, ficando serio, o noivado, seu Pai elogiando Tereza, ela dominando os seus pensamentos, as suas ações. A vida correndo, tudo mudando. Depois... aquele dia em que vira o seu nome no jornal, convocado para servir na FEB. Os seus planos indo por água abaixo. Sentia um pouquinho de orgulho quando via, no cinema, as manobras do primeiro escalão, que seguira. Em breve

rigiu-se para sua barraca e estrado no chão, mergulhou num mundo diferente e distante.

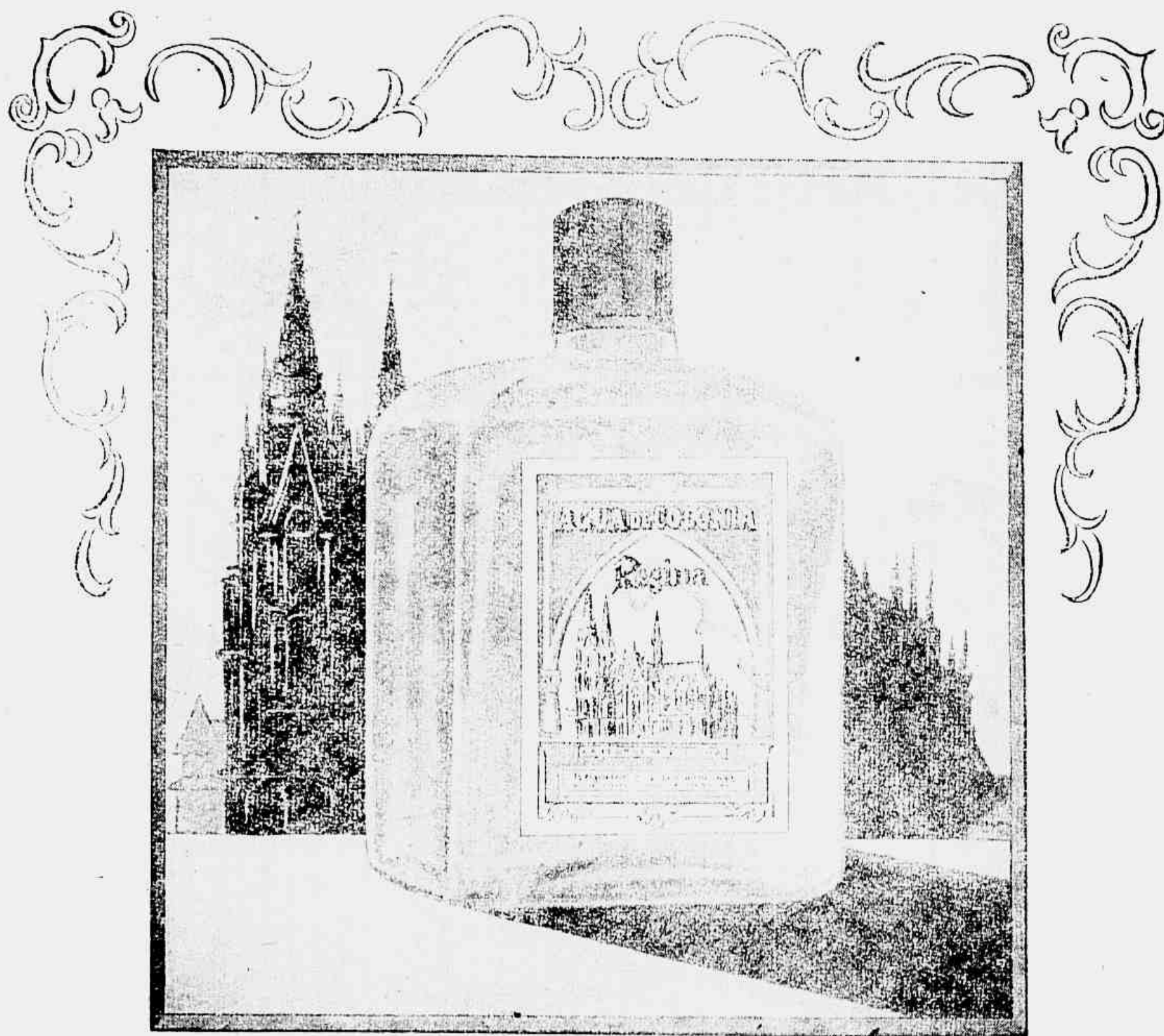
★

O sol muito claro daquela manhã parecia aumentar a força de seus músculos. O exercício não o causava, embora tivesse dormido mal. Na região que estavam, havia, à distância, arvores grandes e frondosas. Tinha vontade de se estender debaixo de uma delas e ficar à vontade, ouvindo a conversa dos passaros, descobrindo os seus segredos. Mas o exercício era rigoroso.

Agora um sargento lhes explicava, pela décima vez, o maquinismo daquela arma perigosa e moderna. A sua atenção desviava-se a toda hora, mas ele a chamava à ordem. Um "jeep" passou perto do pequeno grupo que ouvia as instruções. — Sai da frente, seu cabeça de mamão! — berrou lá de dentro o chofer para um soldado descuidado que varria o acampamento. Este fez um gesto ameaçador e reconteçou a varrer.

— Agora vocês prestem atenção, porque isto é o mais importante... — dizia o sargento com sua voz fúria. Um

ronco surdo vindo do céu. Todos olham. O sargento aponta a arma para o avião e faz com a boca: — pum — pum — pum. Todos tentam rir sem vontade da "piada" sem graça do instrutor. Passa sobre eles e segue voando. Pelo barulho do motor todos já sabiam que era um aparelho aliado. O grupo se dispersa. Alguns minutos de folga. O sol já começa a queimar. Pela centésima vez Paulo relê a carta. Sente, por detrás de seus ombros, alguém que se aproxima. E seu companheiro, o Rufino, aquele mesmo que nas horas de repouso, quando todos estão calados, nas trincheiras, procurando lutar de qualquer maneira, tem uma palavra de animo para cada um. Ele nunca vira uma pessoa tão corajosa assim. Brincalhão, ele está tentando ler a sua carta. Naquele momento, se fosse outro, ele até esbofeteria. Mas com o Rufino tudo é diferente. Mostra-lhe a carta. Ele lê devagarinho. Acaba a leitura e a devolve, sem um comentário, apenas as suas mãos tremem um pouco. Fica muito tempo calado. Depois sai sem uma palavra, dando-lhe uma afetuosa pancada no ombro. Não olhara para Paulo.



A RAINHA DAS ÁGUAS DE COLÔNIA!

Regina

O SABONETE MARAVILHA!



A VENDA EM TODO O BRASIL ★

CABELOS BRANCOS?

LOCÃO

Brilhante

RUGOL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

Percebera que este estava muito perturbado. Não quizera, num gesto de extrema delicadeza, aumentar mais a sua confusão com o seu olhar, embora compreensivo. Paulo sentia que o gesto dele queria dizer: "Tenha coragem, amigo. A vida é assim mesmo. E depois... depois há muita coisa na sua frente".

Não, ele não se deixaria abater. Se aquilo aconteceu é porque tinha de acontecer mesmo. Tirou o retrato de Tereza do bolso. Olhou-o demoradamente. Depois, sem pressa, muito devagar, foi rasgando-o em pedacinhos miúdos. Deu alguns passos, respirou fundo, voltou ao lugar onde o tinha rasgado.

Sentiu que estava ali, reduzido a pedacinhos, um dos mais belos e expressivos sonhos de sua adolescência. Olhou para eles. Uma parte dos lábios, daqueles lábios que lhe sorriam tantas vezes, que se entregara tão espontaneamente, chamava a sua atenção. Fixo nele estava um dos olhos dela. Parecia envolvê-lo numa carícia suplicante. Pedacos de orelha, de testa, tudo ali estava disperso, como pedindo-lhe que os juntasse de novo.

— Aquele sargento é uma besta. Imagine o que...

— ...loura aquela, você nem queira saber. Ela me...

— Tão dizendo que vamos ter licença hoje à noite.



Fragmentos de conversas cruzaram em seus ouvidos quando passou perto, aquele grupo de pracinhas alegres. Um chegou mesmo a pisar em uma tira do retrato querido. Teve uma vontade louca de dar um murro bem forte naquela cabeça raspada. Mas conteve-se. Não sabia o que fazer. Queria deixar aquilo ali, assim como estava. Mas não conseguiu. E devagar, como os havia ras-

gado, foi apanhando um a um os pedacos dispersos. Teve a ilusão de que renascia de novo aquele tempo feliz, em que a vida lhe sorria através das palavras de Tereza. Não conseguiu formar a fisionomia dela toda. E, sem mais resistência, foi guardando aqueles preciosos fragmentos.

De noite, estirado no chão, debaixo de um céu todo pintado de luz, ele tentava ainda compôr o retrato. "Pouco importa que ela goste de outro. O meu amor continua... e continuará sempre. Depois esta fotografia... vale muito para mim". Porque nos olhos dela ele queria ver de novo a sua casa, os seus amigos, seus Pais, os primeiros anseios de seu amor. Pacientemente, mudava a disposição de cada pedacinho. Foi quando de repente, sem avisar, (traícoira como o coração sem culpa de certas mulheres) uma bala bateu em cheio em sua cabeça. E o sangue, quente, começou a gotejar, vermelho, sobre aqueles inúteis pedacos de papel, que lembravam, no entanto, pela história que encerravam, toda a maravilhosa força da vida.

O tesouro de Mister...

(Continuação da página 51)

que Jane irritou-se. "O senhor está muito diferente do que era em Londres", dizia-me ela a todo instante. Eu tentava lançar as culpas para o sogro, por causa dos desaforos que ele me dizia, porém essa desculpa não pegava. Eis que ela se pôs a cismar que eu estava já pensando em outra e increpou-me de lhe ser infiel.

Finalmente, depois de uma vilarenta discussão, arrufou-se comigo. Eu, porém, achava-me tão absorvido com o tesouro, que não prestava a mínima atenção ao que ela dizia. Por fim, combinei comigo mesmo um plano. Sempre fui excelente combinador de planos, agora, para pô-los em execução é que são elas. Refleti o mais possível e decidi-me... Primeiramente, encheria as algibeiras de meias-corôas, compreende o senhor, e em seguida... como lhe vou explicar...

Dizendo isto respirou e molhou a garganta.

— Em breve rendi-me à evidência: não me era possível abrir a caixa que continha o tesouro, em pleno dia. Esperei a noite da ant-vespera da minha partida e, quando todos se achavam recolhidos, levantei-me para ir encher as algibeiras. Porém, ao atravessar a cozinha, catatraz, esbarro de encontro a um balde vazio. O sogro precipita-se armado com uma espingarda...

O velho tinha o sono leve e era desconfiado...

Eis-me em boas... Disse-lhe, como explicação, que tinha ido tirar água na bomba, para beber, porque a da minha moringa estava muito quente. Ele foi-se, convencido, mas não sem me ter lascarado algumas expressões de textos bíblicos.

— E depois?

— De vagar!... A queda no balde desarranjara um pouco o meu plano, sem contudo desorganizar completamente o conjunto. No dia seguinte pela manhã fui terminar o meu trabalho no quintal, como se não houves-

(Continua na página 58)



OS MÚSICOS ESTÃO INQUIETOS

A atitude da Orquestra Sinfônica Brasileira dispensando alguns dos instrumentistas que a integravam desde a sua fundação e o firme propósito em que ela se encontra de substituí-los por elementos contratados no estrangeiro, tiveram o efeito de uma bomba na classe musical. Choveram os protestos, inclusive na Câmara do Distrito Federal. O Sindicato dos Músicos manteve-se em sessão permanente e congregou os seus associados para uma visita em massa à Câmara dos Deputados, a fim de solicitarem da Casa uma providência legal visando impedir a entrada de todo elemento estrangeiro que aqui venha concorrer com os nacionais, no que acabariam levando bruta vantagem dado o nosso mau vício de preferir sempre o produto estrangeiro. Alega-se que a importação pleiteada é de instrumentistas inexistentes em nosso meio. Não procede a alegação. Porque a OSB não tratou de formar os especialistas de que agora tanto precisa? Ainda há pouco, o grande regente Eugene Ormandy declarou publicamente que o músico brasileiro é o melhor do mundo. Mesmo que se leve essa declaração à conta de um exagero ditado pelas atenções aqui recebidas, Ormandy não deixa de ter um pouco de razão. No nosso grande team de músicos, temos também os Manecos, os Domingos, os Ademires e os Helenos. Eles sabem, igualmente, "jogar" em qualquer posição. Basta dar-lhes uma oportunidade. E quando, na Metrópole, houver falta de "cracks", ainda restam todos os Estados e Territórios onde procurar elementos para suprir os claros. Os músicos estão inquietos e têm toda a razão. Numa terra onde a música estrangeira, principalmente a popular, asfixia o produto nacional diante da impassividade do compositor brasileiro, que assiste a tragédia de braços cruzados, é preciso que os músicos façam tudo para não morrerem, também, asfixiados.

F. Corrêa da Silva



NO PREGUNTES A DONDE

Canción bolero de José Antonio Zorrilla
e Gabriel Ruiz.

La gente hablará de tí,
Y luego hablará de mí.
Com motivo o sin motivo
El mundo murmurará

Lo que diga la gente nada importa,
A la gente jamás le damos gusto.
Mira: la vida es demasiado corta
Y perder este amor eso no es justo
Yo te quiero y me quieres.
Que esperamos?
Esperar es vivir entre una hoguera;
No preguntes adonde, pero vamos,
Y que diga la gente lo que quiera...



DOES BABY FEEL ALL RIGHT?

Do filme "Mentiroso" da Paramount

Fox de Johnny Burke e
Jimmy Van Heusen.

Would you really be my baby?
Does baby feel all right?
Do you mean there's no more maybe?
Does baby feel all right?
Are you positive you'd miss me?
That doesn't sound like you.
If you think you'd want to kiss me,
For heaven's sake please do!
Are you sure we should go walking?
The moon is out tonight.
It's a whole new way of taling,
Does baby feel all right?
It looks to me like something's
wrong,
But I won't put up a fight.
In fact I'll ask you just once more,
Does baby feel all right?

IT HASN'T BEEN CHILLY IN CHILE

Do filme "Mentiroso" da Paramount
Fox de Johnny Burke e
Jimmy Van Heusen.

There's a big hub-bud at the foreign
club
Where the well know troubles are
drowned.
It hasn't been chilly in Chile,
Since Lilly O'Reilly's around.
Geographic laws make professors
pause
They're amazed because they have
found

It hasn't been chilly in Chile
Since Lilly O'Reilly's around.
Who mentioned volcano?
She's the hottest thing they know.
She made a fiasco out of tabasco!
Ev'ry collar wilts and they throw
off quilts,
There's a craze for kilts gaining
ground.
It hasn't been chilly in Chile
Since Lilly O'Reilly's around.



CASTIGO

Canción-Bolero de José A.
Zorrilla, Mario Alvarez e Ra-
fael de Paz.

Es compendio de luz y esperanza
tu mirada si triste me ve
es punal que clavó la venganza
por las culpas de amor de mi ayer.
Tengo que pagar lo que han sufrido
todas las que están en el olvido
Este mi divino penar
hoy me hace ver que te quiero
tu tienes razón de pensar
que mi querer no es sincero
Pero la verdad es que te adoro
si este no es amor
porqué te imploro?
Tengo que lograr tu perdón
para poder ser feliz
Esta humillación me enseñó a vivir
com el corazón.

MÚSICA

O compositor e o profeta — Sentido funcional da arte — Shostakovich, prelúdio de uma era — Bach, Beethoven e a objetividade — Contacto com o povo — O estado e os "modernos" — Discussão, participação, enriquecimento — Declarações do Maestro Serge Koussevitzky.

Roberto Lyra Filho

(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

Duas soluções inaceitáveis foram propostas para encerrar definitivamente a controvérsia em torno da participação do artista em caráter ativo e efetivo, na sociedade em que vive. A primeira relega-o, como um contemplativo, à observação e à passividade. A segunda nega, terminantemente, qualquer relação entre sua atividade técnica e o papel que, de má vontade, lhe concedem: "o artista também é cidadão..."

Assim teríamos, ou um ser que se colocasse inteiramente alheio, em face dos problemas, limitando-se a refleti-los, docilmente, espelho paciente e incapaz de uma deformação, ou um homem dividido em duas partes, concebido em dois tempos, seccionado em duas faces distintas e inconciliáveis: o artista agindo ora como artista, ora como cidadão.

A realidade desmente tudo isso. Em primeiro lugar, a atitude contemplativa puramente contemplativa é um artifício criado nos gabinetes. Tanto vale dizer: não existe... Não se pode eliminar, completa e definitivamente, a reação pessoal, o desvio que os fatos sofrem, ao serem apreendidos. A imparcialidade absoluta, como o vácuo absoluto, são ficções...

Por outro lado, a concepção dicotômica, que põe a cabeça do artista de um lado e o coração, ou a sensibilidade do outro, tornando di-valente a sua personalidade, também não corresponde à evidência, nem se pode obter de um homem coerente, a abstração de suas convicções diante do fenómeno da criação artística.

Entretanto, esses argumentos continuam a ser apresentados, com as galas de uma solução luminosa, quando não passam de um subterfúgio cômodo à presença incômoda de determinadas questões que exigem uma solução.

O maestro Serge Koussevitzky, atual mentor do nosso patricio Eleazar de Carvalho, no campo intrincado da regência, sustenta, a respeito, pontos de vista bem definidos, baseados em considerações sólidas, que a experiência, no contacto direto com artistas e intérpretes lhe conferiu.

Em entrevista esclarecedora, da maior importância, ele levou o panorama da função do músico no mundo futuro mais além dos horizontes da arte musical, combinando a erudição profunda como impressionante largueza de visão

A MÚSICA ANUNCIA O NOVO MUNDO

"Acredito que, mesmo antes da primeira grande guerra" disse o dr. Koussevitzky, "a música alemã já demonstrava o rumo da decadência de que ia dar prova, logo que terminasse o conflito, em 1918. Por outro lado, parece-me que Shostakovich, delineia a aurora de uma outra espécie de música. A sétima e a oitava sinfonias deste compositor dão prova disso. A sétima é uma história de guerra. Forças brutais entram em conflito e o resultado do embate é transcrito em páginas de excepcional vigor. Já, na oitava, eis que o compositor, mais uma vez empenhado em combate, tem, subitamente, a antevisão do resultado daquele esforço prodigioso e, então, nas últimas páginas, irrompe aquele um idílico, que soa como raios de sol furando as nuvens e banhando de luz a paisagem e panorama distendido e convulso do mundo. Eis onde o artista, de repente, passa à posição de profeta, e, a

meu ver, Shostakovich transmite a noção nítida e precisa do futuro".

Prosseguindo, declarou:

— "A música, apoz a guerra, ganhou uma importância muito grande na reconstrução da vida humana. Através do rádio e das gravações, terá uma influência decisiva no povo. Torna-se, portanto, muito importante determinar a maneira pela qual traremos a música ao povo, como faremos que o povo não somente receba o presente da música, mas também como o levaremos a cooperar, a participar na formação de uma nova música. O sentido funcional da música deve ser destacado, pois, a história nos mostra como essa arte se torna desprovida de sentido se não a considerarmos em relação à sociedade que a produziu. Assim, admiramos a música de Bach, porém devemos, antes de tudo, compreendê-la e, para compreendê-la, é preciso que saibamos que ela foi produzida para a sua igreja e, por isso, por esse motivo objetivo, tem aquele tom místico, que não é, somente, como se quer fazer crer, uma imposição do "temperamento" de Bach... Beethoven foi o músico da revolução francesa e, sem lembrar esse fato, é impossível conhecer, de fato, a Nona Sinfonia... Nessa linhagem eu coloco Shostakovich".



Serge Koussevitzky

MAIS CONCERTOS, NOVOS RUMOS

— "Estou convencido", declarou, a seguir, "de que os concertos devem ser mais numerosos e mais acessíveis, pois, sem isso, torna-se impossível fazer com que a arte desempenhe a sua função."

Para que se torne evidente, além de qualquer possibilidade de dúvida, o papel que ela representa, é necessário que o artista seja ouvido, que o chegue ao povo e que o povo o entenda. Para propiciar essa comunicação, que resultará em benefícios mútuos e num duplo revigoramento, o Estado deve empregar compositores e intérpretes, sustentá-los para que eles, adequadamente, se dediquem à sua profissão. O Estado deve, mesmo, encomendar trabalhos".

E acrescentou:

— "Em Boston, por exemplo, onde, geralmente, se enxerga um público mais conservador em seus gostos, consegui trazer, como parte habitual de meus programas, obras de compositores contemporâneos que, em pouco tempo, se tornaram apreciabilíssimas. Assim deveriam fazer os outros regentes."

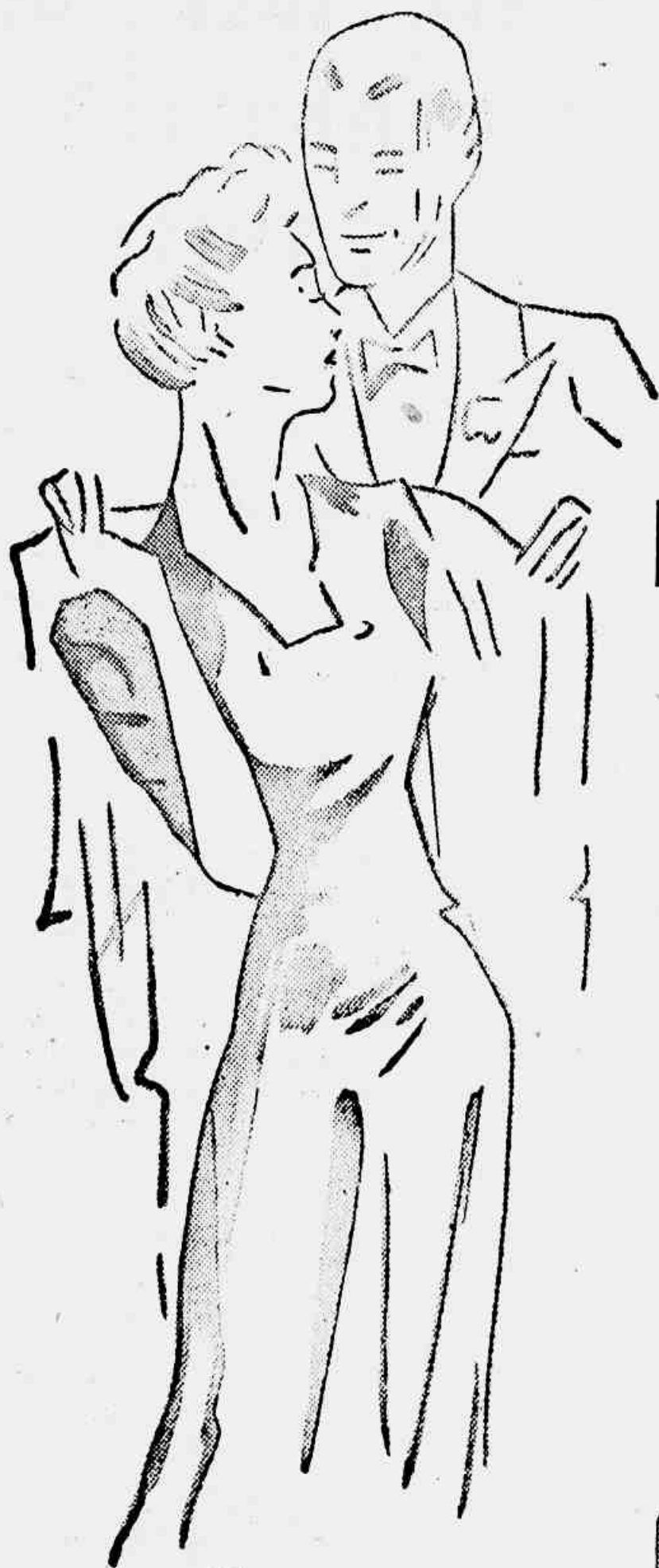
Com convicção e firmeza, declarou:

— "É preciso criar oportunidades para que a mensagem de nosso tempo seja ouvida pelo povo e que o desperte com o seu poder de antevisão grandiosa".

O RÁDIO COMO MEIO DE DIVULGAÇÃO

Considerando a maneira pela qual se poderia atingir uma participação mais efetiva do povo na formação de um nível mais elevado de cultura

(Continua na pág. 58)

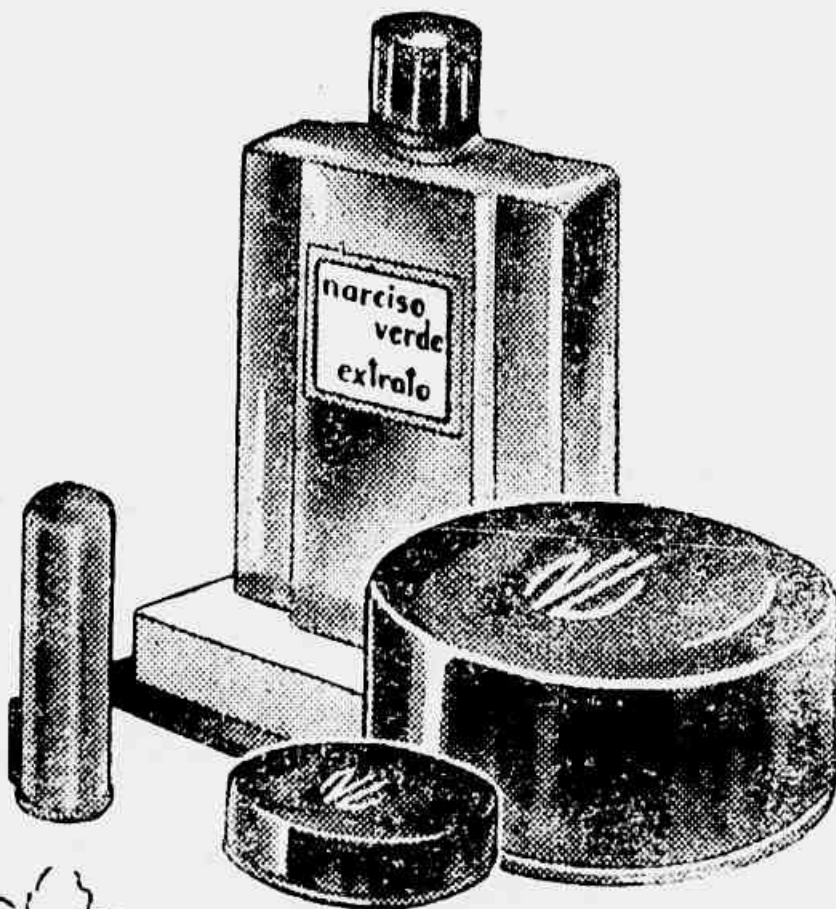


narciso verde

dá-lhe personalidade...

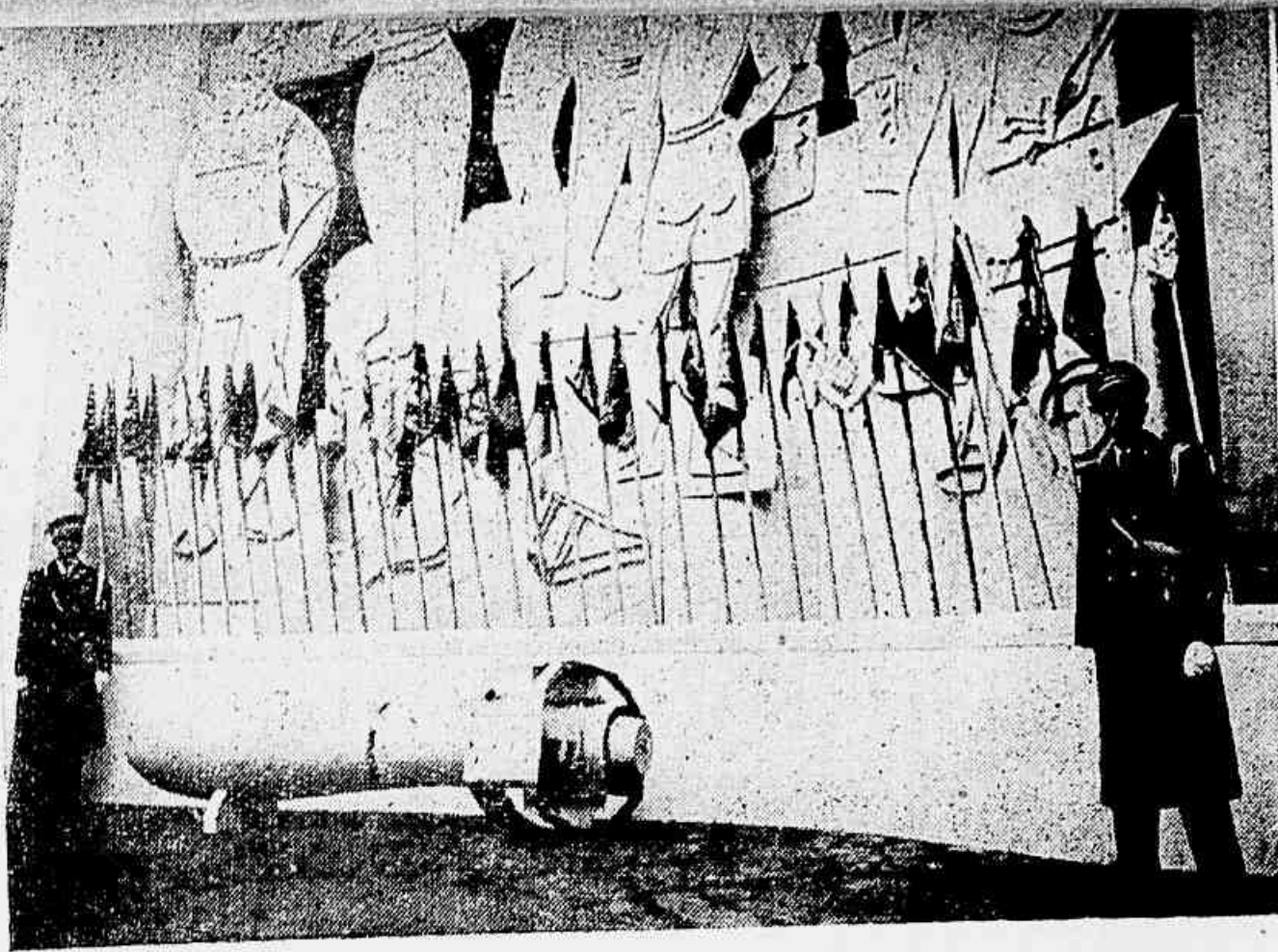
-presença...

-sedução...

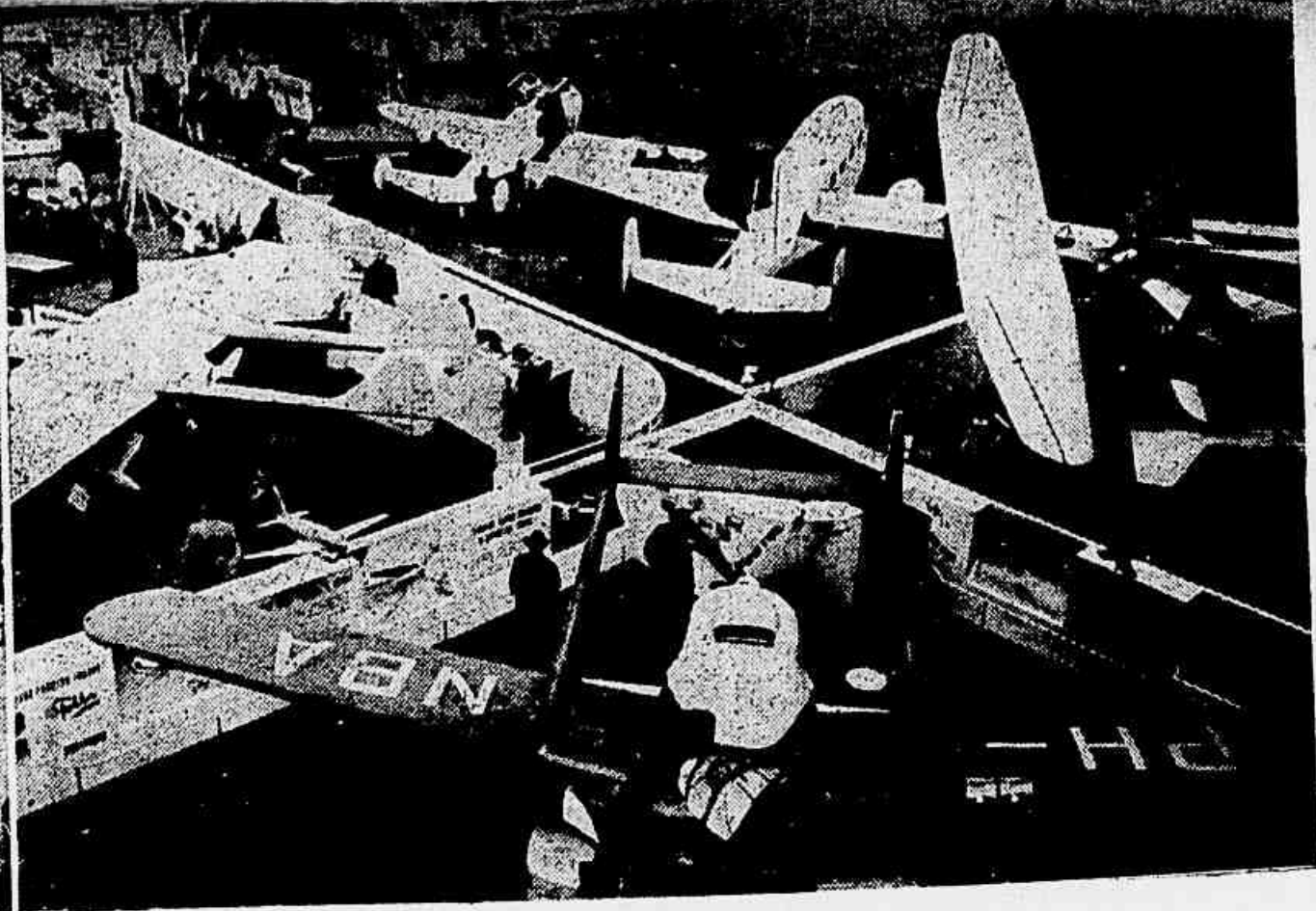


EXTRATO * PÓ DE ARROZ ROUGE * BATON

PERFUMARIA CHIMÊNE
SÃO PAULO



As bandeiras de numerosas esquadilhas do exército do ar, apresentadas na Exposição de Aviação, em Paris. (Foto do S. F. I.)



Vista geral da Exposição de Aviação no "Grand Palais", em Paris — "Stands" estrangeiros. (Foto do S. F. I.)

S a Câmara Sindical Francesa dos Construtores de Aviação teve dúvidas sobre a oportunidade do Salão de 1946, estas devem ter desaparecido diante do acolhimento dispensado aos convites feitos no estrangeiro, principalmente no que se refere à Grã-Bretanha. E nunca até hoje, mesmo nos mais favoráveis períodos de antes da guerra, o Salão reuniu tão importante participação estrangeira. O arquiteto encarregado do arranjo dos *stands* foi obrigado, muito a contragosto, a recusar os construtores estrangeiros chegados tarde.

Os ingleses fizeram do "Salão de Paris", literalmente, o seu Salão. Os britânicos faltaram ao salão de automóveis. Segundo certos esclarecimentos, acreditava-se, do outro lado da Mancha, que uma exposição organizada num período de tal maneira perturbado não apresentaria grande interesse. O sucesso extraordinário do Salão de Automóveis, entretanto, surpreendeu-os. Imediatamente os construtores de aviões decidiram aproveitar o Salão de Aeronáutica para fazerem uma exposição completa de toda a escala de seus mod. l.s. Compreende-se muito bem o sentimento que os anima: trata-se, para eles, de conquistar os mercados estrangeiros, começando, naturalmente, pelo mercado europeu.

A participação deles também é considerável: 46 companhias alugaram *stands*, que representam uma superfície de 2.800 m². Além disso, vôos de demonstração são organizados para a maior parte dos modelos, no aeródromo de Villacoublay, perto de Paris.

Sete aviões de tamanho normal são colocados sob os olhos dos visitantes, no "Grand Palais". São dois "Gloucester-Meteor" de reação um dos quais detém o rec. mundial de velocidade, com 991 kms. e que franchará, muito breve, sem dúvida, a meta fatídica dos mil quilômetros. Dois caçadores: o "Hawker Seafury 10" e o "Fairy Fly". Um modelo de turismo: o bi-motor, de lugares, "Mails Gemini". Um avião de três lugares, de treinamento: o "Percival Prentice". E, enfim, um planador de transporte, sem cauda: "Armstrong Whitworth".

Naturalmente os aviões gigantes, de transporte, não puderam pretender alojar-se no "Grand Palais":

A PARTICIPAÇÃO ESTRANGEIRA NO XVII SALÃO DE AERONÁUTICA DE PARIS

Por

PIERRE LORME

Especial para

REVISTA DA SEMANA

somente um, dentre eles, ocuparia mais da metade do espaço disponível. Os britânicos contentaram-se em expor as *maquetes*, fragmentos de *cabine*, pedaços da asa de seus imensos navios aéreos. É impressionante entrar na cabine de "Tudor II", de 33 metros de envergadura; visitar a asa da "Saunders-Roe", o hidro avião de 120 lugares; admirar a instalação do imenso hidro-avião "Solent" e examinar o modelo reduzido a 1/18, do "Bristol-Barbican", que poderá acolher em seus flancos 224 passageiros e respectivas bagagens!

A maior parte das *maquetes* foram realizadas em matéria plástica transparente, o que permite ver facilmente todos os detalhes da construção.

Para os visitantes desejosos de ver os enormes aviões de transporte, ingleses, ao natural, todas as facilidades foram previstas. Autocars são-lhes oferecidos afim de es transportar aos aeródromos nas cercanias de Paris, onde os aparelhos estão expostos e farão demonstrações de vôos.

O esforço das casas inglesas de motores não é menor do que o dos construtores de celulas; as firmas Bristol, Armstrong, de Havilland, Napier, Rolls-Royce — para só mencionar as mais conhecidas — colocaram em seus *stands* todos os modelos mais recentes, enormes máquinas de 3.500 cavalos com turbo-reactores. O mesmo se pode dizer, dos fabricantes de hélices e acessórios.

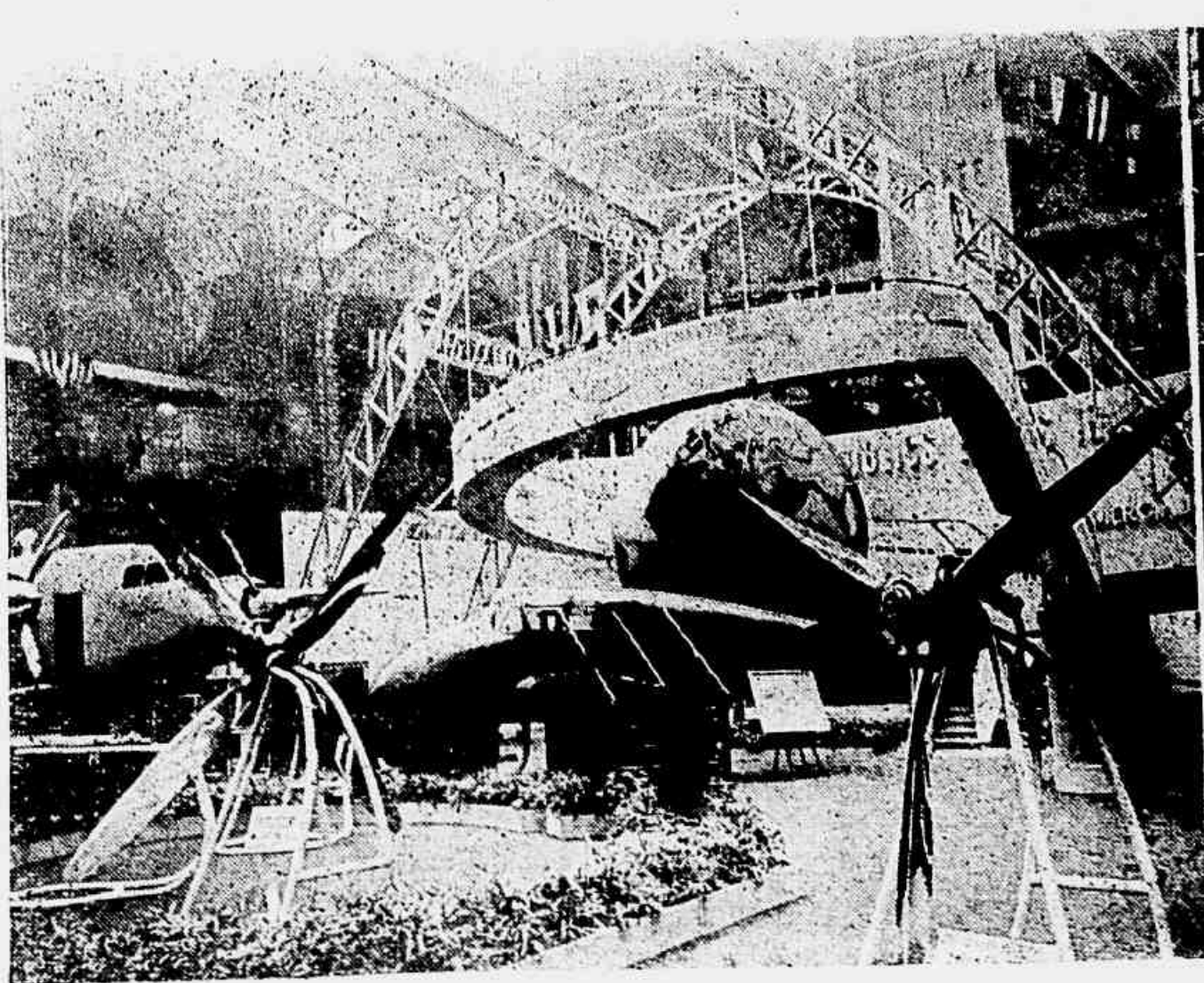
Enfim, a indústria aeronáutica inglesa, mesmo em Londres, não faria uma exposição mais completa de suas realizações.

Ao lado da contribuição britânica, a participação das demais nações parece diminuta. Os Estados Unidos inauguram sua exposição, em Nova York ao mesmo tempo que a de Paris. E, de outro lado, a greve de transportes marítimos prejudicou consideravelmente as trocas. Entretanto, os Estados Unidos estão representados, não por aviões novos, acabados de construir, mas principalmente por *maquettes*, fotografias, montagens, gráficos.

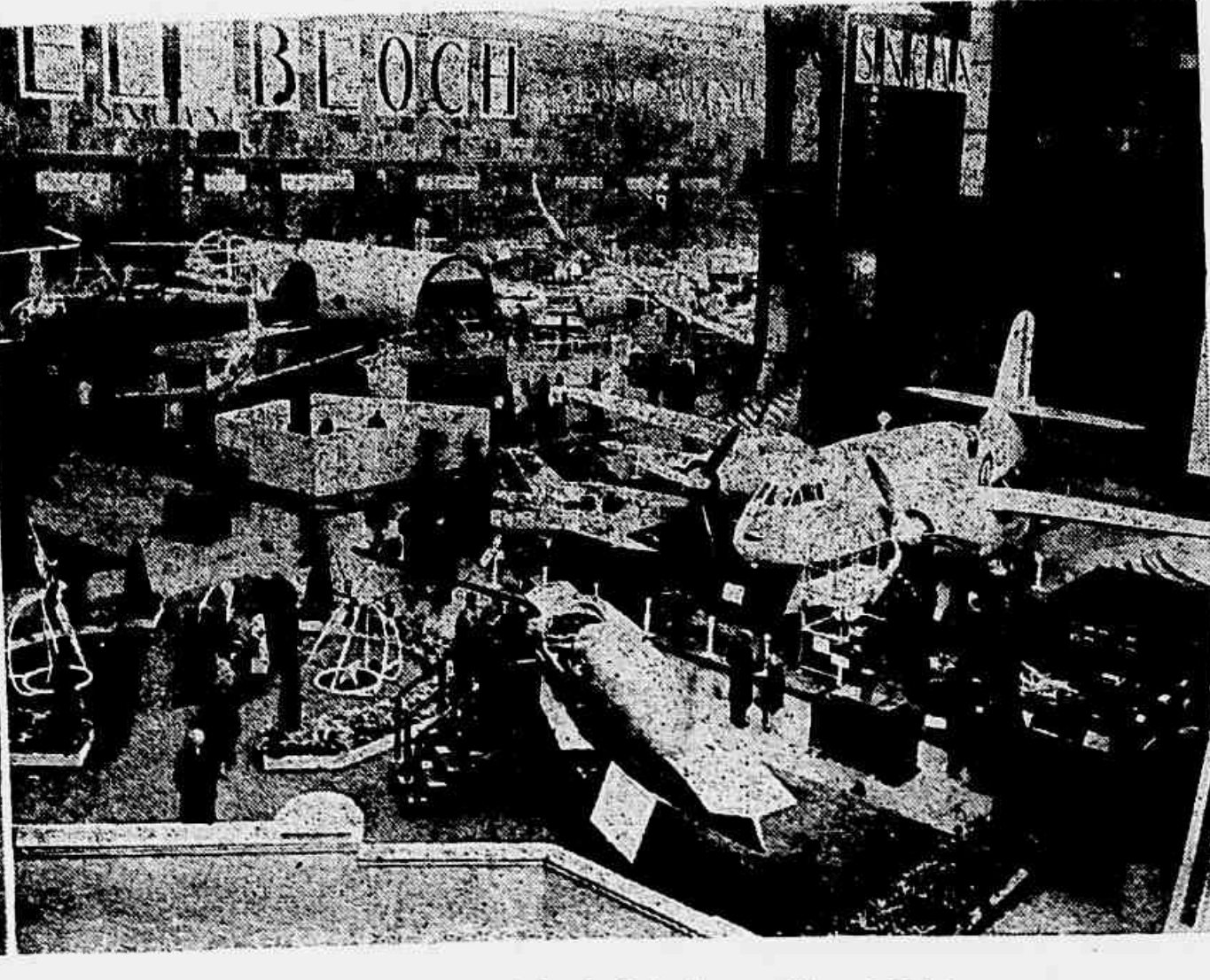
Ao contrário, a Holanda, a Tchecoslováquia, mesmo a Itália, enviaram alguns de seus aviões mais recentes: aviões de combate e aviões de transporte para passageiros.

A URSS depois de ter hesitado, decidiu abster-se. Mas engenheiros russos vieram estudar de perto, os novos engenhos, criados nas outras nações, segundo as técnicas modernas.

Assim, o 17.º salão de Aeronáutica de Paris, o primeiro no mundo, depois da guerra, afirma sua oportunidade e seu interesse universal. No mundo inteiro, os seus ensinamentos serão recolhidos pelos técnicos, para o maior proveito de todos. (Copyright do Serviço Francês de Informações).



Hélices francesas e "stand" do Ministério de Obras Públicas e Transportes, na Exposição de Aviação, em Paris. (Foto do S. F. I.)



Vista geral da Exposição de Aviação, no "Grand Palais", Paris. (Foto do S. F. I.)



Alguns trabalhos de Alan Lowe, refletindo influências aborígenes. O interessante vaso à esquerda foi inspirado nos desenhos dos escudos aborígenes, enquanto a tigela azul, vermelha e amarela à direita tem um motivo totemico dos arunta. O jarro ao centro está circundado por um desenho de guerra: dançarinos aborígenes com lanças e "boomerangs". Lowe esforça-se para fundir o modelo, a forma e a cor em sua obra.

EMBRENHADO nas montanhas cheias da fragancia do féro que orlem a parte oriental de Melbourne, capital do Estado de Vitoria, vive um oleiro australiano, que, inspirado pela arte aborígene australiana está trazendo emocionantes e novas formas e coloridas para essa antiga arte.

De cabelos alourados, olhos azuis, Alan Lowe, que conta 35 anos de idade é bem conhecido na Australia pela beleza e originalidade de seus produtos e já possui alguma reputação no ultramar.

Expôs e vendeu muitos exemplares de seu trabalho no Pavilhão Australiano da Exposição Imperial, realizada em Glasgow, na Inglaterra, no ano de 1936. Os exemplares de seu trabalho são também encontrados em muitos lares norte-americanos. Combatentes norte-americanos, dotados de muito discernimento artístico, em serviço na Australia, durante a guerra do Pacifico, levaram todos os trabalhos da autoria de Lowe que puderam obter.

O trabalho de Lowe, vai desde o estritamente utilitário, tais como utensílios

A ARTE MARAVILHOSA DOS OLEIROS AUSTRALIANOS

Motivos aborígenes inspiram novos desenhos e formas — Alan Lowe, um mestre ceramista de Melbourne.

De Leo Kelly.

Especial para "REVISTA DA SEMANA"

para comestíveis e bebidas até os mais estéticos vasos e taças.

A tudo isso ele deu a beleza da forma e o colorido lustroso, juntamente com o seu proprio toque de distinção, quer se trate de seus inimitáveis jogos para licor feitos de terra-cota ou de uma travessa para fruta de verniz verde ou um enorme lagarto de lingua azul sobreposto.

Lowe iniciou sua vida adulta como estudante de arte na famosa escola de arte australiana de Julian Ashton, em Sidney. Foi ele ali condiscipulo do agora famoso retratista australiano William Dobell.

Posteriormente, tornou-se um artista expositor, mas devido á sua má saúde foi morar nas montanhas Dandenong, perto de Melbourne. Ali dedicou-se á olaria como passa-tempo, o que mais tarde se tornou para ele um meio de vida bem como um novo veículo de expressão.

Lowe mostrou-se sempre interessado pela cultura dos aborígenes australianos mas foi muito educado e conhecido, e que se tornou interessado nos motivos artisticos aborígenes como uma fonte de inspiração para o seu trabalho.

Com a ajuda de Onus passou semanas no Museu de Melbourne estudando a maravilhosa coleção aborígene. Hoje Lowe pode dizer exatamente de que parte da Australia procede uma determinada lança, um *womerah* ou um *boomerang*.

Em sua obra Lowe foi inspirado pelas primitivas gravações na rocha dos aborígenes e em particular pelos sinais totemicos da tribo de Arunta, na Australia Central.

Os sinais nos escudos aborígenes também o interessaram e ele confeccionou varios vasos fascinantes baseado em seus modelos.

Em seu trabalho Lowe esforça-se sempre para estabelecer uma relação entre os modelos e a forma e cor dos objetos.

Por exemplo no vaso acima referido o tipo do escudo determinou uma angulosidade na forma. Outros trabalhos confeccionados com motivos Arunta também traduzem o sentimento na forma empregada.

Lowe, está continuamente progredindo para modelos e desenhos sempre novos e fazendo experiencia com oxidos e compostos de verniz afim de produzir novos e belos acabamentos para os seus produtos. Prefere trabalhar com a antiquada roda dos oleiros movida, com o pé.

Em sua opinião, a roda eletrica pode dar um acabamento mais macio, de aspecto mais manufaturado em relação á forma do artigo representado, mas a roda movida com o pé proporciona ao oleiro formas mais interessantes.



Alan Lowe em sua primitiva roda de oleiro movida a pé, trabalhando num novo vaso com barro fresco. Lowe prefere utilizar a roda movida a pé a empregar o aparelho elétrico, que, segundo alega, destrói o toque criador do artista.

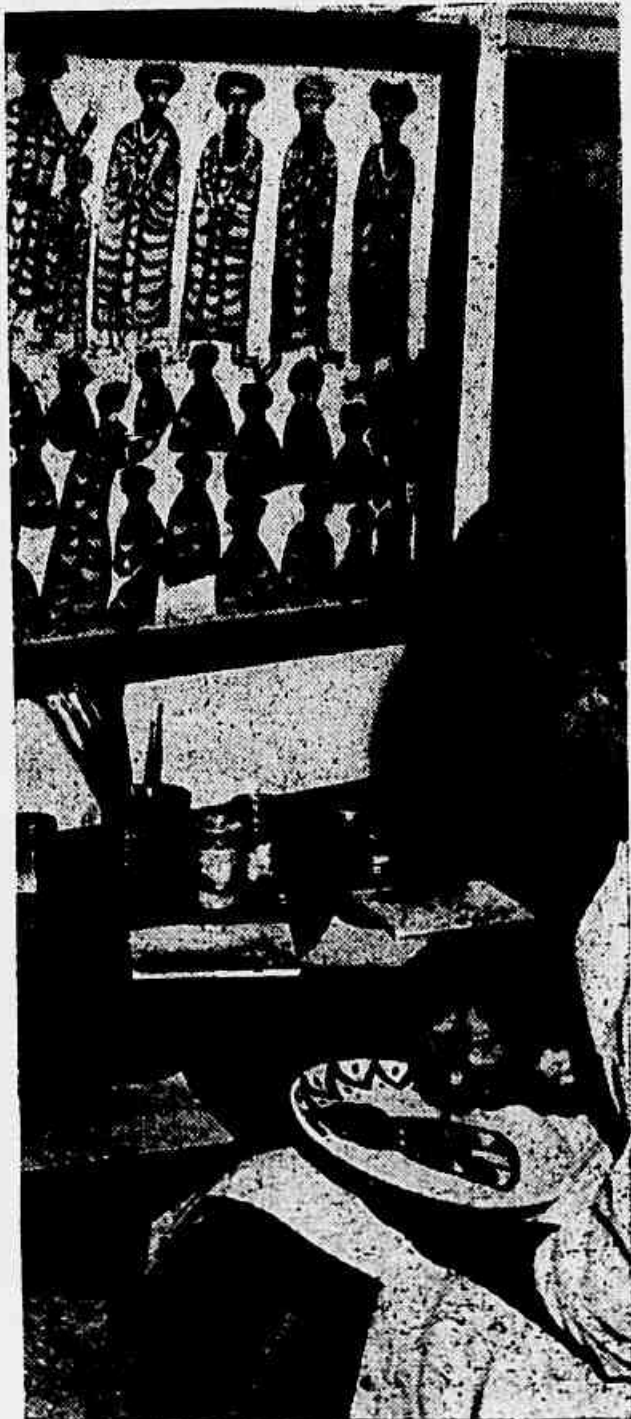
a vista, seja uma das lustrosas mascaras da Lowe ou um desenho aborígene de Barak, o ultimo rei dos aborígenes do Estado de Vitoria, que morreu em 1900.

Quando não está trabalhando em sua profissão de oleiro, Lowe ocupa-se com o que se poderia chamar de cultura descentralizada. É' ele secretario e fundador da Sociedade de Arte de Fern Tree Gully estabelecida ha tres anos passados. A sociedade já patrocinou uma exposição anual de arte, extremamente popular, com um premio de 75 libras para a melhor pintura, aberta a todos os pintores da Australia.

A Sociedade promoveu recentemente o estabelecimento de um Centro de Preparação Infantil em Fern Tree Gully. Ali as crianças podem aprender pintura dança criadora e claria. Esta ultima materia é ensinada pelo proprio Alan Lowe.



Alan Lowe e alguns dos seus trabalhos refletindo influências aborígenes, particularmente as da tribo Arunta da Australia Central.



Alan Lowe, copiando um desenho aborígene para transpô-lo para o fundo de um prato. O desenho, que lhe serve de modelo, é o seu mais precioso exemplar, pois é de autoria do falecido Barak, último rei dos aborígenes do Estado de Vitoria.

Música

(Continuação da pág. 55)

musical, o dr. Koussevitzky aludiu ao alcance do rádio, que poderá ser utilizado com este objetivo de divulgação e educação. "Ainda temos o recurso do rádio, que com as gravações, constitui uma das principais formas de divulgação. Um plano bem organizado poderia fazer com que esses meios servissem a um fim, um objetivo que deve ser, normalmente, o de todos nós, músicos. Não obstante, me parece que o concerto continua a ser o meio mais adequado e insubstituível, pois ele garante um contacto directo do público com o intérprete. O método do rádio é indirecto e prescinde dessa aproximação propícia à participação que definimos. Assim como o melhor dos quadros, representando o mar, não consegue substituir a impressão genuína da contemplação de uma praia, assim o rádio e a gravação interpedem, entre o ouvinte receptivo e o artista comunicativo, não só o intérprete, como outros meios artificiais de transmissão.

Minha insistência na oportunidade a ser dada aos compositores contemporâneos encontra fundamento na consideração de que, ouvindo-os, o povo terá seu interesse estimulado e discutirá esses trabalhos, debaterá os problemas musicais, esclarecendo-os porque, dessa forma, um outro ângulo de visão será introduzido e ficará como informação de que o artista se poderá valer.

Lembro-me das discussões em torno de Brahms, que parecem, hoje, incompreensíveis. Mas elas contribuíram, com um contingente inestimável de dados, para esclarecer mesmo os compositores, que conhecem a técnica, mesmo os musicólogos, que, em última análise, dependem, para juízes definitivos, da consagração da sociedade, pois não é com pontos de vista individuais, que não encontram eco no povo, que se constitui, na história, a lista dos grandes vultos."

O Tesouro

(Continuação da pág. 54)

se sogro cacete e atrapalhador neste mundo. Cimentei as pedras, pintei-as de verde para imitar o musgo, etc... No lugar onde se achava a caixa, entornei o que restava da tinta verde. Todos vieram admirar a minha obra e foram de acordo que estava admirável... O velho abrandou um pouco comigo e, à guisa de cumprimento, disse-me: "É pena que o senhor não possa trabalhar sempre nestas cousas, pois neste caso sempre conseguiria obter uma posição estável." "Sim, respondi-lhe, sem poder conter-me; sim, este trabalho, para mim, vale uma fortuna." Compreende o senhor? Vale uma fortuna, isto queria dizer que...

— Compreendo bem, — afirmei, pois Brisher é, infelizmente, por demais inclinado a insistir sobremaneira nas suas pilherias.

— Ele é que não compreendeu, o meu sogro... ou pelo menos, não o compreendeu nessa ocasião. Finalmente, puz-me a caminho para Londres, — exclamou Brisher, subitamente animado e avançando com a cabeça até me tocar quasi no nariz.

Porém tolo não fui eu! Que pensa o senhor? Não fui além de Colchester... nem um passo além... Tinha previamente escondido a pá em um lugar onde poderia achá-la com facilidade. Aluguei um pequeno carro em Colchester, com o pretexto de

transportar-me a Ipswich para passar a noite e voltar no dia seguinte pela manhã. O homem que m'o alugou, exigiu duas libras esterlinas como sinal; eu paguei-as e puz-me a andar. Fui tanto a Ipswich como já fôra a Londres! A' meia-noite, cavalo e carriola estavam parados a uma centena de passos da casa do meu sogro, em um caminho que passava por lá, e eu tratava de pôr em execução o meu plano. A noite estava propícia, o céu encoberto, e, como o calor era excessivo, os relâmpagos sucediam-se uns aos outros, continuamente... Bem depressa desencadeou-se a tempestade... a chuva começou a cair, primeiramente em grossas gotas e depois em saraiva. Eu continuava firme, a cavar... Julgava que o velho nada ouviria por causa da tormenta, e nem mesmo tomei o cuidado de evitar o barulho que fazia a pá na terra. A trovoadas, os relâmpagos e a saraiva punham-me quasi tonto... Se me tivesse posto a cantar, não me espantaria... O meu trabalho prosseguia tão rapidamente e eu achava-me tão satisfeito com o bom resultado do plano que não falhara, que não pensava nem na trovoadas, nem no cavalo, nem no carrinho. Bem depressa consegui desembaraçar a caixa por todos os lados...

— Pesada? — perguntei.

Achava-me tão incapaz de levantá-la como de voar nos espaços. Quasi chorei de raiva. Isto

não me tinha vindo à idéia. Assim, seguro-lhe que praguejei, e praguejas serias. Não podia, naquela ocasião, dividir a carga e, caso o pudesse, como conseguiria transportar a prata em um carrinho à vista de todos?... Impossível! Consegui, a muito custo, suspender um dos cantos da caixa... e ei-la que perde o equilíbrio e entorna todo o conteúdo dentro do buraco, fazendo um barulho infernal. Uma verdadeira avalanche de moedas de prata!... Exatamente nessa ocasião, catatraz, um relâmpago, um trovão e é como se estivessemos em pleno dia. A porta da casa abre-se imediatamente e o meu sogro precipita-se no jardim com a maldita espingarda... Estava já a cem passos do lugar em que eu me achava... Fiquei tão aturdido, creia-me, que nem pensava no que fazia. Não me demorei mais nem um segundo... nem mesmo o tempo de encher as algibeiras. Saltei por cima da cerca, e corri como uma lebre na direção do carrinho, blasfemando e praguejando... Estava em um estado! Pois bem, há de crêr que, quando cheguei ao lugar onde deixara o cavalo e o carro, lá não estavam mais! Tinham desaparecido! Quando cheguei ao conhecimento deste terrível fato, já não tinha mais uma praga disponível no meu repertório, estava esgotado! Puz-me a dansar no meio da rua, e depois segui a pé para Londres...

Consolidação das Leis do Trabalho

Texto actualizado até á expedição do último Decreto-Lei do regime pre-constitucional. Texto completo.

Vêr o n.º 46 da revista

TRABALHO E SEGURO SOCIAL

A' venda em toda parte. Pedidos á CIA. EDITORA AMERICANA.

Maranguape, 15 -- RIO.

Atende-se pelo reembolso.

— E depois? — perguntei.
— E' tudo, — declarou Brisher, laconicamente.

— O senhor não voltou lá?
— Pensa que voltei? Ao menos por algum tempo, eu estava farto de aventuras por causa daquele satânico tesouro. De mais a mais, eu bem sabia a que se expõem as pessoas que tentam ampalmar um tesouro achado.

Parti imediatamente para Londres, sem querer saber de mais nada...

— E nunca mais lá voltou?

— Nunca mais.

— E Jane? Escreveu-lhe alguma vez?

— Escrevi três vezes para sondar o terreno, porém não obtive resposta. Nós nos tínhamos separado justamente depois de uma desavença causada pelo ciúme dela... de forma que eu não podia perceber de que natureza era o seu silêncio e o que significava... Não sabia o que fazer. Ignorava mesmo se o velho me teria reconhecido. Durante algum tempo observei com atenção os jornais, para ver quando êle remeteria o tesouro às autoridades, como eu supunha que não deixaria de fazer visto ter êle sido sempre tão correto.

— E ele o remeteu?

Brisher fez um gesto expressivo, sacudiu a cabeça lentamente da esquerda para a direita e da direita para a esquerda, diversas vezes, e continuou:

— Não haja receio!... Porém Jane era bem gentil, uma moça verdadeiramente bonita, embora muito ciumenta, e eu, passados alguns dias, desejava voltar para junto dela. Pensava que, si o sogro guardava o tesouro, eu tinha sobre êle algum direito... Finalmente, um dia, nas notícias de Colchester, encontro o nome dele.

Mas advinhe o senhor por que?

O problema era por demais complicado para a minha perspicácia. Brisher abrandou a voz, de forma a torná-la quasi como um simples murmúrio, e, tapando a boca com uma das mãos, falou como em segredo. Uma alegria, desta vez não fingida, resplandeceu em toda a sua pessoa.

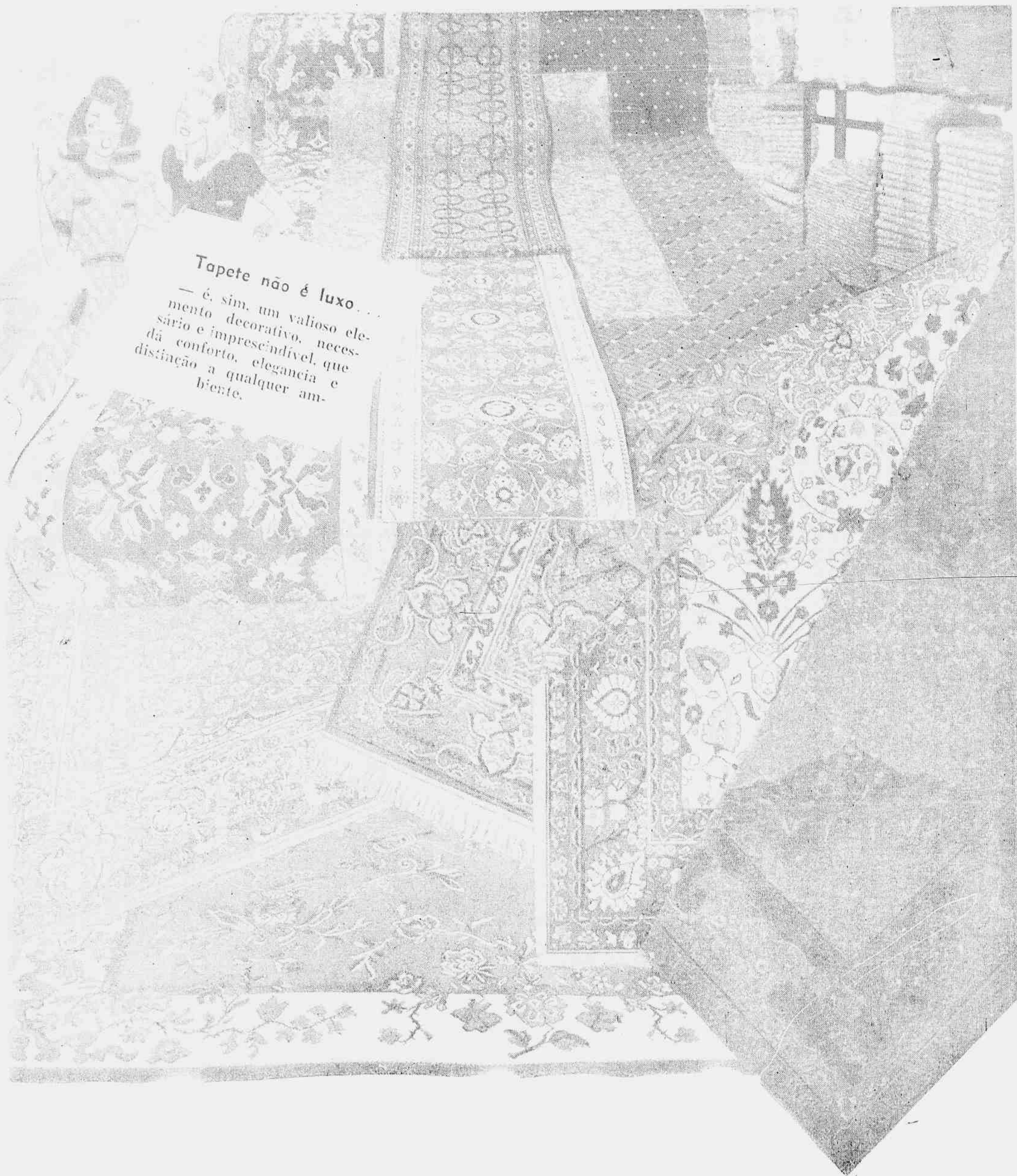
— Emissão de moeda falsa... de moeda falsa!

— E depois?

— Sim, é isto... Falsas! e instaurou-se um famoso processo. Mas finalmente trancafiaram-no, se bem que êle tentasse a defesa por todos os meios, o pobre diabo. Ficou provado pelo inquerito que êle tinha conseguido fazer passar... oh!... quasi uma dúzia de meias corôas em moeda falsa...

— E o senhor não declarou que...?

— Pensa assim?... Nada lhe adiantaria, se eu fosse contar que era um tesouro que ele tinha achado.



Tapete não é luxo...
— é, sim, um valioso elemento decorativo, necessário e imprescindível, que dá conforto, elegância e distinção a qualquer ambiente.

Tradicional

QUINZENA DOS TAPETES

Exposição e venda dos mais lindos e originais tapetes ingleses, franceses, portugueses, orientais, indianos, etc., em cores e desenhos exclusivos. —

Grandes reduções nos preços.



(Fundada em 1912) 65, Rua da Carioca, 67 — Rio



CIGARROS
ELMO

CIA DE CIGARROS SOUZA CRUZ
RIO DE JANEIRO

CIA DE CIGARROS

Souza Cruz

Estas considerações nos são sugeridas pelo magnífico espetáculo de exaltação coletiva que foi a posse do governador Milton Soares Campos, consagrado nas ruas de Belo-Horizonte, sobre cujos ombros pesa neste momento o fardo de um dívida de honra contraída perante a opinião pública não só de Minas como do Brasil inteiro. Na vibração das massas, no seu entusiasmo sem limites, na exteriorização dos seus sentimentos de amor à terra natal, transparecia um estado de alma tranquilo e feliz, de par com uma confiança inabalável nos homens que recebiam naquele momento o bastão do mando.

Ao registrar a posse do novo governador de Minas Gerais e dos seus colaboradores diretos, epílogo de uma campanha memorável, manifestamos aqui a convicção de que os novos mandatários do povo mineiro, pelo seu passado, pela força do ideal que os anima e conforta e sobretudo pela exata compreensão dos compromissos assumidos, saberão corresponder ao aceno das massas como souberam inflamá-las para a arrancada libertadora. Nestas páginas está gravado um momento decisivo para o novo destino do grande Estado central e para o fortalecimento das nossas instituições democráticas. No desenrolar dos acontecimentos futuros estará em jogo não somente a sorte de um povo como, e principalmente, a saúde de um regime eternamente visado pelas arremetidas derrotistas dos interessados na falência dos seus sagrados princípios. Valha-nos a garantia dos homens que estão à frente desse salutar movimento de recuperação, reunidos em torno do nome de Milton Soares Campos, um dos maiores expoentes desta fase de renovação dos nossos costumes políticos. E se é verdade que eles empunham as rédeas do governo de Minas em circunstâncias assás delicadas, mais firme se robustece no animo dos seus concidadãos a certeza do êxito final, para cuja obtenção não lhes faltará o apôio irrestrito da brava gente montanheza e dos verdadeiros democratas.



Ao alto — O momento exato em que o sr. Milton Soares Campos, ao assumir as funções de Governador de Minas Gerais, prestava o compromisso perante a Assembléia Constituinte. A sua esquerda está o deputado Feliciano Penna, presidente da Assembléia, e à direita o Arcebispo de Belo-Horizonte. Em baixo — O sr. Milton Soares Campos, ao chegar ao Palácio da Liberdade para assumir o Governo, é aclamado ruidosamente pela massa popular. Durante os festejos que assinalaram a posse e a transmissão do cargo ao novo Chefe do Governo mineiro, as ruas de Belo-Horizonte encheram-se de uma multidão imensa, que manifestou sem reservas o seu entusiasmo pelo magno acontecimento, ratificando na praça pública a sua vontade expressa nas urnas livres.

